

CADERNOS DE TIPOGRAFIA
E DESIGN 13

arte da
impressom

Aparecimento da Imprensa
em Portugal, Espanha e Aléxico.
Digitalização de Bólicas
Rotundas.

Índice de temas

Actual.....	3
A origem do ñ/Ñ, o uso do til.....	6
A letra gótica em pedra	8
Cataldo Sículo, introdutor do Latim humanista no reino manuelino	10
A invulgar história de Valentim Fernandes, o tipógrafo morávo que foi pago em especiarias por imprimir as leis de um rei venturoso	16
O Manuscrito de Valentim Fernandes	35
Manuel I, editor e bibliófilo.....	37
Apontamentos para a Prototipografia em Espanha (I)	42
Diferenciando os tipos metálicos, catalogando os incunábulo.....	49
A importância da Gótica Rotunda.....	52

Esta edição dos Cadernos (versão 1.2, integrando correcções de Sofia Nunes Bernardes), dedicada aos incunábulo e livros quinhentistas ibéricos, resume alguns meses de pesquisa em Bibliotecas e na Internet. Parece-me valer a pena este esforço, já que há muito tempo não se publicam trabalhos de índole tipográfica sobre a primeira etapa do livro impresso em Portugal e Espanha. Os resultados desta pesquisa cristalizaram-se na produção de várias fontes digitais (Góticas Rotundas), com as quais tentei fixar a primeira etapa do Património Tipográfico Ibérico. Na Penín-

sula Ibérica, a passagem do livro manuscrito para o livro impresso foi efectuada tardiamente, no último quartel do século xv. Em meados do século xv, a Imprensa apareceu na Europa. Com uma rapidez nunca vista, foram produzidas obras de carácter religioso e, logo depois, literatura, poesia, relatos de viagens, obras de história, de medicina, etc.

O livro impresso, prenúncio da Modernidade, dinamizou uma época de profundas transformações nos costumes e mentalidades, e até desconcertou a ordem moral e social. Contudo, em Portugal e Espanha, o livro impresso foi — infelizmente! — durante longo tempo um estabilizador do poder vigente e da religião estabelecida.

Começando por ser objecto de luxo, como é o caso da *Vita Christi* impressa por Valentim Fernandes, o livro torna-se gradualmente mais acessível a todos. Foi introduzido em Portugal em 1485 por tipógrafos judeus, conforme descrito nos Cadernos Nº 12. Floresceu no nicho das comunidades sefarditas durante poucos anos, porque os Judeus foram expulsos. Já a «Imprensa oficial» em Portugal e Espanha foi promovida e protegida pelo poder régio; os impressores radicados em solo lusitano até podiam alcançar honras de cavaleiro da casa real...

Boa Leitura!

Paulo Heitlinger

Ficha técnica

Os Cadernos de Tipografia e Design são redigidos, paginados e publicados por Paulo Heitlinger; são igualmente propriedade intelectual deste editor. Qualquer comunicação dirigida ao editor — calúnias, louvores, ofertas de dinheiro ou outros valores, propostas de suborno, etc. — info. tipografia@gmail.com.

Os Cadernos estão abertos à mais ampla participação de colaboradores, quer regulares, quer episódicos, que queiram ver os seus artigos e as suas opiniões difundidos por este meio.

Os artigos assinalados com o nome do(s) seu(s) autor(es) são da responsabilidade desse(s) mesmo(s) autor(es) — e também sua propriedade intelectual.

Conforme o nome indica, os Cadernos de Tipografia incidem sobre temas relacionados com a Tipografia, o typeface design, o design gráfico, e a análise social e cultural dos fenómenos relacionados com a visualização, edição, publicação e reprodução de textos, símbolos e imagens. Os Cadernos, publicados em português, e também em castelhano, galego ou catalão, dirigem os seus temas a leitores

em Portugal, Brasil, Espanha e América Latina. Os Cadernos não professam qualquer orientação nacionalista, chauvinista, partidária, religiosa, mística ou obscurantista. Também não discutimos temas pseudo-científicos, como a Semiótica, por exemplo.

Em 2008, a distribuição é feita grátis, por divulgação da versão em PDF posta à disposição do público interessado em www.tipografos.net/cadernos.

© 2007,8,9 by Paulo Heitlinger. All rights reserved.



Boas Festas e um Feliz Ano de 2009!

Actual

Sociedade Tipográfica de Montevideo

Está online o novo site da STM. Segue o release dos directores Vicente Lamónaca, José de los Santos e Fernando Díaz.

Tipografía Montevideo (TM) se transforma en el medio de difusión de la Sociedad Tipográfica de Montevideo (STM). Tiene enfoque diverso del abordaje a la disciplina tipográfica que buscamos registrar, difundir y compartir sumando conocimiento, participación, práctica profesional y amor a la letra.

Podemos decir entonces que TM se repiensa en función de las relaciones de intercambio sin descuidar la intención primera: ser el lugar de referencia para acceder a la información sobre Tipografía en el Uruguay. Es así que abre sus puertas al aporte de colegas de este lugar. El posicionamiento de la tipografía nacional en el contexto regional, será el resultado de la construcción colectiva en base al ejercicio, opinión, expresión, diferencia y reflexión. Bienvenido sea el debate con altura, si fuera necesario.

<http://www.tipografia-montevideo.info>

INUAF, Loulé: Mestrado em Marketing - Comunicação Multimédia / Janeiro 2009

Este Mestrado aprofunda conhecimentos e capacidades no Marketing, criando uma especialização em Comunicação Multimédia. A complementaridade entre o Marketing e a Comunicação Multimédia é essencial, pois a profissão de Marketeer exige uma constante actualização de conhecimentos e de capacidade para investigar no âmbito da própria actividade profissional.

Objectivos

- Desenvolver competências nas áreas de Marketing orientadas para a comunicação multimédia, nomeadamente na produção de artefactos comunicacionais multimédia e/ou na criação de conteúdos audiovisuais digitais;
- Criar a atitude de marketing, procurando formar gestores de marketing e comunicação multimédia que dominem os princípios, conceitos e técnicas fundamentais do marketing moderno;
- Desenvolver o espírito crítico estratégico que permita a evolução profissional;
- Adquirir um conjunto de competências de forma a incrementar o desempenho profissional;
- Aprofundar a área temática de Marketing, através da especialização em Comunicação Multimédia;

Descrição

Planificação e Direcção Estratégica / Sistemas Interactivos Multimédia / Linguagem Publicitária
Novas Tendências do Marketing Relacional / Concepção e Composição Gráfica / Empreendedorismo
Comunicação Publicitária / Gestão e Comunicação de Marcas / Técnicas de Realização de Vídeo
Mediatização de Produtos Multimédia / Concepção e Produção de CD-ROM e DVD

Duração

- Dois semestres – Especialização.
- Dois trimestres - Dissertação.

Destinatários

Titulares de um curso de licenciatura ou equivalente.

As candidaturas encontram-se abertas. O Curso tem início em Janeiro de 2009.

Informações:

Colégio de Pós-Graduações

Dra. Marlene Luís - Convento Espírito Santo, 8100-641 LOULÉ

Telefone: 289420470, 912210150

Fax: 289420478

Email: pos-graduacoes@inuaf-studia.pt

Biblioteca Municipal do Porto expõe selecção de livros antigos

O diário da viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1497, atribuído a Álvaro Velho do Barreiro, é apenas uma das atracções da excelente exposição *Tesouros*, patente na Biblioteca Municipal do Porto. O diário esteve em digressão por vários países europeus e, habitualmente, não está disponível para ser visto pelo público.

«Esta exposição é apenas uma pequeníssima amostra do que temos. São 55 peças que representam um pequeno grande tesouro da cidade do Porto», afirmou Isabel Santos, directora do Departamento Municipal de Bibliotecas.

A exposição inclui preciosas raridades como uma edição do matemático Pedro Nunes, da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, de 1614, o Foral da Cidade do Porto, datado de 1517, e edições antigas d'Os Lusíadas. «Queremos dar a conhecer um pouco daquilo que temos de mais precioso e raro», frisou Isabel Santos, considerando «muito importante partilhar o nosso património».

Estão também em exposição alguns dos mais de 80 volumes de manuscritos da *Livraria de Mão* do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, trazidos para a biblioteca portuense por Alexandre Herculano, além de manuscritos religiosos, militares e musicais, autógrafos e exemplares de cartografia.

A BPMP tem duas salas - a geral e a dos periódicos - orientadas para o claustro do antigo Convento de Santo António. O espólio tem exemplares raros que fariam as delícias da British Library. A Câmara Municipal do Porto deveria cuidar melhor esta sua «Jóia da Coroa» pois, junto com a Casa da Música e Serralves, a Biblioteca é uma peça valiosa do Património Cultural da Cidade Invicta.

A Exposição «Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto» poderá ser visitada, de segunda a sexta-feira, entre as 14 e as 19:30. Todas as segundas, quartas e sextas (respectivamente às 18, 17 e 15:00) e excepcionalmente aos sábados (15:00) são organizadas visitas guiadas, mediante inscrição prévia para bpmp@cm-porto.pt
Tel.: 225193480 (ext. 1417) - Fax 225193488.
A entrada é livre.

Biblioteca Pública Municipal do Porto
Rua D. João IV - Porto
Tel. 225 193 480 / Fax. 225 193 488

Portugal Brands: iniciativa privada promove o design português

Portugal Brands surge com o objectivo de promover uma exposição de marcas portuguesas no circuito mundial do design: Londres, Milão, Paris e Tóquio. O desafio foi lançado às empresas nacionais, previamente seleccionadas por serem ícones no âmbito do design e da criatividade.

O resultado pode ser conhecido já em Setembro na cidade de Londres, durante a London Design Festival, entre os dias 18 e 21, através de uma colecção prestigiada de tecidos e papéis de parede, mobiliário, iluminação e tapeçaria. Portugal Brands é um exemplo de cooperação entre empresas que acreditam que as parcerias podem ampliar um projecto e torná-lo mais eficaz. São promotores do projecto Menina Design e PressKit.

As marcas portuguesas que aderiram ao projecto são: Boca do Lobo, Confiança, Crere, Delightfull, Designerspad, Munna, Pedroso & Osório, Persono, Piurra, Temahome, Viriato, Ana Cristina Leite e João Noutel.

info@portugalbrands.pt
www.portugalbrands.pt

Tiago Gonçalves Nunes é o primeiro representante português na BIO.21

O design português tem pela primeira vez um representante na exposição da BIO.21: Tiago Gonçalves Nunes, 24 anos, viu o trabalho *90 Minutes Cup* ser seleccionado pelo júri do concurso, na categoria Concept Project. O facto de um designer português ser pela primeira vez seleccionado para esta bienal é um contributo para a projecção do *design made in Portugal*, e ganha relevância por causa da organização ter optado por restringir este ano o número de trabalhos seleccionados para assegurar um nível de excelência.

Com o apoio do Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos, sediado na Marinha Grande, foi criado um modelo tridimensional da *90 Minutes Cup* que estará agora a concurso no evento. O Centro Português de Design deu um forte apoio técnico a este projecto.

A *90 Minutes Cup* é inspirada no facto de ser recomendada aos trabalhadores uma pausa a cada 90 minutos. A base da caneca gira e acciona um sistema que ao fim de 90 minutos alerta para um coffee-break.

www.tgnunesdesign.com

Mudanças no mercado livreiro: Byblos falida, Buchholz reorganizada

O sonho transformou-se em pesadelo», comentou o administrador da Livraria Byblos, A. Areal, no comunicado em que anunciou a «apresentação à insolvência».

Américo Areal, antigo proprietário das Edições Asa, vendeu a editora a Miguel Pais do Amaral, para investir quatro milhões de euros na Byblos, que integrava um auditório, uma sala de exposições, uma cafetaria, uma área de venda de CD, DVD e jogos de computador. A meta era facturar 10 milhões de Euros por ano. Contudo, a mega-loja não chegou a durar um ano. Esteve sempre evidente que a Byblos apresentava sérios problemas de concepção e localização: não tinha parking próprio, e estava localizada numa zona de difícil acesso para o público que se movesse a pé.

No seu comunicado final, Américo Areal sublinhou as inovações que a Byblos apresentou, e as dificuldades que levaram ao fim do projecto. Entre as dificuldades, disse que «o mercado entrara numa enorme retracção e, face à crise financeira, os financiamentos foram também impossíveis de concretizar».

A Byblos encontrava-se já numa situação preocupante com «prejuízos acumulados no primeiro semestre» deste ano, o que provocou «um corte generalizado dos fornecimentos precisamente no segundo semestre, durante o qual seria possível promover-se alguma recuperação».

Localizada nas Amoreiras, em Lisboa, a Byblos empregava 30 pessoas e foi, segundo Américo Areal «a primeira livraria de fundo editorial no nosso país, disponibilizando a totalidade das obras publicadas em língua portuguesa». Um projecto que mereceu o interesse, sublinhou Areal, de livreiros norte-americanos, alemães, brasileiros, eslovenos, espanhóis, franceses, finlandeses, holandeses, ingleses, e italianos, mas que em Portugal não singrou.

A Livraria Buchholz abriu no dia 11 de Dezembro a sua segunda loja em Lisboa, no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, ao Chiado. «A abertura da Buchholz Chiado, sobretudo depois do fecho da Byblos, mostra que os livros não estão na miséria, que se pode criar um novo espaço e dar um novo ânimo – é um sinal do nosso empenho e da nossa confiança no sector livreiro e na cultura em geral», disse à Agência Lusa Karen Sousa Ferreira, sócia maioritária da Buchholz Livreiros.

A Livraria Buchholz, há algum tempo ameaçada pela falência, teve a sorte de encontrar ajuda na Fundação Agostinho Fernandes, que inclui duas editoras - a Sá da Costa e a Portugália Editores.

Daí - explicou Karen Sousa Ferreira - «surgiu a ideia de, visto que a nossa zona da Duque de Palmela é uma zona onde as pessoas já se acostumaram a ir, mas, por outro lado, não tem muito público de passagem, e como a zona do Chiado está muito concorrida, de momento, e a Sá da Costa está ali ao pé, aproveitar um espaço que era um antigo armazém da Sá da Costa para instalar ali uma Buchholz Chiado».

Além de continuar a política de ter livros importados «porque livros franceses e ingleses há relativamente poucos no mercado e esse era um nicho da livraria Buchholz da Duque de Palmela que vai ser mantido na nova livraria», Karen Sousa Ferreira indicou também que «há umas ideias de fazer um espaço de café, mas ainda não está bem esboçado».

O primeiro andar da livraria Sá da Costa vai ser todo posto à disposição de tertúlias, lançamentos, eventos culturais e a Buchholz Chiado pode aproveitar a proximidade da Sá da Costa e utilizar o seu espaço só para vender livros.

Na Buchholz da Duque de Palmela prosseguiram, já depois da compra pela Fundação Agostinho Fernandes, as actividades normais, incluindo alguns lançamentos de livros infantis.

A origem do ñ/Ñ, o uso do til/virgulilla

O ñ/Ñ (lê-se *enhe*) tem o valor fonético do dígrafo «nh» do português/brasileiro. Em castelhano, *España* tem a mesma pronúncia que *Espanha* em português. É a décima-quinta letra do alfabeto da língua castelhana, sendo também utilizada nos idiomas galego, basco, etc. e em algumas línguas ameríndias, como o Guarani. (Designação tipográfica: tilde; Unicode: 007E. Em caracteres HTML expressa-se com os códigos «Ñ» (Ñ) e «ñ» (ñ).)

Esta letra nasceu da necessidade de representar um som que não existia no Latim. Em princípios do século XII, os escrivãos ibéricos começaram a utilizar o til como acento gráfico para simplificar a grafia de letras duplas.

Determinados grupos consonânticos latinos, como o «gn», «nn» e o «ni» evoluíram nas línguas românicas (romances) para um som nasal palatal. Em cada um destes idiomas foi-se fixando uma grafia diferente para representar este som:

- gn em Italiano (*ogni*) e Francês (*soigner*),
- ny em Catalão,
- nh em Português (*canhão*). Parece que em Portugal a forma nh/NH não é autóctona, mas de origem da Ocitânia (onde ainda existe, por exemplo, em Gasconha = Gascuña), tendo chegado Portugal pela escrita dos trovadores.
- No Galego ainda se conserva uma variante do «N» chamada «N nasal», por que se pronuncia «pelo nariz» (*unha*), e que em Galego se escreve «nh» dado que não é considerado nem um «n», nem um «ñ». O diacrítico ñ/Ñ também foi adoptado na língua galega.
- O Ñ/ñ também existem no Tagalo (evidentemente, por influência do Castelhana nas Filipinas) e no Bretão.

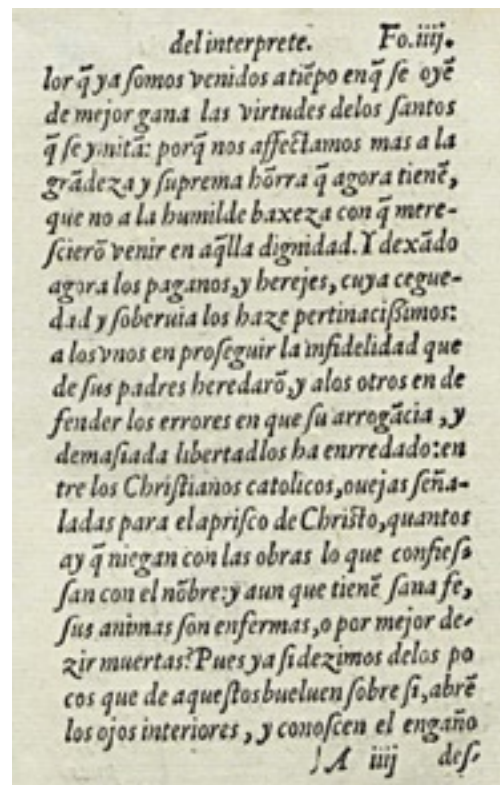
No castelhano medieval optou-se pela consoante dupla «nn», que se representava abreviadamente com um único «n», mas provido de uma marca ondulada em cima: o til.

De este modo, mudou-se «nn» para «ñ» e «aa» para «ã». Significa que nesta nova grafia se utili-

zou o til não só para o n, mas também para outras letras.

A tendência para usar o til em vez da duplicação de uma letra aumentou consideravelmente ao longo do tempo e já no século XIV, em Espanha, o ñ/Ñ era a única letra que se utilizava em casos de duplicação. As suas origens verificam-se em palavras como *año*, que vem do *annus* latino, escrito com n duplo.

Como todos sabemos, o til é usado para assinalar ditongos nasais como «ão» e «õe». Em Castelhana, foi usado para assinalar vogais nasais, como «õ». Na obra mostrada nesta página, o til assume a forma da *virgulilla*, semelhante a um «jota deitado». Serve



Escala espiritual, la qual contiene treynta escalones: por medio de los quales podra[m] los q[ue] quisiere[m] subir desde el menosprecio del mu[n]do y pequenez en Christo... / composta por Joa[m] Climaco, impressa em Alcalá de Henares em casa de Joan de Mey Flandro, 1553; 8° (14 cm). Digitalização da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

para nasalar, mas também para assinalar abreviações: q+~ = que

Também no português antigo, o til (ou sinais semelhantes) foi usado sobre outras vogais, por exemplo na palavra **ruĩ** (= ruim) e também deste modo: **ũ p̃ q̃ ó**, etc.

Durante o século XVI e XVII, a forma curva do til foi muitas vezes substituída pelo sinal que eu chamei um «jota deitado». Curiosamente, também a posição do til, mais vulgarmente posicionado na primeira letra dum ditongo nasal, passou a ser colocado sobre a segunda:

DOM JOAÃO V

Fiel a padrões históricos, foi assim que digitalizei um alfabeto da época de João V. Contudo, desconheço a «lógica linguística» ou a «lógica tipográfica» que levou a estas variantes, e ficarei muito grato a quem me poder dar alguma orientação neste pormenor do «jota deitado» e das incongruências da grafia ão/aõ.

Paulo Heitlinger
info.tipografia@gmail.com

Links:

enie, decimoséptima letra del alfabeto español, Ñ ñ | 2005 | enie.com.ar
http://www.perfil.com/contenidos/2007/06/08/noticia_0035.html
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/dig_nacional/cd-digita/jpg/res-277-1-v/index-HTML/M_index.html
<http://purl.pt/50>



Origem da lingua portugvesa, obra publicada em Lisboa, em 1606 (?). Neste livro, considerado a primeira ortografia do Português, o autor Duarte Nunes de Leão (1530–1608) usa alternativamente, o «ã» e o «aõ». Poder-se-á explicar esta incongruência por «gralhas tipográficas»? Esta assunção é pouco provável, já que o impressor Pedro Craasbeck era conhecido pela sua qualidade.

Origem da lingua portugvesa / per Dvarte Nvnez de Lião. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1606. 150 pág.

Duarte Nunes de Leão, jurista, linguista e historiador, de origem judaica, nasceu em Évora em 1530, e morreu em Lisboa em 1608. Formou-se em Direito Civil pela Universidade de Coimbra. Foi magistrado e desembargador na Casa da Suplicação. Defendeu a anexação de Portugal por Castela, mas foi mal recompensado pelos Filipes, que lhe moveram ou deixaram mover perseguições, no violento quadro anti-semítico da época.

A sua obra cobre o Direito, a História e os estudos linguísticos. Na primeira disciplina, publicou diversas colectâneas. A estes trabalhos dedicou a década de 1560. Deixou-nos investigações biográficas e genealógicas sobre a casa real portuguesa, e ainda uma *Descrição do Reino de Portugal*, que data de 1610.

Nunes de Leão publicou estudos pioneiros sobre o idioma português. Em 1576 veio a lume uma *Ortografia da Língua Portuguesa*, em que se assumiu como o fundador dos estudos ortográficos em Portugal. Em 1606 publicou a *Origem da Língua Portuguesa*.

Mais infos: <http://www2.hu-berlin.de/luzes2003/teilnehmer.html>

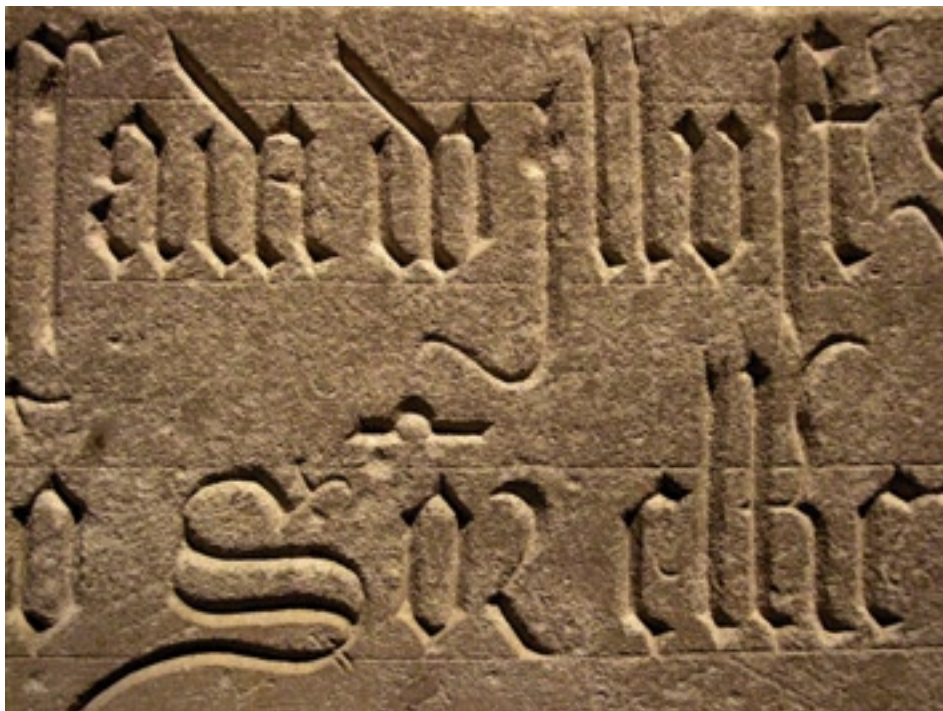


Epigrafe em pedra, Mosteiro da Batalha. Letras góticas. Compare a semelhança destas letras com as discutidas nas páginas 64, 65 e 66.

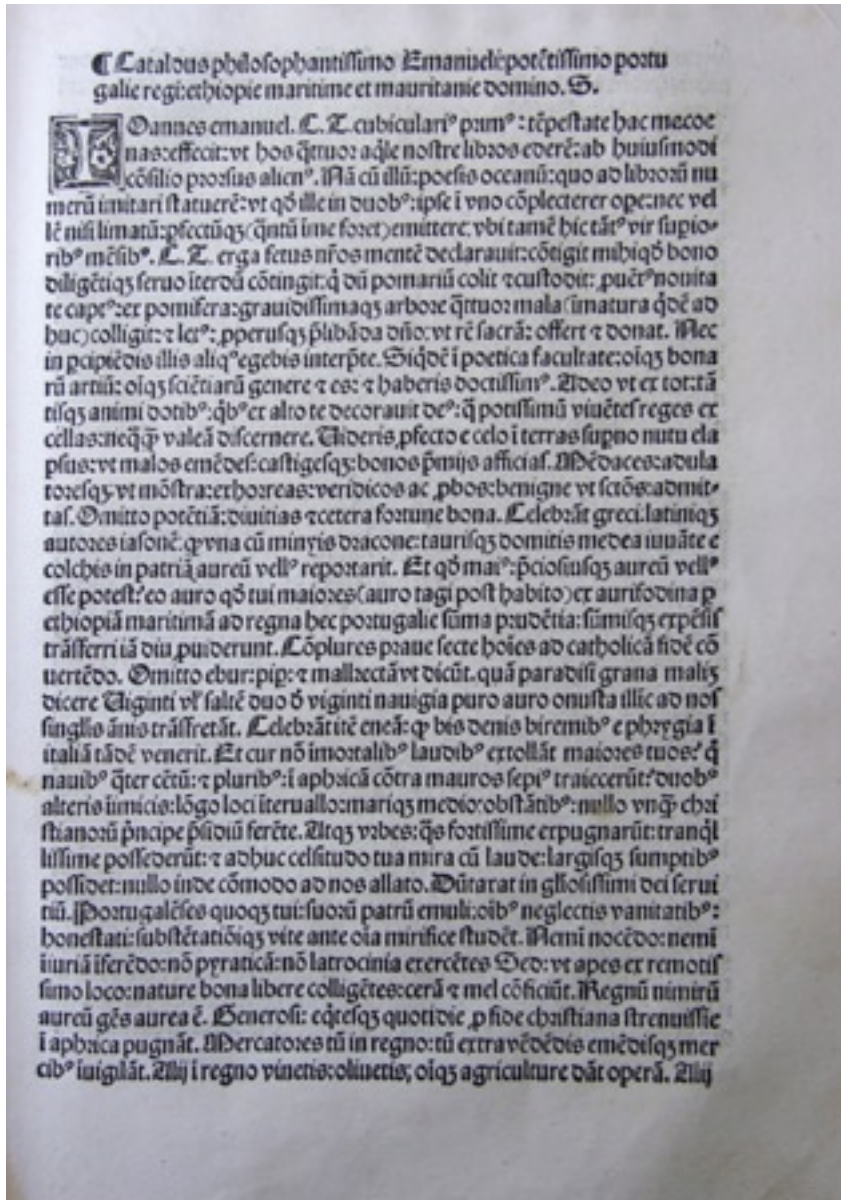
A letra gótica em pedra

Não foi apenas na Prototipografia portuguesa que encontramos marcada a presença ubíqua, quase exclusiva, da letra gótica. As letras quebradas foram as preferidas do estilo gótico e gótico tardio que em Portugal quase sempre substituiu o estilo Renascentista. Na Batalha e nos monumentos manuelinos, a letra esculpida em pedra é uma gótica condensada.

De facto, a consonância estilística com os estilos arquitectónicos chamados gótico e manuelino só poderia ter sido conseguido com as formas muito alongadas, compactadas e decoradas das letras góticas. Deste modo, praticamente todas as inscrições que encontramos em monumentos góticos e manuelinos são letras góticas, apresentando algumas variantes, mas mantendo sempre a coesão estilística com este gótico já fora de tempo. Em 2 páginas, alguns exemplos. ph.



Batalha. Repare na contracção «do». Foto: PH



Uma das cartas de Cataldo Sículo, impressas por Valentim Fernandes. O autor agradece à Direção da Biblioteca Municipal do Porto a autorização para fotografar o exemplar guardado nesta biblioteca, proporcionando um recurso essencial para a digitalização da Gótica Rotunda usada na impressão deste importante livro, primeiro testemunho do Latim humanista em Portugal.

Epistolæ et Orationes quedam Cataldi Siculi. Tipografia de Valentim Fernandes, Lisboa, 1500. Cartas e os discursos proferidos à princesa Isabel (filha dos Reis Católicos de Espanha) e à rainha Maria, segunda mulher de Manuel I.

Cataldo Sículo, divulgador do Latim humanista no reino manuelino

Giovanni Cataldo Parisio (1455 – 1517), também conhecido por Cataldo Sículo, foi um poeta e humanista siciliano que viveu em Portugal, sendo preceptor de príncipes e aristócratas.

Deve-se a Cataldo a introdução das «boas maneiras» do Humanismo renascentista em Portugal, sendo as suas obras as primeiras daquela corrente, impressas em Lisboa por Valentim Fernandes.

Notas de Paulo Heitlinger, baseadas nos extensos estudos do perito nesta matéria, Américo Costa Ramalho, e de outros autores.

Nasceu na Sicília, terá estudado nas Universidades de Bolonha, Pádua e Ferrara. João II contratou-o como preceptor do seu filho bastardo, Jorge de

Lencaestre. Cataldo Parisio Sículo nasceu em Sciacca (?), em 1455; conclui-se esta data a partir de referências na correspondência e nos versos deste humanista. Doutorou-se

em Direito Civil e Direito Pontifício na Universidade de Ferrara, em 1484. Por intermédio de Fernando Coutinho, então estudante em Itália e mais tarde bispo de Lamego e Silves, foi contratado para o cargo de *orator*, secretário latino e orador oficial de João II.

Algum tempo depois da sua chegada em 1485, começou a ensinar Jorge de Lencaestre, o filho bastardo e legitimado de João II, que foi duque de Coimbra a partir de 1509, Grão-Almirante de Portugal, mestre das ordens militares de São Bento de Avis e de São Tiago.

Vindo para Portugal aos 30 anos de idade, e falecido aqui cerca de 1517, Cataldo Sículo viveu mais tempo em Portugal do que na Itália. Do seu apego à segunda pátria temos testemunho em versos nos quais que se considera português por adopção.

A capacidade oratória e os seus conhecimentos do Latim «moderno» fizeram com que Cataldo ascendesse rapidamente na corte, passando a secretariar o rei na escrita de missivas em Latim para a Santa Sé e para monarcas e príncipes europeus. Depois da morte prematura do príncipe Jorge, continuou activo como preceptor de filhos da nobreza lisboeta.

Entre outras personalidades, educou Leonor de Noronha (1488-1563), uma das primeiras mulheres a publicar obra literária em Portugal. Em 1490 coube-lhe pronunciar em Évora o discurso de saudação à princesa Isabel de Castela, noiva do príncipe D. Afonso.

Em 1494, o médico, humanista e cartógrafo alemão *Jerónimo Münzer* (Hieronymus Monetarius) foi recebido por João II em Évora, conheceu Cataldo e o seu pupilo Jorge, e deles falou posteriormente no seu *Itinerarium*. Jorge de Lencaestre impressionou-o vivamente, pela facilidade com que se exprimia em Latim.

Em 1497 foi-lhe concedida uma pensão real e teve o apoio, particularmente na edição das suas obras, de alguns membros da aristocracia, nomeadamente de Pedro de Meneses, marquês de Vila Real e conde de Alcoutim.

«Importa referir que esta cultura humanista (em Portugal) vai estabelecendo pontos de contacto com os Descobrimentos e o seu meio envolvente. Todavia, desponta na sociedade portuguesa um clima de confronto entre defensores e críticos da cultura clássica. Uma atitude mais céptica em relação às navegações e a crença na absoluta necessidade do conhecimento antigo sobrevive em humanistas fortemente influenciados pela realidade italiana: António Ferreira, Sá de Miranda, Francisco de Holanda e o estrangeiro George Buchanan; a elevação dos feitos dos “Modernos” a par da defesa da “ciência” herdada dos antigos, que possibilitara a empresa descobridora, era uma opinião defendida intransigentemente por homens com formação humanista, mas que estavam em contacto com o meio náutico e mercantil-marítimo:

D. João de Castro (navegador e Vice-rei da Índia), João de Barros (feitor da Casa da Índia), Fernando Oliveira (piloto e tratadista naval) e Pedro Nunes (Cosmógrafo-mor); uma terceira posição, mais radical, que se regozijava com os feitos das navegações foi apanágio de Garcia da Orta (farmacêutico) e Duarte Pacheco Pereira (navegador). A cultura clássica continuou a desfrutar de inúmeros adeptos no seio da corte portuguesa, apesar de certas notícias adversas divulgadas pelos navios, que chegavam de longínquas paragens.»

Carlos Manuel Valentim, 2002.

Manteve contacto epistolar com humanistas italianos, entre os quais *Pontano*, *Platina*, *Filelfo*, *Guarino*, *Bartolomeo Filattete*, *Antonello Petrucci* e *Aurelio Brandolini*, tendo publicado parte da correspondência nas suas *Epistolæ et Orationes*, que foram publicadas em dois tomos (1500 e 1513). Cataldo publicou em Latim poemas, provérbios, cartas e análises do pensamento e da literatura dos clássicos. Algumas destas obras são hoje desconhecidas.

O Humanismo despontou no século XIV (!) em Itália, a Portugal chegou com, pelo menos, um século de atraso. Se formos ao âmago da questão, teremos que considerar que o primeiro genuíno Renascentista português foi o poeta Luís Vaz de Camões (1524 — 1580). Precisa Carlos Manuel Valentim: «Em Portugal o Humanismo foi introduzido por mestres italianos: Mateus Pisano, Estdvão de Nápoles e Catal-

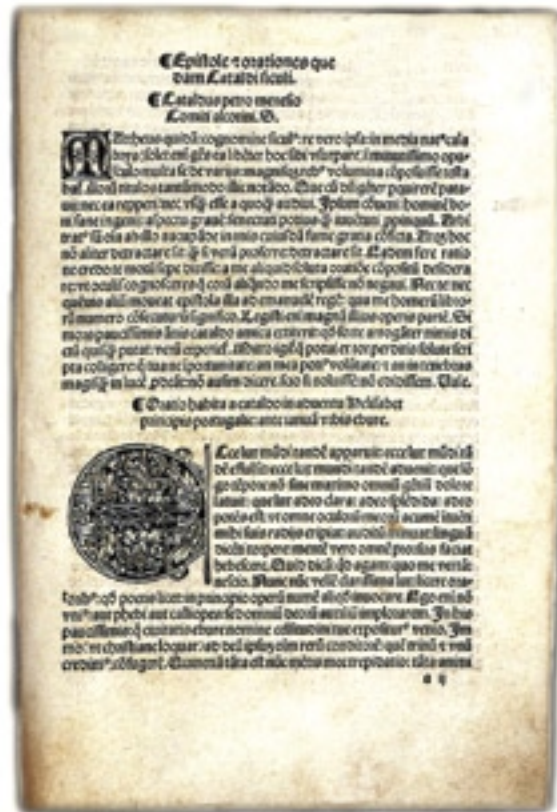
do Parísiso Sículo. Este Humanismo é de início essencialmente literário, aparecendo relacionado com o poder político e cultural do rei/Estado.» Faltaria acrescentar que uma das poucas componentes científicas do Humanismo entra pela primeira vez em Portugal através das famosas tabelas numéricas do *Almanaque de Abraão Zacuto* (Cadernos de Tipografia 12), precioso auxiliar da navegação náutica.

Foi Cataldo Sículo quem introduziu em Portugal o Latim «pagão», a linguagem usada pelos humanistas do *Quattrocento* e *Cinquecento*. Este Latim era substancialmente diferente do Latim então praticado em Portugal: o Latim eclesiástico, a língua franca da Idade Média.

As célebres cartas que *Cataldo Sículo* redigiu, ensinaram aos Portugueses o novo estilo e a eloquência *à la mode*, os maneirismos e as elegantes figuras retóricas próprias deste novo Latim. Tratava-se, como o exprime o próprio Cataldo, de aprender *o modo de falar polidamente, com elegância e beleza*. Cataldo não introduziu a cultura humanista em Portugal (provavelmente, poucos estavam interessados em conhecê-la), introduziu sim as «boas maneiras» e a retórica do Renascimento.

Quando os intelectuais italianos, começando por *Petrarca* (1304-1374, *Pai do Humanismo*), se voltaram para os autores antigos, começaram a recuperar os valores literários, estéticos e morais que estes tinham exaltado. Iniciou-se um trabalho de sincretismo que combinou as ideias de *Platão*, *Cícero* e outros autores da Antiguidade com as da época moderna, em que as Ciências exactas e a Política moderna ocupavam um lugar destacado. Esse esforço de síntese «explica» a Renascença.

E se o Humanismo foi mais pagão em Itália e mais cristão (protestante) no âmbito da fala alemã e da cultura anglo-saxónica, muitos intelectuais, como *Marsilio Ficino*, *Tomás Morus*, *Reuchlin* e *Erasmus*, tentaram combinar o Cristianismo com o Humanismo, tentativas que, a longo termo, revelaram serem



Epistolae et Orationes, de Cataldo Sículo. Obra impressa em Lisboa por Valentim Fernandes, em 1500. Esta compilação de cartas e discursos é a primeira publicação do Latim humanista em Portugal; mas a impressão desta obra, muito longe da estética renascentista, exhibe a fonte gótica tipicamente usada pelos prototipógrafos alemães activos em Portugal e na Espanha. Uma óbvia contradição entre forma e conteúdo...

ideologias incompatíveis e contraditórias. Em Portugal, o Humanismo nunca saiu de uma fase embrionária, pois, embora tenha tido tão brilhantes intérpretes como *Damião de Góis*, foi abafado pelas obscuras forças repressivas da Inquisição e pela neurose colectiva chamada Religião católica.

Neste contexto gostaria ainda de citar Ana Isabel Buesco, embora não esteja completamente de acordo com a autora: «...Na viragem do século xv para o século xvi, dois factores principais condicionam as manifestações da cultura portuguesa. Os valores do humanismo renascentista e do classicismo que, embora de forma ténue e restrita, ganhavam sectores das elites letradas, articulavam-se com uma receptividade relativa à dimensão evangélica do humanismo cris-

tão erasmiano que em Espanha alcançou uma ressonância particular na primeira metade de Quinhentos. A corte portuguesa foi, até meados dos anos trinta, um espaço privilegiado de abertura e permeabilidade às inovações culturais, antes de sofrer uma inflexão que acabaria por inviabilizar, em termos globais, a consolidação daqueles valores.» (João de Barros: Humanismo, mercancia e celebração imperial. *Revista Oceanos*, n. 27, 1996.)

Obras publicadas

Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi.

Tipografia de Valentim Fernandes, Lisboa, 1500. Cartas e os discursos proferidos à princesa Isabel (filha dos Reis Católicos de Espanha) e à rainha Maria, segunda mulher de Manuel I.

Poemata. Tipografia de Valentim Fernandes, Lisboa, 1501-1502.

Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi (II).

Tipografia de Valentim Fernandes, 1513 ou 1514.

Visiones. Tipografia de Valentim Fernandes, 1513 ou 1514.

Proverbia, foram impressos pelo menos três vezes.

A edição princeps, por Valentim Fernandes, em Lisboa, em 1500; foram reimpressos nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. II, no século XVIII, por António Caetano de Sousa; e reimpressos por Guido Batelli, em *O Instituto*, 78, 1929. Os *Provérbios* faziam parte da bibliografia de ensino do Latim, corrente ao tempo. Juntamente com as regras de construção do latim, as frases transmitiam aos alunos informações culturais variadas e «conselhos práticos para bem governar a vida». Em *Epistole II*, folha A6, dois pequenos bilhetes dirigidos a D. Jorge — a segunda e a quarta cartas — aludem ao uso prático dos *Proverbia* de Cataldo. A carta ao príncipe D. Afonso refere-se também a uma *Estilística Latina* que Cataldo teria escrito e oferecido ao príncipe, juntamente com os *Provérbios*. Como estes constituíam um pequeno volume, foram incluídos em *Epistole I*.

A *Estilística Latina* foi publicada por Manuel Saraiva Barreto sob o título *Uma Ars Eloquentiæ dos Primórdios do Humanismo em Portugal*, no Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 37, 1982, pp. 133-160.

Omnia Cataldi Aquille Siculi, quæ extant opera per Antonium de Castro denuo correctâ, ac nunc primum in lucem edita, Lisboa, 1509 (não se conhece qualquer exemplar).

Ramalho, Américo da Costa (editor). *Epistole et Orationes*, edição facsimile. Coimbra, Univ. de Coimbra, 1988.

Epistolas, II parte. Esta edição apresenta a fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas por A. da Costa Ramalho e A. Fernanda Oliveira e Silva de algumas das cartas e outros textos. Antecedem esta edição duas realizações: a primeira é a edição fac-similada das Cartas e Discursos de Cataldo,

com introdução de A. da Costa Ramalho, Coimbra, 1988 e a outra é a tese de mestrado apresentada à Universidade de Coimbra em 1992, por Augusta Fernanda Oliveira e Silva, *Algumas cartas a portugueses do século XVI (livro II) de Cataldo Parisio Sículo.*

Orationes Cataldis. Prólogo e notas de Maria Margarida B. G. da Silva. Coimbra.

Universidade de Coimbra. 1974. Introdução e revisão por A. da Costa Ramalho. Inclui o texto original em latim nas páginas anteriores à da tradução, notas ao pé da página, bibliografia.

Bibliografia

O mais diligente publicista a investigar e divulgar a obra de Cataldo Sículo é Américo da Costa Ramalho, professor catedrático jubilado da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. As suas áreas de Investigação: Línguas e Literaturas Clássicas; Latim Renascentista; Renascimento e Humanismo.

Ramalho, Américo da Costa. *Cataldo e André de Resende.* Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português, Universidades de Coimbra, Évora e Lisboa. Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 2002.

Ramalho. *Para a História do Humanismo em Portugal.*

Ramalho. *Um elogio em latim, contemporâneo de Miguel Corte Real.* In: *Humanitas*, vol. 25-26 (1973-1974), p. 3.

Ramalho. *Cataldo.* Intervenção no Colóquio internacional Humanismo Latino na Cultura Portuguesa, 17 a 19 Outubro de 2002, FLUP/Porto.

Ramalho, *Cataldo* in *Convegno internazionale di studi, Umanesimo Latino nella cultura portoghese.* Treviso, 2003. P. 35-42

Ramalho, *Alguns aspectos do Humanismo Goisiano* in *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento.* Actas. Braga, 2003. P. 285-294

Ramalho, *Humanismo na Corte de D. Manuel: Damião de Góis e o testemunho de Cataldo* in *Colóquio Damião de Góis e o seu tempo (1502-1574),* Actas. Lisboa, 2002. P. 1-14

Ramalho, *Cataldo Sículo em Portugal: alguns tópicos* in *Congresso Internacional do Humanismo Português.* CoimbraLisboaÉvora, 2002. P. 13-22

Ramalho, *Um Exemplar Memorável de Cataldo,* *Humanitas.* Coimbra. 54 (2002) 283-288

Ramalho, *Cataldo in Humanismo latino na Cultura Portuguesa.* Umanesimo Latino nella cultura portoghese. Porto, 2002. P. 35-41

Ramalho, *A literatura novilatina em Portugal* in *História da Literatura Portuguesa.* Renascimento e Maneirismo. Lisboa, 2001:Vol. 2. P. 23-46

Ramalho, *Congresso Internacional do Humanismo Português: Cataldo Sículo e André de Resende,* *Informação Universitária.* Coimbra. 10 (2001) 11-13

Ramalho, *Uma carta de Cataldo ao Conde de Alcoutim,* *Boletim de Estudos Clássicos.* Coimbra. 35 (Junho de 2001) 117-118

Ramalho, *Quatro Epigramas de Cataldo,* *Humanitas.* Coimbra. 52 (2000) 287-296

- Ramalho, *A velhice de Cataldo*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 34 (Dezembro de 2000) 133-134
- Ramalho, *Hermici Cayado. Ad Cataldum Parisium Siculum. Epigramma*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 33 (Junho de 2000) 95-96
- Ramalho, *Humanismo em Portugal* in Raízes greco-latinas da cultura portuguesa. Actas do I Congresso da APEC. Coimbra, 1999. P. 147-160
- Ramalho, *Uma carta e um epigrama de Cataldo*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 31 (1999) 111
- Ramalho, *Cataldo e a Expansão Portuguesa*, Arquivos do Centro Cultural Português. Lisboa-Paris. 38 (1998) 31-37
- Ramalho, *Uma carta de Cataldo a Pedro Homem*, Humanitas. Coimbra. 48 (1996) 257-266
- Ramalho, *Vida a bordo de uma nau em finais do séc. XVI*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 25 (Junho de 1996) 65-67
- Ramalho, *A Cultura na época de Tordesilhas*, Revista Oceanos. Lisboa. (18 de Junho de 1994) 32-40
- Ramalho, *Os Humanistas e a divulgação dos Descobrimentos in Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Congresso Internacional, Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991. Actas. Coimbra, 1993. P. 17-36
- Ramalho, *Itália nos primórdios do Humanismo em Portugal*, Anais da Academia Portuguesa da História. (1993) 491-505
- Ramalho, *Duas versões de uma carta de Cataldo*. Colóquio sobre o Livro Antigo. Lisboa, 23-25 de Maio de 1988. Actas. Lisboa, 1992. P. 337-347 a, 1992. P. 1337-1349
- Ramalho, *A Rainha D. Leonor e o seu tempo*, Revista Oceanos. 8 (1991) 96-101.
- Ramalho, *Cataldo, a Infanta D. Joana e a educação de D. Jorge*, Revista da Universidade de Aveiro – Letras. (1989-1990-1991) 179-200
- Ramalho, *A navegação pelos astros*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 10 (Dezembro de 1988)
- Ramalho, *Cataldo e D. João II* in *O Humanismo Português: 1500-1600*. Simpósio Nacional, 21 a 25 de Outubro de 1985, 1º. Lisboa, 1988. P. 11-29
- Ramalho, *Cataldo e a morte do Príncipe D. Afonso*, Biblos. 63 (1987) 45-52
- Ramalho, *Cataldo e a aluna bonita*, Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 6 (Dezembro de 1986) 73-74
- Ramalho, *Alexandre Herculano e Cataldo Parisio Sículo*, Convergência. (1977)
-
- de Martinho, *Cataldo Sículo*. Tese de mestrado na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, 1992.
- Barreto, Manuel Saraiva. *Uma Ars Eloquentiae dos Primórdios do Humanismo em Portugal*. Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 37, 1982.
- Batelli, Guido. *Parisi Cataldi Siculi Proverbia*. O Instituto, 78, Coimbra, 1929.
- Cavaleiro, Estêvão. *Nova Grammatices Mariae Matris Dei Virginis Ars*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1516.
- Silva, Augusta Fernanda Almeida Oliveira. *Algumas Cartas a Portugueses do Séc. XVI (Livro II) - De Cataldo Parisio Sículo - Introdução, Texto Latino, Versos e Notas*, Tese de mestrado, Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, 1992.
- Domingos Maurício Gomes dos Santos. *Cataldo Águila Parisio Sículo e a Princesa Santa Joana*, Porto. Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Secção VII, Porto, 1962.
- Ema Jesus Rodrigues Barcelos. *O Livro II do Poema A Águia de Cataldo Sículo*, Tese de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986.
- Toipa, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa. *Cataldo e as duas Princesas*. Tese de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991.
- Silvestre, Maria Beatriz Silvestre. *A Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*, Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, 1965 (diss. de Licenciatura, dactilografada).
- Salvatore Statello. *Cataldo Sículo - Un umanista siciliano, grande in Portogallo, ma dimenticato in Sicilia*, Revista Agorà, n.º 21-23, Editoriale Agorà, Catania, 2005.
- Simão Pires Diz. *Humanismo Italiano e Cultura em Portugal nas Epístolas de Cataldo*. Tese de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986.
- Valentim, Carlos Manuel. *Meestre João Faras - um Sefardita ao Serviço de D. Manuel I*. In: Cadernos de Estudos Sefarditas, n.º 1, 2000 pp. 167-220.

Cordeiro, Adriano Milho. *O Poema Triunfo dos Anjos e das Musas que se Congratulam com Gonçalo Filho*

A carta ao príncipe D. Afonso que antecede os Provérbios, nas *Epistole* de Cataldo.

*Cataldus Alphonso Portugaliae príncipi.
Salutem.*

IPosteaquam opus illud ab invictissimo rege. patre tuo. mihi demandatum prae feceram. fortunatissime princeps. cogitavi tecum quid nam et arguto ingenio tuorum et isti probae indoli iocundum ac conducibile tali tempore existeret. Duo potissimum mihi in mentem venerunt: alterum moralis fuit disciplina proverbiis quibusdam annotata: alterum vero polite. ornate. pulchreque dicendi genus. Ex quibus tum voluptatem. tum emolumentum aliquid Celsitudini Tuae futurum iudicavi. Nec non tui amantissimo patri rem gratissimam fore arbitratus sum. Quas quidem lucubratiunculas qualescumque et quantaeque sunt. ut nomini tuo sponte dicavimus. ita iussu tuo infectas adhuc. tibi emisimus ut. donec reliquum absolueremus. aliquam his principis operam dares: utique tu ipse nullo indigens interprete a moralibus ad elegantias te transferres. rursum ab elegantias ad moralia animum deduceres. Quo fieret ut paucis post diebus ex illustri multo efficereris illustrior. Et quemadmodum ceteros principes ingenio. moribus atque omnibus animi corporisque virtutibus excellis. ita bonis artibus optimisque institutionibus uinceris. Fac. precor. ne plus curae in te formando habuerit natura quam tumet in te ipso expoliendo. exornandoque adhibueris diligentiae. Quod si facies parentibus in primis et populis non minus fere externis quam tuis rem periocundam te facturum existima. Addeque ex faustis initiis ad ampliora et ad huius praecipue operis absolutionem plurimum excitabis. Vale.

Composição com a fonte digital «Valentim Fernandes», da autoria de Paulo Heitlinger. Como o programa InDesign não oferece uma hifenização para o Latim, o idioma associado a este texto foi ...o catalão.

Cataldo ao príncipe Afonso de Portugal. Saudações.

Depois de ter completado a obra pedida pelo invictíssimo rei, teu pai, reflecti sobre que coisa seria agradável e útil não só para o fino engenho dos teus familiares, mas também para essa tua índole virtuosa, nos tempos que decorrem.

Acima de tudo, dois projectos me vieram à mente: um foi a disciplina moral anotada em alguns provérbios; outro, porém, foi o modo de falar polidamente, com elegância e beleza. E destes trabalhos, eu pensei que havia de resultar, para Tua Alteza, quer prazer, quer algum proveito. E também para teu amantíssimo pai, penso que seria uma coisa muito agradável.

Estas reflexões, por insignificantes que sejam e de pouco valor, assim como as dedicámos espontaneamente ao teu nome, assim, por tua ordem, a ti as enviámos ainda imperfeitas para que, até acabarmos o que falta, prestasses alguma atenção a este começo; e para que tu próprio, sem precisar de ajuda, pudesses transferir-te da Moral para a elegância do estilo e, inversamente, conduzisses o teu espírito do estilo elegante para a Moral. E assim aconteceria que, em poucos dias, te tornasses, de ilustre, muito mais ilustre.

E, assim como tu excedes os outros príncipes no engenho, nos costumes e em todas as virtudes da alma e do corpo, assim também os vencesses em boas acções e excelente educação.

Esforça-te, peço, por que não tenha tido a Natureza mais empenho em modelar-te do que tu próprio diligência em polir-te e aperfeiçoar-te. E se assim procederes, farás coisa muito agradável aos teus pais, em primeiro lugar, e aos povos estrangeiros não menos do que aos teus. E, a partir de auspiciosos começos, incentivar-me-ás muito a outros trabalhos e, sobretudo, à conclusão desta obra. Adeus.



o leão de duas caudas

A invulgar história de Valentim
Fernandes, o tipógrafo morávo que
foi pago em especiarias por imprimir
as leis de um rei venturoso



O comércio da *pimenta* foi (e continua a ser) importante no subcontinente indiano, de onde era trazido por mercadores muçulmanos para o Ocidente, distribuída por Genoveses e Venezianos. O seu valor chegava a ser tão alto que foi utilizada como moeda. Esta especiaria, apreciada desde tempos imemoriais, foi uma das principais causas da expansão e do apogeu do império colonial português no Oriente. Um quintal de grãos de pimenta (60 kg) chegou a valer, à época, 52 gramas de ouro!
Foto: André Karwath.

Ferandes foi um impressor morávio que obteve privilégios de impressão em Portugal a partir de 1495. Hoje conhecemos 18 livros por ele impressos, seis dos quais foram produzidos no século xv. A sua produção é a mais significativa da era manuelina e da Prototipografia portuguesa – e demonstra que a força motriz por detrás da evolução da Imprensa em Lisboa foi o comércio das especiarias. Comentários de P. Heitlinger.

Quando se estabeleceu em Portugal, Valentim da Morávia dominava o Alemão (sabemo-lo através das cartas que trocou com comerciantes e humanistas), o Latim e o Toscano (idiomas que traduziu), o Castelhano (trabalhou em Espanha) e o Português (aqui passou 25 anos de vida profissional). Parte destes conhecimentos pode tê-los adquirido em viagens pela Europa. Foi comerciante, tradutor e autor-cronista; foi também tipógrafo-impressor-livreiro, investigador, historiador e geógrafo.

Valentim Fernandes nasceu na Morávia, zona de influência política e cultural alemã, perto da Boémia, com prelos a trabalhar desde a década de 1480. (Em 1486, Conrad Stahel imprimiu o primeiro livro em Brno.) Como a Tipografia estava muito mais desenvolvida na Alemanha, é provável que tenha aprendido a «arte de ympresam» na Alemanha do Sul, zona geo-

gráfica que, ao longo da sua vida inteira, foi a sua referência cultural e comercial mais importante.

No ano de 1493, Valentim Fernandes esteve em Sevilha, antes de chegar a Portugal, provavelmente em 1494. A decisão de vir para Portugal dá-nos a impressão que o perspicaz Morávo tinha uma claríssima percepção das evoluções que se estavam a operar em Espanha e em Portugal. Se por um lado a Espanha estava no limiar de usufruir as riquezas das suas primeiras poses coloniais (Colombo tinha descoberto as Ilhas do Caribe em 1492), o mercado tipográfico em Sevilha já estava saturado.

Se Valentim Fernandes se tivesse estabelecido em Sevilha, seria apenas «mais um» dos prototipógrafos alemães a trabalhar na capital andaluza, e ficaria sempre em luta com uma séria concorrência. Contudo, Fernandes não esteve em vão em Sevilha; lá terá

A Morávia (Mähren, Morawien, Morava) é uma região da Europa central, formando hoje a parte oriental da República Checa. As principais cidades são Brno, Olomouc e Ostrava. O nome vem do rio Morava. Os Morávios falam diversos dialectos do Checo. Além de Valentim Fernandes, podemos recordar outro importante intelectual morávo, um humanista de dimensão europeia, conhecido por *Augustinus Olomucensis* ou *Augustinus Moravus* (*Augustin Käsenbrot*), autor de uma das edições das *Tábulas Alfonsíes*, em Veneza.



A Torre de Belém, ícone manuelino da cidade de Lisboa. Foto: PH.

aprendido a lidar com a difícil mentalidade ibérica, tão diferente do espírito empreendedor e diligente dos alemães, e de lá terá trazido o primeiro material tipográfico para imprimir em Lisboa. Os contactos comerciais e pessoais que fez na capital andaluza perduraram a vida inteira, dando-lhe, entre outros benefícios, acesso aos materiais tipográficos de que necessitava em Lisboa.

Chegada a Lisboa, centro do poder manuelino

Em Lisboa, em termos tipográficos, ainda não tinha acontecido praticamente nada. Os prelos judaicos trabalhavam muito bem, mas

quase exclusivamente vocacionados para a sua comunidade, imprimindo livros em Hebraico, um mercado relativamente restrito. Era portanto em Lisboa que Fernandes melhor poderia capitalizar os seus conhecimentos tipográficos – num mercado praticamente ainda virgem, por explorar. E Valentim Fernandes teria tido alguma pressa, sabendo que em breve outros impressores alemães seriam atraídos até Lisboa – como de facto foi o caso.

Fazia já algum tempo que Lisboa tinha sido centro de actividades excepcionais. Uma delas foi — num já longínquo ano de 1451 —, o pomposo casamento celebrado em Lis-



Mapa de C. Colombus. Lisboa, oficina de Bartolomeo e Cristovão Colombo, c.1490. Bibliotheque Nationale de France (CPL GE AA 562 RES)

boa entre Leonor (infanta portuguesa, filha do rei Duarte) e Frederico III do Sacro Império Alemão. A partir daí, o porto de Lisboa evoluiu, tornando-se o pivot para as expedições de reconhecimento marítimo; a cidade estagnou.

A partir de 1490, Lisboa entrou em rápida transformação, evoluindo duma pequena cidade medieval para se tornar um dos grandes centros europeus no espaço de apenas poucos anos. O motor desta evolução, foi o saque e o negócio com as especiarias do Oriente: canela, pimenta, noz-moscada, caril, cravinho...

Vasco da Gama tinha aberto o caminho na sua violenta viagem de 1497 a 1499; nesses dois anos chegou por mar à Índia — e logrou regressar. Retornou vitorioso, trazendo uma carga de porcelanas, sedas, tapetes e especiarias — mercadorias exóticas, que garantiram lucros imediatos ao rei.

O esplendor iria instalar-se em breve em Lisboa, pois os ingressos da venda de especiarias reverteram directamente para a coroa portuguesa. Manuel I (1495 – 1521), monarca que reinou em termos absolutistas, via o erário da coroa como sendo sua fortuna pessoal, que esbanjou em caríssimas peças de luxo e de arte e em grandes construções de prestígio: Mosteiro dos Jerónimos (iniciada a obra em 1502 com vários arquitectos e construtores), Torre de Belém (iniciada em 1514), o Mosteiro da Batalha (nova etapa de construção de 1516 a 1517) e outras mais construções manuelinas de pompa e glória, espalhadas pelo país.

Fernandes, chegando de Sevilha, não foi para a periferia; escolheu a capital portuguesa para centro da sua acção. Foi hábil em aceder à corte e em obter os favores reais de um monarca que actuava como um novorico. O Morávo oferecia algo especial e valioso: um *know-how* ainda mal conhecido em Portugal: a impressão com tipos móveis. Até à data da sua chegada, esta tecnologia era essencialmente usada pelos Judeus sefar-

ditas, e por alguns poucos impressores portugueses, trabalhando em sítios como a remota vila de Chaves e a cidade do Porto.

A partir de 1495, e até 1516, Fernandes obteve privilégios reais de impressão, começando por servir Dona Leonor, viúva de João II, de quem foi escudeiro. Fernandes iria preencher uma importante nova função na corte — a de «impressor real». Manuel I iria ter mais um importante funcionário, como já o tinham toda uma série de monarcas, príncipes, papas e bispos: um impressor, na época também chamado «livreiro»

A *Vita Christi*, 1495

Com oficina tipográfica em Lisboa, Fernandes foi o primeiro a imprimir livros ilustrados em Portugal. A *Vita Christi* é um dos mais importantes incunábulo impressos em Portugal. Em quatro volumes *in-folio* impressos em Lisboa, em 1495, por ordem e a expensas do rei João II e de Dona Leonor, é considerado o terceiro incunábulo português (depois do *Sacramental* e do *Tratado de Confissom* (Chaves, 1489), — e o primeiro livro ilustrado impresso em Portugal. O atempado pagamento desta grande tarefa tipográfica terá garantido a Valentim Fernandes a «cash injection» necessária para expandir os seus negócios — e as suas actividades tipográficas.

A impressão foi executada em parceria com Nicolau da Saxónia, impressor alemão que também chegara a Portugal, vindo de Espanha. O molde da impressão poderá ter sido inspirada em outras prévias, por exemplo na de *Gerard Leeu*, feita em 1487 (oito anos antes da de Valentim Fernandes), uma brilhante demonstração da excelência dos xilogravadores e prototipógrafos holandeses.

Curiosamente, nas pesquisas portuguesas sobre a figura de Fernandes não têm sido mencionadas estas impressões anteriores — um cuidado que teria levado a relativar a suposta excelência do trabalho do Morávio,

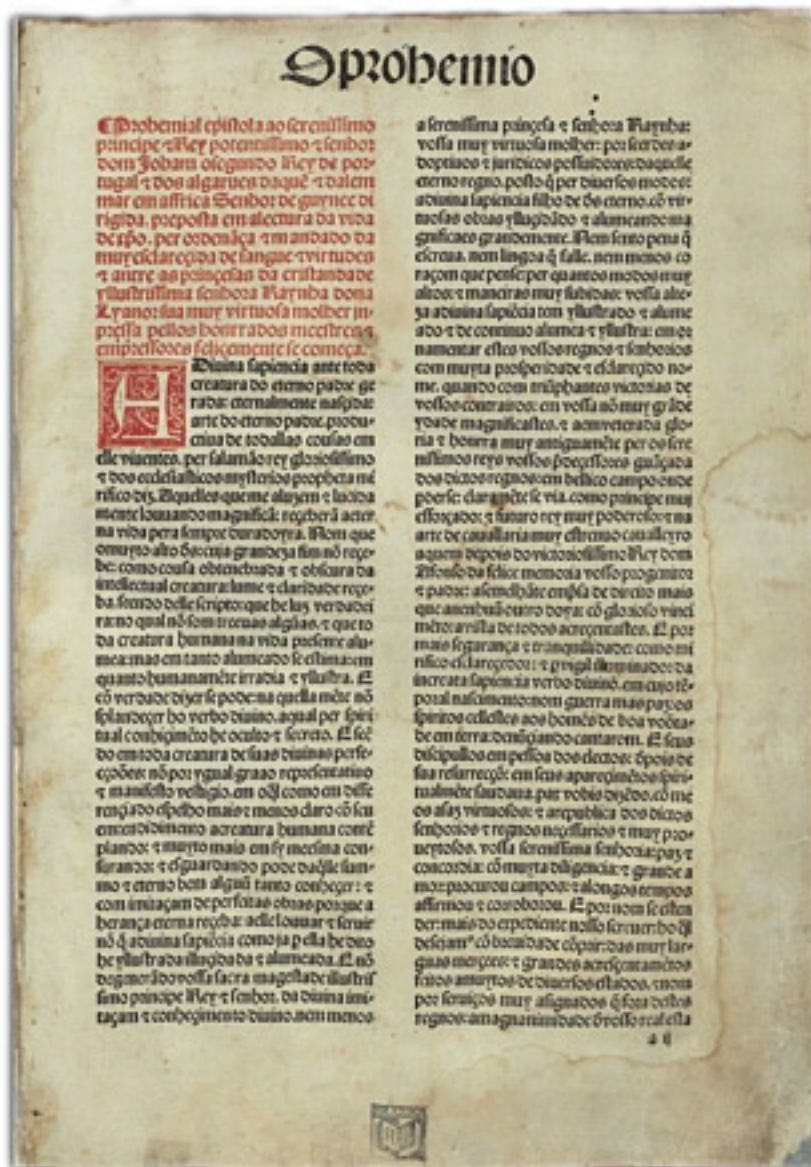
Durante a sua estadia em Portugal no ano de 1494, Münzer recolheu muitas informações que reuniu num escrito. Destacou nesse seu relato, entre outros aspectos, a presença insólita de animais e plantas da Guiné, que espalhados por toda a cidade de Lisboa, lhe davam uma singular atmosfera exótica.

Em 1502, os *Reyes Católicos* imitam o procedimento dos monarcas portugueses, mandando imprimir a tradução castelhana da obra de Ludolphus de Saxonia *Vita Cristi Cartuxano romançado por fray Ambrosio [Montesino]*. Impressa em Alcalá de Henares, por Stanislao Polonus; a costa de García de Rueda, 22 nov. 1502; 24 sept. 1503; 13 sept. 1503.



Porventura o mais valioso incunábulo feito em Portugal: *A Vita Christi*, impressa em Lisboa por Valentim Fernandes em 1495. As matrizes das xilogravuras (como a do Calvário) são de origem alemã. Mas a segunda gravura, que eventualmente representa o rei João II e D. Leonor, foi feita em Portugal.

O texto original, redigido em latim por Ludolfo de Saxónia, fora traduzido na Abadia de Alcobaça antes de 1445. O manuscrito alcobacense foi revisto pelos frades do Mosteiro de São Francisco de Xabregas antes de ir para a oficina de Valentim Fernandes.



«...Os caracteres são talhados num gótico robusto e claro, impressos a duas colunas num papel consistente e resistente, enquanto as gravuras, pela sua nobreza estilística e pela sua inspiração expressiva são dignas de um grandíssimo artista», comentou o especialista Pina Martins. Os caracteres metálicos da Gótica Rotunda usada por Valentim Fernandes já apresentam formas peculiares em algumas maiúsculas. Terão sido fundidos pelo próprio impressor.

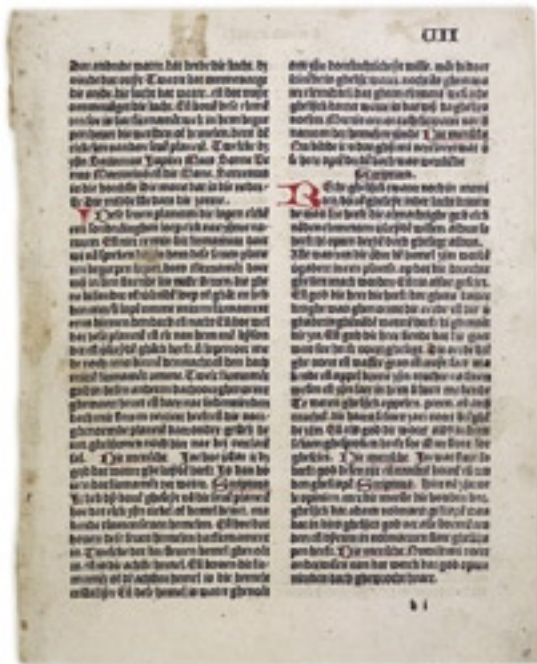
No texto corrido, realizado a duas colunas, seguindo as normas vigentes, Valentim Fernandes usou três corpos diferentes de letras. O tamanho médio foi impresso a rubro – assim como as iniciais, de estilo uncial. No texto, as citações são assinaladas por uma variante de texto «bold». Página do Proémio: digitalização patente no site da FPUL.



Dialogus creaturarum moralisatus. Terminado de imprimir em Antuérpia por Gerard Leeu, a 11 Abril de 1491. GW M22253. Typ.5:81/82G, Typ.8:98G

Uma impressão que pode ter inspirado Valentim Fernandes a imprimir a *Vita Christi* portuguesa foi *Boec van den leven ons liefs beeren ihesu Christi*. (GW M 19266, HC 10049). Esta impressão do famoso mestre impressor holandês Gerard Leeu foi feita em Antuérpia, no ano de 1487, em formato 2º (19,8 x 28,5 cm), a duas colunas de 38 a 41 linhas, com 137 xilogravuras coloridas à mão, e iniciais realçadas a vermelho.

Um ano mais tarde, em 1488, Claes Leeu, irmão de Gerard Leeu, publica uma segunda edição da *Vita Christi*, esta incluindo ainda mais xilogravuras: um total de 169 imagens. A quarta impressão flamenga é a de Peter van Os Zwolle, de 20 de Novembro de 1495.



Ludolfo de Saxónia. *Tboeck vanden leven ihesu Christi*, aqui na impressão de Peter van Os de Zwolle, terminada em 20 Novembro de 1495. GW M19272. Typ.8:100G. Peter van Os de Breda foi um prolífico impressor em Zwolle, autor de pelo menos 122 títulos de incunábulo, usando 11 diferentes tipos móveis. A *Vita Christi* que imprimiu foi escrita por Ludolfo da Saxónia (c.1295-1377), em Estrasburgo, no início do século XIV. Conhecemos muitas edições impressas deste livro, 18 latinas, 5 catalãs, 5 holandesas, 3 francesas e uma portuguesa – a de Valentim Fernandes. Um pouco mais tarde, a *Vita* também foi impressa em Espanha.



Twespraec der creaturen. (Diálogo das criaturas). Impresso em Gouda por Gerard Leeu, 4 Abril de 1481. 2º, 126 folia. - 170 E 26:2, fol. q5r. Em muitos aspectos, Gerard Leeu foi o impressor holandês mais importante do seu tempo, na sua zona cultural. Não só foi o impressor que mais xilogravuras empregou nas suas impressões, como também aquele que mais xilogravadores contratou. As suas sóbrias impressões são de uma espantosa beleza, alcançada pelas imagens coloridas à mão.

que de facto é inferior à dos seus colegas holandeses. Que este livro teria sucesso, também já o tinham demonstrado os flamengos, que em curto espaço de tempo executaram quatro edições, profusamente ilustradas.

A impressão da *Viti Christi*, em quatro volumes, foi executada em parceria com o impressor alemão Nicolau da Saxónia; mais tarde, Fernandes trabalharia em sociedade com outros tipógrafos estrangeiros, entretanto estabelecidos em Portugal: João Pedro de Cremona, Hermão de Campos (Kempos, Kempis), Nicolau da Saxónia.

Para a impressão dos quatro volumes deste livro em *lingoagem* (termo usado para caracterizar o português vernacular), com um total de 1060 páginas (!), Valentim Fernandes comprou papel no estrangeiro e terá usado (assim uma teoria que cursa na literatura) tipos móveis do alemão *Pedro Brun*, tipógrafo activo em Sevilha. Encomendou uma grande xilogravura do Calvário, atribuída ao mestre E.S., um dos importantes gravadores alemães do século xv.

Artur Anselmo escreveu que «a letra E que V.F. usou tem uma forma que aparece em Sevilha, nas oficinas de *Pedro Brun*, de *Meinard Ungut* e *Stanislau Polono*, na impressão dos *Compañeros Alemanes*, todos em actividade em 1495». Anselmo apoia-se em Konrad Haebler, que na obra *Die deutschen Buchdrucker* traçou conjecturas sobre a parecença dos caracteres metálicos de Fernandes com os das oficinas de Sevilha exploradas por alemães.

Mas parece-me que haverá que reescrever esta história. Primeiro, porque o tal E «com um traçinho em cima» não aparece nas impressões de Sevilha. De resto, acontece algo muito mais significativo: várias maiúsculas usadas por V.F. exibem particularidades que não aparecem nas impressões feitas em Espanha – o que permite até avançar a hipótese de Fernandes ter fabricado os seus próprios caracteres... De facto, nenhuma das suas maiúsculas coincide com as que tenho analisado nos impressos espanhóis da época!

O modelo tipográfico e a imposição seguidos, esses sim, foram aqueles de centenas de livros que imprimiram os tipógrafos alemães em Sevilha, Valencia, Burgos e outras cidades de Espanha: Gótica Rotunda, razoavelmente legível, com destaques no texto impressos em cor rubra – uma estética enraizada na cultura tardo-medieval alemã, flamenga e holandesa, e profundamente divergente da nova estética do Renascimento que já brilhava em Veneza.

A qualidade dos livros

Muitos elogios têm sido tecidos, propondo-nos a visão que a impressão feita por Valentim Fernandes foi de especial qualidade. Contudo, comparações com as produções de outros



«um leão coroadado, com as patas dianteiras levantadas e segurando um escudo pendente de uma correia que passa por detrás do pescoço do animal. O escudo ou o brasão ostenta o monograma do impressor (V Frz) (...) A cauda do leão. Erguida, biparte-se a meio. O desenho, de forma rectangular, está emoldurado numa cercadura grega, em torno do qual se lêem três versículos dos salmos... Em redor do desenho, uma inscrição em latim, «*Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuae letificauerunt animam meam. Et factus est mihi dominus in refugium*» (As tuas consolações alegraram a minha alma segundo a quantidade das minhas dores no meu coração. E Deus tornou-se o meu refúgio». Artur Anselmo, *Origens da Imprensa em Portugal*, p. 159, sobre a marca tipográfica de V.F.



Brasão da República checa, exibindo o Leão de duas caudas.

centros impressores na Europa podem provar o contrário. Os livros feitos por Fernandes não brilham, nem por melhor qualidade na composição e no desempenho do prelo, nem pela beleza dos tipos de metal, que em outros centros tipográficos já tinha atingido qualidades e expressividades consumadas.

Mas parece que Fernandes nunca foi confrontado com grandes exigências; bastava pois que fizesse os seus livros de um modo bem tradicional, ao gosto alemão medieval.

Valentim Fernandes sabia compensar a falta de qualidade com uma facilidade em produzir folhas de rosto vistosas, usando grandes capitulares em cor rubra, cheias de arabescos – para Português ver... Quando Fernandes misturava borduras e tarjas de desenho renascentistas com capitulares góticas ornadas, produzia as mais fantásticas «saladas russas» de estilos antagónicos, misturas eclécticas.

Para obter vistosos efeitos nos frontispícios, Fernandes recorria a enormes letras de madeira, irregulares, de pouca qualidade estética. Este estilo de portadas também foi praticado em Espanha e França.

Existem notórias diferenças na qualidade tipográfica das obras que produziu. A *Vita Christi* mostra uma execução mais esmerada, outras impressões são de pior qualidade. Desconhecemos por que razões. Várias vezes, Fernandes refere-se ao facto que os seus afazeres comerciais não lhe deixavam tempo para imprimir. A sua actividade principal era o comércio, sem dúvida.

Valentim Fernandes aproveitou todos os benefícios da sua posição quase monopolista – privilégio real, exclusivo – que o protegeu na sua actividade; tirou benefício da expulsão dos Judeus de Portugal, que, conforme Zacuto já o tinha feito em Leiria (Cadernos de Tipografia 12), rapidamente se teriam orientado para o mercado livreiro nacional e europeu, abandonando a sua original vocação de imprimir exclusivamente em Hebraico para as suas comunidades.

Quando o último Judeu saiu de Portugal, Valentim Fernandes tinha o mercado tipográfico local à sua conta, só necessitando de



Marca tipográfica de Nicolau da Saxónia (N) e Valentim Fernandes (V).

controlar os outros impressores alemães que entretanto tinham entrado em Portugal.

História de Vespasiano, 1496

O segundo livro ilustrado impresso por Valentim Fernandes foi a *Estoria de muy noble Vespesiano emperador de Roma*, que saiu do prelo em Lisboa; as gravuras são de origem alemã. Em 20 de Abril de 1496 foi concluída a impressão desta novela de cavalaria, editada em língua portuguesa. No ano anterior, quando Valentim imprimiu a *Vita Christi*, talvez o projecto de edição da *História de Vespasiano* já estivesse em curso, pois é quase uma continuação da *Vita Christi*.

Mas é possível que a doença de que João II sofreu nos últimos anos de vida fosse o motivo da impressão da obra, pois há uma similitude entre essa e a doença de Vespasiano. Na *História de Vespasiano* é contado que o imperador Vespasiano tinha a lepra. Lembremos que João II morreu em 1495, sem herdeiros legítimos. Antes de morrer, João II, sem opção de filho herdeiro, escolheu Manuel, duque de Beja, seu primo e cunhado (era irmão da rainha Leonor) para sucessor. Este Manuel seria o *Venturoso*.

A propósito de doenças e epidemias: No mesmo ano (1496), Valentim Fernandes imprimiu o *Regimento proueytoso contra a pestenhença*, uma tradução feita pelo padre franciscano Luís de Rás, do original de Johan Jacme. Explica Maria Carlota Rosa: «A autoria do *Regimento proueytoso*, obra que conheceu muitas versões em latim, também traduzida para o Francês e para o Inglês, foi amplamente investigada, especialmente por Mário da Costa Roque (1979). A partir da obra de Roque, considera-se seu autor Johannes Jacobi, ..., médico que teria vivido em Montpellier em meados do século XIV. D. Raminto (ou Ramitte, Canuto, Kanutus, Kaminti, Kamitus, Kamiutus, Kanunti), citado no texto português, teria estabelecido um <texto sincrético> (Roque, 1979, p. 302), acrescentando alguns elementos ao texto de Jacobi e omitindo outros. Frei Luiz de Rás foi catedrático de Filosofia Natural na Universidade de Lisboa e lente de Véspera de Teologia na mesma Universidade. Supõe-se ter morrido em 1520 ou 1521, uma vez que foi substituído na cadeira de Filosofia Natural em 24 de Janeiro de 1520 e ter sido essa cadeira posta em concurso em 16 de Fevereiro de 1521 (Roque, 1979, p. 309).»

Em 1501, Valentim Fernandes terminou a *Glosa famosissima sobre las Coplas de dō Jorge Marriq*, de Alonso de Cervantes, uma obra impressa – em língua castelhana! (A primeira impressão da *Glosa famosissima* ..., realizada em Lisboa em 1501, foi editada em facsimile por A. Péres Gómez, em 1961.) Reza o colofão: *Acabose la presente obra corregida y emendada por el mismo autor. E emprimida en la muy noble çybdad de Lisbona reyno de Portugal por Ualentyn fernandez dela prouincia de Morauia Año del naçimiento de nuestro señor Jhesu christo de myl y quinientos y vno año. A diez dias del mes de Abril. (f. 20v^a).*

Relatos de viagens

O impressor e publicista morávio tinha um bom «olfacto» para o tipo de obras susceptíveis de obterem sucesso no mercado livreiro em Portugal. Foi um dos primeiros a perceber que, no advento das expedições ultrama-

No início do século XVI, as viagens marítimas tornam-se um assíduo tema da Imprensa; inicialmente foram poucos textos informativos, como o curto relato sobre o melhor caminho entre Lisboa e Calecute, vindo a lume em 1505. Neste escrito sobre a Índia, terra onde a pimenta cresceria «semelhante às uvas», mencionava-se, desde já, que, a partir de agora, os Portugueses dominavam o negócio das especiarias, que os Venezianos até aqui transportavam por terra.

Den rechten Weg auß zu faren von Lißbona gen Kallakuth. ..., Nuremberga, 1505 (Georg Stuchs). Fácsmile, ed. John Parker, Mineapolis, 1956.

rinhas, entraria em moda um novo tipo de literatura: os relatos de viagens. Em 1502, Fernandes deu à luz três relatos: o *Livro de Marco Polo*, o *Livro de Nicolau Venetto* e a *Carta de Jerónimo de Santo Estevão*.

O texto do *Livro de Marco Polo* inicia com as palavras «Vimos oje coisas maravilhosas». Com este livro, Fernandes iniciou em Portugal a divulgação impressa de viagens intercontinentais. Na tradução e edição do *Livro de Marco Polo*, ao qual acrescentou partes de outros textos, Fernandes pediu a marinheiros portugueses que se dirigiam para as terras descritas que actualizassem as informações.

Fernandes, ao editar textos sobre viagens ao Oriente, foi inseri-los no seu contexto. No prólogo dedicado a Manuel I, Valentim Fernandes mostra o seu entusiasmo pelas viagens portuguesas, das quais beneficiava como mercador. É o fascínio de «novos e maravilhosos» descobrimentos de terras desconhecidas, de outros povos e riquezas que entraram por Lisboa, fazendo deste porto o ponto de escala entre a Europa, a Ásia e a África.

O *Marco Polo* que Valentim Fernandes publicou em 1502 (já organizara a obra a partir de 1501), é uma das primeiras edições europeias. Muito em breve, a sua actividade passaria dos relatos de viagens ao usufruto económico das viagens ultramarinas portuguesas. Sobre os problemas que teve na tradução do *Marco Polo*, escreve Fernandes: «*Outros y os latinos em sua cosmografia poõe as ditas prouincias & terras taes nomens que ho*



Especiarias fotografadas no mercado de Agadir, Marrocos, por Bertrand Devouard.

simpres. E nom letrado os nom pode entender assi como o vosso regno de Portugal he chamado pello latim Lusitania E a cidade de Sevilha Hyspali. E a ilha de Ingraterra Albion. E assi mesmo corrompem os taes vocabulos pella diversidade das lingoas que desvairadamente pronunciam os ditos vocabulos. E depois as tralladações delles de hia lingoa em outra. E sobre todo taaes vocabulos se corrompem dos ignorantes escrivões. que com pouca diligencia E muy incorreçta os escrevem. E assy se hui mal escreue sobreueem o outro E escreve muyto peyor. polla qual ficam taes vocabulos corruptos. ou per ventura fora de seu verdadeiro principio E esto depois causa grande duvida em os autores quando nom concordam em os taaes vocabulos. pello qual suplico humildemente E rogo a todos aquelles que vaam pera aquellas terras. das quaes ho presente liuro faz mençam. que taes vocabulos queiram emendar como oje se chamam E perdoem».

O mercador

A impressão, que provavelmente não rendia o suficiente para manter uma vida desafogada, foi talvez uma actividade apenas secundária de Valentim Fernandes. No ano de 1503 obteve a

sua nomeação como corretor (mediador) do mercado de Lisboa para as transacções de especiarias ultramarinas e de notário (ou tabelião) para os contratos dos comerciantes alemães entre si.

Valentim Fernandes foi escolhido pelo rei para *corrector do mercado de Lisboa para as transacções de especiarias destinadas à Alemanha*. Terá contribuído para esta nomeação o facto de ser oriundo de uma zona de influência alemã e de manter contactos com alemães influentes. Manuel I aponta três razões para a sua escolha:

- Existiam cada vez mais mercadores estrangeiros activos no comércio de especiarias na capital.
- Valentim era escudeiro da casa da rainha D. Leonor.
- Dominava o Alemão, e *por causa de sua linguagem e descriçom* seria capaz de desempenhar tal função.

O apontamento de Valentim Fernandes para esse importante cargo enquadra-se no esforço de organização encetado pelo rei, para otimizar o comércio com a Europa que lhe consumia as especiarias. Foi precisamente nesse ano — 1503 — que Manuel I criou a *Casa da Índia*, instituição que

Os Fugger foram um clã de banqueiros e mercadores alemães, financiadores de importantes empreitadas, como as grandes navegações ultramarinas e campanhas militares.

O membro mais importante deste clã foi Jakob Fugger, o Rico. Os seus negócios impulsionaram o comércio europeu e ultramarino. Por meio de seu representante Fernão de Noronha, foi o primeiro estrangeiro a investir no Brasil, em 1503. Fernão de Noronha foi um judeu/cristão-novo português. Rico empreendedor, comerciante e armador, Noronha era representante de Jakob Fugger na Península Ibérica. Juntamente com outros cristãos-novos, comerciantes portugueses, obteve concessão para explorar o Brasil durante três anos e em 1503 obteve da Coroa o contrato para exploração do pau-brasil. Em 1506, Noronha e os sócios extraíram das novas terras mais de 20 mil quintais de pau-brasil, vendidos em Lisboa com um lucro de 400% a 500%. Em 1511, associado a Bartolomeu Marchioni, Benedito Morelli e Francisco Martins, participou da armação da nau *Bretoa*, que retornou a Portugal com uma carga de 5 mil toras de pau-brasil, animais exóticos e 40 escravos.

lhe assegurava o monopólio régio para a navegação e o comércio com o Oriente.

Os negócios estavam englobados na *Casa da Guiné, da Mina e da Índia*, mais tarde o desenvolvimento comercial levou à especialização das casas. A *Casa da Índia* administrava as exportações para a Índia, o desembarque, a armazenagem e a venda de mercadorias orientais.

O monopólio régio aplicava-se às principais especiarias e à exportação de certos produtos, mantendo-se a coroa como a entidade reguladora do comércio em geral. (Registemos que uma similar *Casa de Contratación* foi fundada em 1503 em Sevilha.)

A actividade dos comerciantes estrangeiros na *Lisboa das Especiarias* era essencial para a dinâmica deste novo comércio. Aqui residiam representantes das dinastias alemãs de comerciantes, clãs como os Fugger (banqueiros e grandes comerciantes), os Welser (banqueiros) e outros mais. O protagonismo destes alemães na exploração ultramarina foi decisivo. As casas Fugger, Welser e Hoeschtetter (de Augsburgo) e as famílias Imhoff e Hirschvogel (de Nuremberga) enviaram os seus representantes para a capital portuguesa, a fim de participarem nas aliciadas empresas marítimas.

Reconhecidos exploradores e negociantes de prata e cobre, e financeiros de grandes empréstimos a reis e papas, estas casas comerciais alemãs podiam fornecer os capitais necessários para a aquisição de mercadorias no Oriente, constituindo um indispensável aliado da coroa portuguesa.

No acordo datado de 1503, estabelecido entre o monarca português e os representantes destas famílias, Manuel I reconhecia aos comerciantes alemães o direito de comprar e venderem mercadorias em todo o reino, isentos de quaisquer impostos. Foi neste contexto que Valentim Fernandes foi nomeado mediador entre alemães e portugueses – era o homem que actuava perfeitamente à vontade nas duas culturas.

Em 1505 (dois anos depois de Fernandes ser nomeado corretor) a sociedade comercial formada pelas casas Welser, Vöhlín, Fugger,



Em colaboração com o pintor Georg Albrecht Glockenthon, Martin Behaim construiu, entre 1491 e 1493, aquando da sua permanência em Nuremberga vindo do Faial, um dos primeiros globos terrestres conhecidos (que ele chamou *Erdapfel*, ou seja maçã do mundo), que o guindou para a fama. O Globo de Behaim seguiu a ideia de um globo construído por volta de 1475 para o papa Sisto IV, mas melhorando a representação e incluindo meridianos e o equador.

Höchstetter, Gossenbrot, Imhoff e Hirschvogel aparelhou três embarcações para participar activamente numa grande viagem portuguesa à Índia – a primeira viagem de negócios de mercadores alemães destinada a explorar os mercados ultramarinos de especiarias.

A casa Welser financiou com 20.000 cruzados o quinhão mais importante dos participantes nesta campanha: comerciantes alemães e italianos. Nesta expedição também participou o florentino Bartholomé Marchione. Um pungente relato da sua viagem à Índia, de 1505 a 1506, de Lisboa até Cochim e Calicute, escreveu o comerciante Balthasar Springer, ao serviço da casa Welser, na sua obra *Meerfahrt* (Viagem marítima) de 1509.

Nesta e noutras viagens de negócios participavam dos negócios famílias patricias de Nürnberg. Outras vezes, a participação foi de natureza passiva, realizada na forma de capitais investidos.

Martin Behaim

A figura de Martin Behaim (1459–1507), apresenta alguns paralelos com a biografia de Fernandes. Assim como o impressor morávo, Martin Behaim foi atraído pelo emergente empório de Lisboa e participou na transferência de *know-how* essencial para o Portugal das Descobertas. É quase impossível que não tenha conhecido o impressor morávo.

Behaim foi cosmógrafo, astrónomo e explorador; viveu durante alguns anos nos

Açores, alternando com estadias na Alemanha. Nasceu no seio de uma família patriciana de mercadores de Nuremberga, originária da Boémia (zona adjacente à Morávia). Vocacionado para o comércio, foi mandado em 1477 para a Flandres, para se introduzir no comércio internacional. No ano seguinte mudou-se para Antuérpia, onde se relacionou com a feitoria portuguesa aí existente. Já por conta própria, em 1480 partiu para Lisboa.

Em Lisboa, Behaim integrou a comunidade mercantil de italianos, alemães, e holandeses que apostavam na exploração ultramarina, travando conhecimento com navegadores, cosmógrafos e exploradores. Aparentemente, Behaim pôs a circular que teria sido aluno do célebre cosmógrafo *Regiomontano*, falecido em 1476; assim foi rapidamente integrado nos círculos ligados à Cosmografia e à Cartografia, sendo em 1483 convidado por João II para fazer parte de uma comissão, liderada por Abraão Zacuto, destinada a melhorar o astrolábio, na qual terá tido papel relevante.

Em 1484 embarcou como cosmógrafo da expedição de Diogo Cão à costa ocidental da África. Em 1486 fixou-se na ilha açoriana do Faial, onde se tinha instalado uma numerosa colónia flamenga capitaneada por *Jobst van Hürter*, o fundador da cidade da Horta. Nesse ano casou com D. Joana de Macedo, filha de *van Hürter*, integrando-se na nascente colónia faialense. Behaim permaneceu no Faial até 1490, ano em que parte para Nuremberga, aparentemente devido a negócios familiares. Permanece na sua cidade natal desde 1491 até 1493, período durante o qual constrói o seu famoso globo (Erdapfel). Em 1493 regressa ao Faial, via Flandres e Lisboa, permanecendo na ilha até 1506. Neste ano partiu para Lisboa, onde faleceu a 29 de Julho de 1507.

A longa estadia de Behaim em Portugal continental e no Faial pô-lo em contacto directo com as viagens de exploração marítimas. Fruto do seu relacionamento com os navegadores portugueses foi a redacção do



Noz-moscada, fotografada em Zanzibar por Mila Zinkova. Originária das Ilhas Molucas, na Indonésia, e em seguida introduzida na Índia, aí comumente usada, a noz-moscada foi levada para o Ocidente pelos Árabes, tornando-se, junto com a pimenta, uma das especiarias mais caras e procuradas. Foi um dos principais produtos comercializados pelo «rei-merceiro» Manuel I.

seu texto *De prima inventione Guinee*, escrito entre 1485-1490 e baseado nos depoimentos de Diogo Gomes. Martin Behaim retém neste escrito algumas das primeiras informações acerca da costa ocidental africana, bem como sobre as ilhas atlânticas, fixando, deste modo, de forma precisa e clara as primeiras impressões dos nautas portugueses respeitantes a novas regiões e a povos até então desconhecidos.

Hábil homem de negócios e humanista de cultura abrangente, é a Valentim Fernandes que devemos um dos mais importantes testemunhos sobre os Descobrimentos portugueses: as anotações sistematicamente manuscritas em 300 páginas, que hoje estão guardadas na Staatsbibliothek München, designadas por *Manuscrito de Valentim Fernandes*.

Este extenso manuscrito (veja o artigo neste Caderno) indica para um projecto que Valentim Fernandes não chegou a poder concretizar: A impressão de uma grande obra sobre as aventurosas navegações portuguesas, prometendo ser um capital *bestseller*.

O autor desta obra seria o próprio Fernandes.

Outros impressores se adiantaram a Valentim Fernandes, roubando-lhe o protagonismo de poder ter sido o primeiro a publicar livros impressos sobre os Descobrimentos. Nunca saberemos porque Valentim Fernandes não concretizou a sua fantástica oportunidade, sendo ele o homem que mais perto estava dos acontecimentos e das fontes...

Em Vicenza, em 1507, Antonio Fracanzano da Montalboddo compilou e editou o relato das viagens de Luís de Cadamošto numa colecção intitulada *Paesi novamente ritrovati...* a que logo se seguem muitas outras edições, em Latim, Francês, Inglês e Alemão, por toda a Europa.

Um ano depois, em 1508, esta obra publicase em Milão, em língua latina, com o título *Itinerarium Portugallensium* e publica-se também em Alemão: *Neue unbekante landte und ein newe weldte in kurz verganger zeythe erfunden*. Jobst Ruchamer, um médico de Nuremberga, tinha traduzido os escritos para o alemão, e Georg Stuchss feito a impressão.

Já em 1506, este impressor tinha publicado o opúsculo *Den rechten weg*, uma relato da viagem de Vasco da Gama. (*Den rechten weg ausz zu fareñ vñ Lisz=bona gen Kallakuth von meyl zu meyl/Auch wie der Kunig von Portigal yetz newlich vill Galeen ... /durch kallakuth in Jndien zu faren/ Durch sein haubtman also be=stelt als hernach getruckt stet gar von seltz=samen dingen.*)

Outras impressões

Em 1502 Valentim Fernandes imprimiu os *Poemata* de Cataldo Sículo. Como já assina-lei, em 21 de Fevereiro de 1503, Fernandes foi nomeado por Manuel I para o cargo de *corrector dos mercadores* de Lisboa, com funções de tabelião. Valentim Fernandes colaborou com os agentes comerciais estabelecidos em Lisboa e manteve os seus contactos com personalidades nas cidades alemãs de Nuremberga e Augsburg, onde residia um grupo



Ho liuro de Marco paulo. Ho liuro de Nicolau veneto. O trallado da carta de hui genoues das dittas terras.

Ho liuro de Nicolao veneto.
O trallado da carta de hui genoues das dittas terras.
O privilegio del Rey nroso señor. Anribuñ faça a impres-
sam deste liuro. n'ho veneta em todas as r' regnos e s'mbor-
nos sem lição de Valentim fernã de s'fo pena cõdena na car-
ta do s'c'p'calegio. No p'ço de s'c. LXXXI de s'c'ca.

de humanistas, entre eles, o *Stadtschreiber* (cronista municipal) Konrad Peutinger, a quem Valentim Fernandes enviaria cartas com diversas informações referentes às descobertas, como se pode testemunhar, por exemplo, na carta de 16 de Agosto de 1505, em que presta informações sobre a preparação e os objectivos da viagem de D. Francisco de Almeida para a Índia.

O facto de Valentim Fernandes estar bem integrado na corte em Portugal e de ter acesso às melhores informações estratégicas, valorizaram a sua função de informador dos grandes interesses económicos alemães, cujo capital financeiro foi a real força motriz a impulsionar a exploração do Ultramar e das suas riquezas: ouro, escravos, especiarias e madeiras.

Descoberto o Brasil em 1500, já em 1503 Manuel I tinha vendido a exploração da nova colónia ao todo-poderoso Jakob Fugger, o Rico. Jakob tinha apostado na nova Rota das Especiarias e obtido no dia 3 de Outubro de 1503 da *Casa da Índia* a licença régia para gerir um entreposto em Lisboa para transacionar pimenta e demais especiarias, assim como pérolas e pedras preciosas.

Já em 1505, os Fugger, em parceria com outros comerciantes alemães, financiavam a



Coentro, uma das especiarias importadas da Índia, e uma das poucas que se enraizou nos hábitos culinários dos Portugueses. Foto: Sanjay Acharya

primeira viagem marítima alemã às Índias, integrando três naves nos 22 barcos da frota do primeiro vice-rei da Índia, Francisco de Almeida, que, zarpando no dia 25 de Março de Lisboa, alcançou a 13 de Setembro a costa da Índia. A empresa terminou em 1506, de volta a Lisboa, e embora um terço dos valores de mercadoria importada tivessem que ser transferidos ao rei de Portugal (o Venturoso!), o lucro líquido ficou na ordem dos 175%.

Em 1504, saem do prelo de Valentim Fernandes mais três livros:

- *Regimento dos ofiçiaaes... destes Regnos*, terminado em 20 de Março,
- *Cathecismo pequeno*, de D. Diogo Ortiz, acabado de imprimir a 20 de Junho. Na impressão deste *Cathecismo* trabalhou com João Pedro de Cremona.
- *Regra e diffinções da Ordem do Meſtrado de Nosso Senhor Iesu Christo*, de qual obra foram impressas duas edições.

Possivelmente em 1505 imprimiu a *Epistola serenissimi principis Hemanuelis... ad Summã Romanu Pontificem*, uma carta de Manuel I ao papa Júlio II.

Em 16 de Dezembro de 1505 conclui a impressão dos *Autos dos Apostolos*, continuação do texto da *Vita Christi*.

Durante a epidemia de peste que assolou Lisboa, Fernandes fez um interregno na sua actividade de impressor. Regressado a Lis-

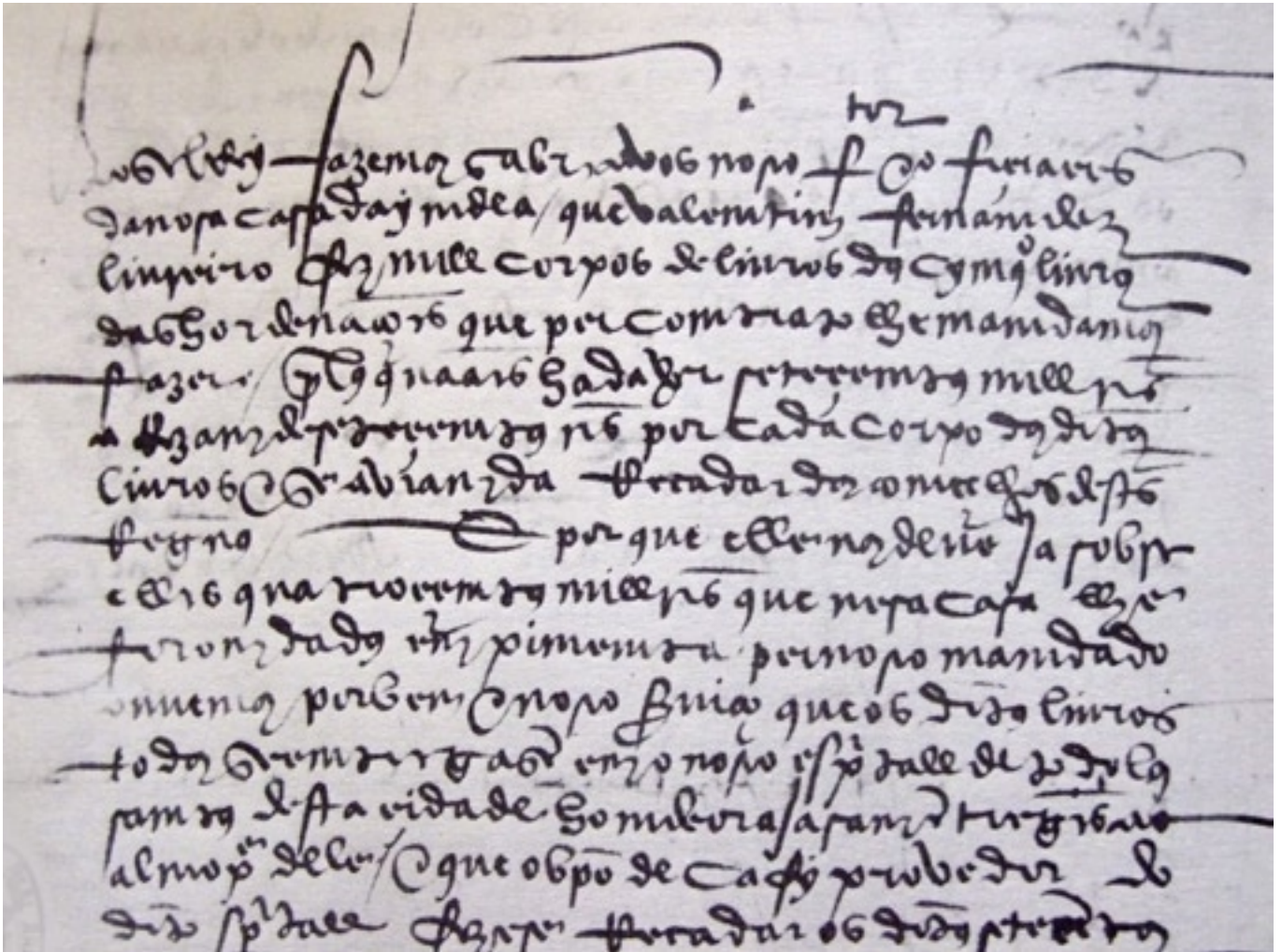
boa, retomou a actividade de tipógrafo e imprimiu, provavelmente em 1510 ou 1511, uma versão portuguesa dos *Evangelhos e Epístolas*, de Guilherme de Paris. Esta edição de Valentim Fernandes é uma cópia literal da impressão feita pelo impressor Rodrigo Álvares no Porto.

As Ordenações Manuelinas (1510-1514), pagas em pimenta

Pouco depois de 1510, Fernandes foi encarregado por Manuel I de imprimir as *Ordenações* do reino de Portugal. Valentim Fernandes imprimiu-as em cinco volumes — uma monumental codificação do ordenamento jurídico manuelino. Mil exemplares de cada corpo, num total de 5.000 volumes, custaram a avultada soma de 700 mil réis! Fernandes dividiu o trabalho de impressão com João Pedro Buonhomini de Cremona.

Mas o rei queria exclusivamente para si um exemplar em pergaminho de todos os cinco livros das Ordenações. Ao contratar João Pedro Buonhomini, recomendou-lhe Fernandes que fizesse essa tiragem especial em pergaminho destinada a Manuel I.

A impressão destas Ordenações, relata o historiador Artur Anselmo nas suas *Origens da Imprensa em Portugal*, levou até final do ano 1514. Repetiu-se a impressão dos Livros I e II, para fazer a dita tiragem em pergami-



NÓS EL REY fazemos saber a vós nosso feitor e oficiãees da nossa casa da ymdea, que valentim fernandez livreiro fez mill corpos de livros dos cymquo livros das hordenações que per contrato lhe mandamos fazer, pelos quaães ha de aver seteçemtms mill reaes a razam de seteçemtms reaes por cada corpo dos ditos livros e se aviam de arrecadar dos concelhos destes Rêgnos, E porque elle nos deve ja sobre elles quatroçemtms mill reaes que nessa casa lhe foram dados em pimenta per nosso mamdado, ouvemos por bem e nosso serviço que os ditos livros todos se entregassem em o nosso espritall de todolos santos desta çidade homde ora Ja sam entregues ao almoxarife dele, e que o bispo de Cafy provedor do dicto

spritall fezesse recadar os dictos seteçemtms mill reaes que asy neles momtam dos dictos comçelhos a quem se aviam de dar, E porquanto o dicto valentym fernandez tynha necessidade de ser loguo pago e nam podia agardar tanto tempo pera aver seu djnheiro quanto se avia mester pera se recadar dos ditos comçelhos, avemos por bem pera seu pagamento que vós entregês ao almoxarife do dicto spiritall tamtas maças ao preço da casa que posa valler trezemtms mill reaes pera o dicto almoxarife per hordenamça do dicto bispo as entregar loguo pelo dicto preço ao dicto valentym fernandez o quall nos dise que as vemderya e darya a mercadores alemaães que lhas tomavam pello dicto //

Em Lisboa, a 3 de Outubro de 1514, foi emitido o alvará por Manuel I, ordenando ao feitor da Casa da Índia que entregasse ao almoxarife do Hospital de Todos os Santos, especiarias (maças) no valor de 300\$000 reais para que este último acabasse de pagar com esta mercadoria ao tipógrafo Valentim Fernandes o preço estipulado de 1.000 exemplares de cada um dos cinco livros das Ordenações, tiragens já impressas e os livros já depositados no mencionado Hospital.

nho, a fim de completar a coleção especial destinada à pessoa de Manuel I.

A impressão dos dois primeiros volumes foi lenta, talvez por causa da complexidade do trabalho gráfico a executar e pela necessidade de uma cuidada revisão dos textos. O Livro I, com 129 fólios, acabou de ser impresso em 17 de Dezembro de 1512. O Livro II, com 60 fólios, ficou pronto em 18 de Novembro de 1513.

Talvez por verificar que não conseguia cumprir o prazo acordado para a impressão da obra, decidiu Fernandes dar a subempreitada do resto da obra ao tipógrafo italiano *João Pedro Buonhomini* de Cremona, que viria a dar à estampa a edição especial em pergaminho de todos os cinco Livros das Ordenações, destinada a Manuel I. A obra foi completada em 1514, sendo os dois primeiros livros executados por Valentim Fernandes e os outros três por *João Pedro Buonhomini*.

[João Pedro Bonhomini, natural de Cremona, estabeleceu-se em Lisboa de 1501 a 1514, depois de ter operado em Florença, nos últimos anos do século xv. Teve parceria com Valentim Fernandes, mas também trabalhou só. Conhecem-se-lhe seis impressões, entre as quais o *Livro e legêda que falla de todos feytos e payxões dos sãtos martires* (1513).]

É particularmente interessante o que Artur Anselmo nos conta sobre o pagamento desta enorme encomenda: «Interessante ... recordar as condições em que a Casa Real procedeu ao pagamento dos vultuosos encargos assumidos com as primeiras mil colecções impressas das Ordenações e o modo como Valentim Fernandes logrou obter, em pouco tempo, a satisfação dos seus honorários. Quando a edição ficou pronta, D. Manuel mandou entregar os cinco mil exemplares (mil colecções de cinco livros) no Hospital-de-Todos-os-Santos, ao qual decidira oferecer o produto da venda junto dos concelhos: o êxito da operação parecia garantido, já que, tratando-se de uma nova compi-



Assinatura e «logotipo» de V.F.

lação das leis do reino, todos os concelhos deveriam adquirir-las. Mas Valentim Fernandes tinha pressa em cobrar-se das despesas feitas: e como D. Manuel, quando não abundava em dinheiro, abundava em especiarias, deu ordens à Casa da Índia para que fossem entregues ao impressor alemão quatrocentos mil réis em pimenta e trezentos mil em maçãs de noz moscada, tudo somando setecentos mil réis, que era o custo global da edição. Ora, tanto a pimenta como as maçãs foram imediatamente transaccionadas a favor de Miguel Encuria, nome aporuguesado do comerciante alemão Michael Imhof.»

Em Lisboa, a 3 de Outubro de 1514, foi emitido o alvará régio por Manuel I (veja o documento caligrafado na página anterior, com a transcrição do texto), ordenando ao feitor da Casa da Índia que entregasse ao almoxarife do Hospital de Todos os Santos, de Lisboa, especiarias (maçãs) no valor de 300\$000 reais para que este último acabasse de pagar com esta mercadoria ao tipógrafo morávo Valentim Fernandes o preço estipulado de 1.000 exemplares de cada um dos cinco livros das Ordenações Manuelinas, tiragens já por eles impressas e os livros já depositados no mencionado Hospital, para serem despachados para todos os concelhos de Portugal.

A última fase

Em 1513 ou 1514, Fernandes imprimiu a segunda parte das *Epistolae et Orationes* e as *Visiones*, duas obras de Cataldo Sículo. Em 1513 (?) o piemontês Nicolau Gazini veio de Espanha para Portugal. Gazini imprimiu em Lisboa, em conjunto com Valentim Fer-

nandes, e em Março de 1518 deu à estampa um manual de sacramentos segundo o costume da igreja de Coimbra, *Manuale secundum consuetudinem almae Colymbriensis ecclesiae*, impresso com material tipográfico de Valentim Fernandes.

Em 1515, Valentim Fernandes imprime uma *Gramática* de Estevão Cavaleiro, a *Ars Virginis Mariae* e, em associação com Hermão de Kempis, *Ho compromisso e regimento dos officiaes da sancta confraria da Mesericordia*.

Em 1518, Fernandes imprime o *Repertório dos têpos*, versão portuguesa feita pelo próprio Fernandes, do original castelhano de André de Li. O *Repertório* é uma compilação baseada nos trabalhos de Zacuto e um trabalho de impressão de cariz científico. Julga-se que Valentim Fernandes terá morrido pouco tempo depois da impressão do Reportório; faleceu em 1518 ou em 1519.

Outros impressores alemães em Portugal

No ano de 1509 tinha-se estabelecido em Setúbal mais um impressor alemão: Hermann von Kempen (Hermão de Kempis ou Hermão de Campos). Começa por imprimir *os Estatutos da Ordem de Santiago*. Em associação com Valentim Fernandes, Hermão de Kempis imprime *Ho compromisso e regimento dos officiaes da sancta confraria da Mesericordia*.

Ho Flos Sanctorum em Linguagem Português foi editado em 1513 por Hermam de Campos e Roberto Rabelo. Os *Flores Sanctorum*, apesar do seu nome significar Florilégio de Santos, incluíam também comentários aos evangelhos.

A obra *Bosco Deleytoso Solitario* foi igualmente impressa por Hermão de Campos, em 1515. Em 1516, segue-se o *Cancioneiro geral: cum preuilegio / [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Resende fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do príncipe]. - Almeyrym e acabouse na muyto nobre e sempre leall cidade de Lixboa : per Hermã de Cãmpos, 28 Sete[m]bro 1516.*



Compromisso da Confraria da Misericórdia. Impressão de Valentim Fernandes e de Hermão de Campos, de 1516: vistosas iniciais em rubro e texto composto com vários tipos da Gótica Rotunda.

Esta impressão está online em <http://purl.pt/12096>

O nome de Garcia de Resende aparece no colofão. Título em caracteres xilográficos.

Bibliografia

- As contribuições mais valiosas têm sido prestadas pelo investigador Artur Anselmo. Segue uma lista das mais significativas contribuições.
- Anselmo, Artur. *Les Origines de l'Imprimerie au Portugal*, Paris. Jean Touzot. 1983.
- Anselmo, Artur. *L'activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*. Paris, 1984.
- Anselmo, Artur. *Tipografia e Filologia: A edição da Vita Christi impressa em Lisboa (1495) por Valentim Fernandes*.
- Anselmo, Artur. *Dúvidas e acertos sobre o impressor Gherlinc e o Tratado de Confissom*. Arquivos do Centro Cultural Português, vol. 13, (301-318). 1978.
- Anselmo, Artur. *Incunábulo português em latim. Humanitas*, vol.31-32, (167-196). 1979-1980.
- Anselmo, Artur. *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, INCM. Trad. da edição francesa. 1981.
- Anselmo, Artur. *L'activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)* in *Actes du XXI Colloque International d'Etudes Hispaniques. L'Humanisme portugais et l'Europe*. Paris. Centro Cultural Português. Fundação Calouste Gulbenkian (781-818). 1987.

Anselmo, Artur. *Os primeiros impressores que trabalharam em Portugal*. Revista da Biblioteca Nacional, s.2, n.º2, (7-14).

Anselmo, Artur. *A tipografia ao serviço do humanismo*. In *O Humanismo português 1500-1600*, 1º Simpósio Nacional, Lisboa, Academia das Ciências, (463-473). 1988.

Anselmo, Artur. *História da Edição em Portugal, vol. 1, Das origens até 1536*. Porto. Lello & Irmão. 1991.

Anselmo, Artur. *Geografia da proto-imprensa cristã em Portugal* in *AAVV, O Colóquio sobre o livro antigo*, Lisboa 1988. A&CTas, Lisboa. Biblioteca Nacional. (33-37). 1992.

.....

Amzalak, Moses Bensabat. *A tipografia hebraica em Portugal no século xv*. Coimbra. Impr. da Universidade, 1922.

Aranha, Pedro Brito. *A imprensa em Portugal nos séculos xv e xvi: as Ordenações d'El-Rei D. Manuel*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1898.

Haebler, Konrad. *Die deutschen Buchdrucker des 15. Jahrhunderts im Auslande*. Munique, 1924.

Leão, Francisco G. Cunha. *Os Caminhos da Piedade: o impressor Valentim Fernandes e a Misericórdia de Lisboa*. Revista Oceanos, 35, Julho-Setembro 1998, pp. 80-88.

E. A. Strasen e A. Gândara, *Oito séculos de história luso-alemã*, Berlin 1944.

No quinto Centenário da Vida Christi; os primeiros impressos alemães em Portugal (cat. ed. João Alves Dias), Lisboa, IBNL 1995,

Hugo Kehrer, *Alemania en España. Influxos y contactos a través de los siglos*, Madrid 1966.

Augušto Magne, S. J.: Ludolfo Cartusiano. *O livro de Vita Christi em portugues*. Ed. Fac-similar e crítica do incunábulo de 1495 ...

Hendrich, Yvonne. *Valentim Fernandes - Ein deutscher Buchdrucker in Portugal um die Wende vom 15. zum 16. Jahrhundert und sein Umkreis*. Verlag Peter Lang, Frankfurt, 2007. Este estudo científico é a mais recente e a mais importante contribuição vinda da Alemanha.

Hendrich, Yvonne. *Valentim Fernandes - ein deutscher Buchdrucker in Portugal um die Wende vom 15. zum 16. Jahrhundert und dessen Kontakte zu oberdeutschen Kaufleuten*. Dissertação. Universität Mainz.

Hümmerich, Franz. *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/1506*, Munique-Berlim, 1922.

Hümmerich, Franz. *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/1506*, Munique 1918.

Costa, Adalgisa Botelho da. *O Reportorio dos Tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século xvi*. Dissertação de Meistrado, 2001. História da Ciência, PUC/SP.

Códice Valentim Fernandes. Leitura paleográfica, notas e índice José Pereira da Costa; pref. Joaquim Veríssimo Serrão; ed. Academia Portuguesa da História. Lisboa.

A.P.H., 1997. Manuscrito Valentim Fernandes, oferecido à A.P.H. por Joaquim Bensaúde.

Dias, João José Alves. *La imprenta en Alcalá de Henares: 1502-1600*. Revista da Biblioteca



Estampa ilustrativa da Vida de São Nicolau de Mira/Bari



As gravuras impressas na folha de rosto do *Flos sanctorum em linguagem portuguesa, acabado de imprimir em Lisboa, por Hermão de Campos & Roberto Rabelo, a 15 de Março de 1513*, denotam um maior cuidado na organização gráfica do livro. Aqui, Valentim Fernandes começa a ser técnica e esteticamente ultrapassado...

- Nacional, Lisboa, S.2, 10(1-2) Jan.-Dez., 1995, pp. 251-256.
- Dias, João José Alves. *A primeira impressão das Ordenações Manuelinas por Valentim Fernandes*. Lisboa, Edições Colibri, 1996.
- Dias, João José Alves. *Sumário das Graças: o primeiro impresso português conhecido*. Lisboa, Revista da Biblioteca Nacional, nº 1, pp. 197-205. 1997.
- Dias, João José Alves. *Nova forma da transmissão do «verbo» - A Imprensa / Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. 5 da *Nova História de Portugal*, direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 489-504.
- Dias, João José Alves. *Um tesouro escondido*. In: Biblioteca, Revista das Bibliotecas Municipais de Lisboa, nº 1 e 2, Lisboa, 1998, pp. 81-87.
- Dias, João José Alves. *A Imprensa Incunabulística Portuguesa: novas interpretações*. II Encontro Int. de Estudos Medievais. Humanas, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 21 (1) tomo 2, pp. 273-296. 1998.
- Dias, João José Alves. *As obras de autores portuguesas impressas na Alemanha durante o séc. XVI - o caso de Colónia*. Köln - Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2000, 28 p. Separata *Portugal, Índia und Deutschland / Portugal, Índia e Alemanha*. Actas do V Encontro Luso-Alemão. (Colónia, 1998), pp. 367-393.
- Hanenberg, Marília dos Santos Lopes. *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimentos*. Lisboa. Quetzal, 1998. Obra ricamente ilustrada.
- História do mui nobre Vespasiano imperador de Roma*. Edição e estudo de José Barbosa Machado. 2ª edição revista e aumentada. Edições Vercial, 2007, 196 p.
- História do mui nobre Vespasiano Imperador de Roma*. Nota prévia de Artur Anselmo. Lisboa. Biblioteca Nacional, 1981. fac-simile da edição de Lisboa, de Valentim Fernandes, em 1496.
- Ehrhardt, Marion. *Frühe Deutsche Drucker in Portugal*.
- Falkenstein, K., *Geschichte der Buchdruckerkunst*. Leipzig 1840.
- Heitlinger, Paulo. *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. ISBN 10 972-576-396-3, ISBN 13 978-972-576-396-4, Dinalivro. Lisboa, 2006.
- Jüsten, Helga Maria. *Valentim Fernandes e a literatura de viagens*, Universidade Aberta, 1999.
- Lucas, Maria Clara de Almeida. *Ho Flos Sanctorum em Lingoagem: os Santos Extravagantes*. Lisboa. Instituto Nac. de Investigação Científica, 1988.
- Mendes, Maria Valentina Sul Mendes. *Em torno da edição de Valentim Fernandes da Gramática Pastreane*. Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1987.
- Norton, F. J. *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal, 1501-1520*. Cambridge (UK): Cambridge University Press. 1978.
- Pereira, F.M.E. *História de Vespasiano Imperador de Roma Conforme a Edição de 1496*, Typ. Ferin, Lisboa, 115 pp. 1905.
- Pereira, F.M.E. *O Livro de Marco Paulo. O Livro de Nicolau Veneto. Carta de Jeronimo de Santo Estevoam conforme a impressam de Valentim Fernandes feita em Lisboa em 1502. Com tres fac-similes, introdução e indices por Francisco Maria Esteves Perreira*. Biblioteca Nacional, Lisboa. 1992.
- Reger, Karl Heinz. *Pfeffer aus Fernost: das abenteuerliche Leben eines Augsburger Kaufmanns*. Pfaffenhofen: Ludwig, 1986. 197 p. ISBN 3-7787-3276-5
- Rodrigues. *O códice de Valentim Fernandes: um texto de discursos marcados pela alteridade*. 2000.
- Roque, Mário da Costa. *As peões medievais europeias e o "Regimento proueytoso contra ha pestenença", 1979 Lisboa, Valentim Fernandes (1495-1496): tentativa de interpretação à luz dos conhecimentos pestológicos actuais*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português. 1979.
- Rosa, Maria Carlota. *Em torno de dois textos médicos antigos*. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 12, n. 3, p. 771-74, set.-dez. 2005.
- Seibert, Karl Gerhard. *500 years of the manuscript of Valentim Fernandes, a Moravian book printer in Lisbon*. In: Beata Elbieta Cieszyńska (ed.), *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*, págs. 79 a 88, Lisboa: CompaRes 2007.
- Springer (Sprenger), Balthasar. *DJe Merfart vnd erfahrung nürwer Schiffung vnd Wege zuo viln onerkanten Inseln vnd Königreichen/ von dem großmechtigen Portugalischen Kunig Emanuel Erforscht/funden/ beßritten vnnd Ingenomen/Auch wunderbarliche Streyt/ordnung/leben wesen handlung vnd wunderwercke/des volcks vnd Thyrer dar inn wonende/findestu in diessem buchlyn warhaftiglich beschryben vnd abkunteryt/wie ich Balthasar Sprenger sollich selbs: in kurtzuerschynen zeiten: gesehen vnd erfaren habe*. 10 GEDRVCKT ANNO. M.D.IX.
- Viterbo, Sousa, 1846-1910. *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI: apontamentos para a sua história*. Coimbra : Imp. da Universidade, 1924. 352 p. ; 23 cm. <http://purl.pt/188>
- Freire da Silva M [s.d.] *Edicion critica del Regimento Proueytoso contra ha Pestenença (1496-1500)*, PhD Thesis, Universidad Complutense, Madrid.
- Virginia Rau. *Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros*, in: *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinseln*, ed. Hermann Kellenbenz, Colónia, Viena, 1970,

O Manuscrito de Valentim Fernandes

Uma compilação essencial para o estudo do início da navegação marítima portuguesa. Notas de P. Heitlinger.

Nos primeiros anos do século XVI, Fernandes terá pensado publicar e imprimir uma obra de sua autoria, sobre as viagens marítimas e os descobrimentos portugueses. Este propósito explicaria a metódica investigação à qual se dedicou de 1506 a 1510, quando a peste grassava em Lisboa e Fernandes se mudou para Tomar para escapar à epidemia. Fugindo da peste que se declarara em Lisboa em Outubro de 1505, Valentim Fernandes instalou-se em Tomar e só voltou a Lisboa em 1511.

Entrevistando marinheiros e viajantes, Fernandes recolheu um sem número de informações em primeira mão. Anotou um extenso material sobre as ilhas atlânticas e os novos territórios africanos descobertos pelos Portugueses. Esses escritos – ironia do destino! – não ficaram em Portugal, porque mais tarde foram entregues ao seu amigo, o humanista alemão *Konrad Peutinger*.

Além de conselheiro imperial, agente político e jurista, *Konrad Peutinger* intencionava organizar uma recolha geográfica sobre o orbe terrestre, sendo as notícias dos navegadores portugueses de grande valor para o seu trabalho. São inúmeros os testemunhos do seu empenho em estar actualizado. E sabemos das iniciativas que empreende junto a Maximiliano I para que os comerciantes alemães viessem a participar da actividade marítima e comercial portuguesa, o que realmente fizeram.

Casado com a herdeira de uma das maiores casas comerciais da Europa, os Welser, *Peutinger* estava mais que bem informado sobre as actividades comerciais luso-alemãs. Assim o testemunham as cartas e relatos que se encontraram entre os seus documentos, os textos relativos à primeira e segunda viagem

de Vasco da Gama para a Índia, à expedição de Pedro Álvares Cabral, à viagem de Américo Vespúcio e ainda sobre a frota de Francisco de Almeida. *Konrad Peutinger* fez a tradução para o alemão do relato da segunda viagem de Vasco da Gama.

Redigido em Latim (provavelmente já preparado para impressão), o *Manuscrito de Valentim Fernandes* compreende três partes: *De prima inuentione Guinee*, *De insulis primo inventis in mare Occidentis* e *De inuentione insularum de Açores*.

O códice foi encontrado por J. A. Schmeller em 1847, na Biblioteca Nacional de Munique, ficando conhecido como *Relação de Diogo Gomes*, nome do explorador a quem se atribuiu o texto, um dos primeiros testemunhos sobre as navegações henriquinas.

O texto foi objecto de atenção de humanistas como *Peutinger* ou *Damião de Góis* durante o século XVI, porque é a fonte essencial da história das primeiras explorações do litoral africano, quando se iniciam as navegações portuguesas no século XV. É notável pela clara descrição dos objectivos deliberadamente comerciais da exploração.

O Infante enviava caravelas em busca de novas terras com a ambição de conhecer as partes mais distantes do oceano ocidental, e com a esperança de encontrar ilhas ou «terra firma» para além dos limites definidos por Ptolomeu.

As informações sobre o comércio nativo desde Tunes a Timbuktu e a Gâmbia motivaram a sua persistente exploração da costa da África Ocidental para alcançar essas terras por via marítima. O Infante, à época da primeira viagem de Diogo Gomes, correspondia-se com um mercador de Oran que o mantinha informado sobre os acontecimen-



Konrad Peutinger

tos no interior da Gâmbia; e, antes da descoberta do Senegal e de Cabo Verde em 1445, já tinha recolhido informações fiáveis sobre o caminho para Timbuktu. A última parte contém o único relato coevo da redescoberta dos Açores pelos portugueses a serviço do infante Henrique.

Outra viagem africana, aparentemente realizada em 1462, dois anos após a morte do Infante (mas que, segundo outras fontes, teria ocorrido em 1460), resultou na descoberta das ilhas de Cabo Verde, já anteriormente encontradas pelo veneziano Cada-mosto.

A sua narrativa é uma referência fiável sobre a doença final e morte do Infante, assim como da sua vida, realizações e objetivos; só nesta está registado o que parecem ser as primeiras aventuras exploratórias do navegador, que, sob o comando de João de Trašto, alcançou a Grande Canária em 1415. Da crónica de Diogo Gomes existe apenas uma única versão, nomeadamente a integrada no *Manuscrito Valentim Fernandes*, Codex Hisp. 27, na Hof- und Staats-Bibliothek, Munique; o texto original em latim foi publicado por Johann Andreas Schmeller em 1847.

Bibliografia

- Códice Valentim Fernandes*, edição de José Pereira da Costa, Lisboa, 1997.
- Uma transcrição para texto impresso do *Manuscrito de Valentim Fernandes* foi oferecida à Academia Portuguesa da História por Joaquim Bensaúde em 1940 (a leitura e a revisão das provas tipográficas fez António Baião).
- Castanheda, Fernão Lopes de (1551-1561), *História do Descobrimento e conquista da Índia*, Lisboa, ed. M. Lopes de Almeida, Porto 1979.
- Castanheda, Fernão Lopes de (1565), *Warhafftige vnd volkomene Historia/ von Erfindung Calecut vnd anderer Königreich/ Landen vnd Inseln/ in Indien/ vnd dem Indianischen Meer gelegen...*
- Jules Mees, *Histoire de la découverte des Açores*, Ghent, 1901.
- Charles Raymond Beazley. *Prince Henry the Navigator*. Introduction to Azurara's Discovery and Conquest of Guinea. Londres, 1899.
- Greiff, B. *Briefe und Berichte über die frühesten Reisen nach Amerika und Ostindien aus den Jahren 1497-1506 aus Dr. Conrad Peutingers Nachlass*. In: *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541*, pp. 113-172. Augsburg, 1861.
- Lopes, Marília dos Santos. *Os Descobrimentos portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII*. In: ICALP, Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, Nº7/8, pp. 28-40. Lisboa, 1987. Marília dos Santos Lopes licenciou-se em História na Fac. de Letras da Univ. de Lisboa e foi colaboradora do Centro de Investigação da História da Expansão Europeia da Universidade de Bamberg, Alemanha, onde obteve o grau de doutor. Publicou vários trabalhos na área da História e Cultura da Época dos Descobrimentos. Lecciona em Viseu na Fac. de Letras da Univ. Católica Portuguesa.
- Lopes, Marília dos Santos. *Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII*. In: *Mare Liberum* 1, pp. 205-308. 1990.
- Lopes, Marília dos Santos. *Afrika. Eine neue Welt in deutschen Schriften des 16. und 17. Jahrhunderts*. Stuttgart. 1992.
- Lopes, Marília dos Santos. *Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos, ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã?* In: *Mare Liberum* 6, pp. 97-103. 1993.
- Lopes, Marília dos Santos. *Fremdwahrnehmung und Selbsteinschätzung. Frühneuzeitliche Reiseberichte aus dem südlichen Atlantikraum im Vergleich*. Bamberg, 1995.
- Lopes, Marília dos Santos. «Vimos oje cousas maravilhosas.» *Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses*. In: Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa, 1996.
- Lopes, Marília dos Santos. *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimentos*. Lisboa. Quetzal, 1998.
- Lopes, Marília dos Santos. *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara*. Lisboa. Público, 2002.
- Schmeller, Johann Andreas. *Ueber Valentim Fernandez. Alemã und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Afrika und Asien bis zum Jahre 1508 enthalten in einer portugiesischen Handschrift der königl. Hof- und Staats-Bibliothek zu München*. Abhandlungen der Philosophisch-Philologischen Classe der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften. vol. IV., parte III. (Munique, 1847).
- Sophus Ruge. *Die Entdeckung der Azoren*, pp. 149-180. In: 27. Jahresbericht des Vereins für Erdkunde (Dresden, 1901).
- Torres. *O 'Manuscrito Valentim Fernandes', Conrado Peutinger e Damião de Góis*. Biblos. 1994.
- Mota, Avelino Teixeira da. *Diogo Gomes, Primeiro Grande Explorador do Gâmbia (1456)*.in: Actas da 2ª Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais, Lisboa, 1950, pp. 309-317.
- Sintra, Diogo Gomes de. *Descobrimento Primeiro da Guiné* (estudo preliminar, edição crítica, tradução, notas e comentário de Aires A. Nascimento). Introdução histórica de Henrique Pinto Rema). Lisboa: Edições Colibri, 2002. 174 p.



O Rei Manuel I. Gravura incluída nas Ordenações de Manuel I, impressas em 5 volumes por Valentim Fernandes e sócios. Noutras gravuras, de estilo e conteúdo semelhante, Manuel I é mostrado em relacionamento com outras classes sociais do Reino. A gravura exhibe nos cantos superiores símbolos reais da Era manuelina: o Escudo de Portugal e a Esfera armilar.

Manuel I, editor e bibliófilo

Tem sido salientada a importância da Imprensa para a difusão da cultura e dos valores do Humanismo; mas raras vezes foi salientado o papel da tipografia como instrumento de comunicação ao serviço da política real e da administração interna.

A Igreja Católica recorreu à Tipografia desde os primeiros tempos (impressão de bulas papais, ordenações, constituições, etc.), mas a «máquina do Estado» demorou algum tempo a perceber as enormes vantagens e a tirar partido do novo meio de comunicação. Manuel I foi o primeiro monarca português a servir-se das vantagens da produção tipográfica – para impor a sua política ao país.

O uso da Tipografia descreve a vertente mais importante da actividade de Manuel I como editor global para o país que governava, mas não a única; neste curto artigo abordarei ainda o seu projecto da *Nova Leitura* e a sua paixão bibliófila.

Manuel I, monarca de práticas absolutistas e de grande agilidade comercial, deu em 1512 o encargo de imprimir as suas *Ordenações* ao tipógrafo morávio Valentim Fernandes, estabelecido em Lisboa; estava pois já bem consciente de que as novas leis do reino iriam ser (pela primeira vez!) rapidamente copiadas e deste modo seriam propagadas em tempo recorde em todas as comarcas do país.

As *Ordenações Manuelinas* designam a nova codificação de leis que Manuel I promulgou, em 1521, para substituir as *Ordenações Afonsinas*. O croniستا Damião de Góis relata: *mandou [Manuel I] por homens doutos do seu conselho visitar e rever os cinco livros das*

Ordenações que el-rei D. Afonso V, seu tio, fez reformar, sendo regente o infante D. Pedro seu tio, por ele ser de menor idade, nas quais mandou diminuir e acrescentar aquilo que pareceu necessário para bom regimento do reino e ordem da justiça, no que se trabalhou, e tanto tempo, que foi a mor parte de todo o que ele reinou.

As *Ordenações Manuelinas* seguem a organização das *Ordenações Afonsinas*, a primeira compilação oficial de Leis portuguesas, de meados do século xv. O Livro I inclui os regimentos dos diversos cargos públicos, régios e municipais; o Livro II regula os bens e privilégios da Igreja, os direitos régios e a sua cobrança, a jurisdição dos donatários, as prerrogativas da nobreza e a legislação discriminatória para judeus e mouros; o Livro III sintetiza as normas do Processo civil; o Livro IV trata do Direito civil substantivo e o Livro V é dedicado ao Direito e Processo penal.

A encomenda da impressão das *Ordenações* mostra as altas expectativas do rei, postas numa alta tiragem da primeira edição – 1.000 exemplares de cada um dos cinco tomos – e o voto de confiança à qualidade e à celeridade de execução dos alemães activos em Portugal no novíssimo ramo tipográfico.

Valentim Fernandes, para responder efectivamente à encomenda real, valeu-se de um poderoso recurso estratégico: a sua prática de cooperar com colegas tipógrafos alemães, formando parcerias ajustadas à subempreitada das impressões que lhe eram encomendadas. Em 1514, Valentim Fernandes e os seus sócios completam a primeira edição dos cinco Livros das *Ordenações Manuelinas*.

A versão definitiva foi publicada em 1521. Para evitar confusões, a carta régia de 1521 impôs que todos os possuidores de exemplares das *Ordenações* de 1514, os destruíssem no prazo de três meses, ao mesmo tempo que determinou aos concelhos a aquisição de nova edição. Quanto à forma, a principal diferença reside no facto de se apresentarem redigidas em estilo mais conciso e todo o decretório, sendo só excepcionalmente que aparece o extracto de algumas leis, mas nunca a transcrição literal. (*Ordenações*

Na vizinha Espanha, a prática de subcontratação era semelhante. Em Sevilha, onde o alemão Paulus de Colónia tinha oficina instalada, vemos este impressor elevar a sua produtividade em repetidas parcerias com colegas como Johannes Pegniczer de Nuremberga e Stanislaio Polono.

Deste modo, também Paulo de Colónia logrou obter a encomenda das *Hordenações* dos Reis Católicos Fernando e Isabel, que, entre outras disposições, impunham desumana discriminação e a exclusão social dos judeus em Espanha.

Quando o livreiro real Luís Rodrigues recebeu em 1533 o encargo de imprimir as *Ordenações* de João III, não hesitou em ficar com os lucros do privilégio editorial, mas subempreitou a impressão ao francês Germain Gaillard. Quando se esgotou a primeira tiragem, encomendou a segunda edição a Jacobo Cromberger, impressor alemão em Sevilha.

Manuelinas, online: www.ci.uc.pt/ihti/proj/manuelinas)

A Leitura Nova

Manuel I tinha noções bem diferenciadas sobre a cópia e a reprodução de documentos. Se no caso das *Ordenações* optou pela reprodução massiva e a produção mecânica em série, adequada à rápida circulação das novas Leis, no caso da *Leitura Nova* optou pela realização de cópias únicas, feitas à mão em preciosos manuscritos, segundo os processos tradicionais. Os métodos não poderiam ser mais contrastantes!

A *Leitura Nova* foi um projecto ambicioso: a cópia de documentos essenciais da Chancelaria Régia, como Bulas, Inquirições, e a «Colecção das Gavetas». Estes documentos «para durar para sempre» foram escolhidos pelo guarda-mor ou pelo escrivão da Torre do Tombo, que no original escrevia a vermelho um pequeno sumário, e o tipo de livro a que se destinava cada texto seleccionado. Segundo a *hordenamçam em que estes e os outros livros vão postos e a maneira que se ha de teer na busca das scripturas*, os textos eram transcritos nas várias séries de códices.

A *Leitura Nova*, um dos elementos da política centralizadora de Manuel I, é uma das mais belas colecções de códices iluminados quinhentistas de toda a Humanidade. O produto final da *Leitura Nova* foi uma colecção de 61 livros, englobando cópias únicas de

documentos do reinado do *Venturoso*, e de reinados anteriores, em códices de pergaminho iluminados, mostrando a vontade política de identificar e separar do enorme volume documental existente no então *Arquivo da Casa da Coroa*, os documentos que pudessem ilustrar a História de Portugal – assim como atender, com rapidez e eficácia, à necessidade de responder às solicitações que lhe eram dirigidas à coroa.

A preciosa colecção de cópias resultantes do projecto *Leitura Nova* é reveladora da ostentação de Manuel I (o «merceeiro da Europa») – que mostrou sempre atitudes típicas de um novo-rico que tinha feito rapidamente fortuna com o comércio monopolizado das especiarias orientais.

Manuel I esbanjou as enormes somas adquiridas na venda da pimenta, do cravinho e dos outros condimentos orientais, comprando artigos de luxo em Flandres, construindo obras de vulto como os Jerónimos e ... produzindo documentos da forma mais onerosa possível.

Basta olhar para a qualidade caligráfica e a exuberante quantidade de iluminuras empregues, a dimensão colossal dos livros, a utilização de pergaminho (nacional e importado da Flandres), de muito boa qualidade e de grandes dimensões, assim como os materiais nobres utilizados nas encadernações e decorações.

O pressuposto-base da *Leitura Nova* era o de copiar os documentos que na expressão de Cristóvão de Benavente, diziam respeito a *cousas cuyo effeito ha de durar pera sempre, como sam doações de cousas da coroa, de juro, privilegios, aforamentos, apresentações de igrejas, administração de capellas, legitimações e asi aquellas cousas que sam da coroa, ainda que sejam dadas em vida somente do donatário, pera se saber como as traz somente em vida. E as mais cousas que se extingue o vigor dellas com a pessoa a que foram concedidas, como sam cartas d'offícios, comendas, perdões, nam se tralladam e fiquam no original que se guarda mui bem.*

Em 1526 já se encontravam prontos alguns dos livros correspondentes a 6 das 7 séries



Um elemento da *Leitura Nova*: Iluminura do Livro 3, *Místicos*, 1516. Instituto dos Arquivos Nacionais, Torre do Tombo, Lisboa.

referidas na *Hordenamçam* para a sua elaboração e, além destes, outros que não tinham sido previstos, como é o caso dos livros de Reis, Direitos Reais e Inquirições. Por sua vez, em 1532 estava finalizado o livro que faltava dos do plano primitivo – o *livro das Ilhas* assim como um *livro de Forais Antigos* e três *livros de Legitimações*, (sendo certo que nada faria crer na existência destes últimos quatro, tendo em conta que as legitimações deveriam estar incluídas nos *livros de Místicos*).

Em meados do século XVI estava concluído o projecto *Leitura Nova*.

A Bíblia dos Jerónimos

Esteve pela primeira vez patente ao público de 2004 a 2005, no átrio do IAN/Torre do Tombo. A fabulosa *Bíblia dos Jerónimos*, uma das mais sumptuosas encomendas que saíram das oficinas florentinas do século XV, um exemplar brilhante da iluminura do *Cinquecento*, é um dos mais valiosos exemplos a que chegou a caligrafia e a miniatura, já na sua fase renascentista.

A *Bíblia dos Jerónimos*, constituída por sete volumes, mereceu uma especial apreciação

do bibliófilo Manuel I, apesar de que exibem uma estética 100% renascentista, como que sendo uma peça única num ambiente estético manuelino totalmente marcado pelo gótico medieval tardio.

A *Bíblia dos Jerónimos* tinha sido encomendada ainda durante o reinado de João II a iluministas de Florença, especializados neste estilo de iluminura de luxo. Sete volumes de iluminuras — *in hoc ornatissimo volumine* — (oito, se acrescentarmos as *Sentenças* de Pedro Lombardo, que a completam artística e historicamente), que preenchem 3060 folhas de pergaminho!

Um grande número de copistas escreveu o texto, comentado por *postilhas* ou *explicações* de Nicolau de Lyra (1270-1349). Mas o enorme valor desta Bíblia em Latim, não está fundamentado no texto, mas nas esplendorosas iluminuras do florentino *Vante Gabriel d'Attavante* (1452-1517), um dos mais famosos miniaturistas daquela cidade.

«Da oficina de Attavante», explica Martim de Albuquerque, autor do estudo da obra agora editado, «saíram as realizações mais sumptuosas da iluminura renascentista italiana — a Bíblia do Duque de Urbino e dos Jerónimos, o Missal de Thomas James, Bispo de Dol, e numerosas obras para o rei da Hungria Mathias Corvino. Attavante, ele próprio, tem sido apontado como fazendo parte da escola de Verrochio e influenciado por Ghirlandaio». Vasari gabou-lhe a *graziosissima grazia* e o prodigioso colorido (*i colori non possono essere piú belli*).

Quem encomendou à oficina de Attavante a fabulosa Bíblia, fê-lo para a oferecer a Manuel I; foi manuscrita e iluminada entre 1495 e 1497; João II falecera em 1495. Além das armas portuguesas e das múltiplas referências ao *Venturoso*, a esfera armilar é um dos ícones repetidos na obra.

Na posse de Manuel I ficou até à sua morte em 1521, tendo sido legada por testamento de 1517 ao Mosteiro dos Jerónimos: *Item mando que se de ao Mosteiro de N. Senhora de Bellem a Custódia que fez Gil Vicente para a dita Casa, e a Cruz Grande, que esta em meu thesouro, que*



fez o dito Gil Vicente, e asy as Biblias escritas de pena, que andam em minha guardaroupa as quaes são guarnecidas de prata e cobertas de veludo carmesim.

Recentemente, a editora Bertrand convidou Martim Albuquerque a escrever a história deste manuscrito. Surgiu assim uma nova co-edição da Bertrand com Franco Maria Ricci, publicando-se um livro, que constitui uma divulgação do Património Artístico de Portugal. Hoje, a *Bíblia* é um dos maiores tesouros da Torre do Tombo, e continua a ser desconhecida por 99% dos Portugueses; até 2004, nunca tinha sido fotografada...

Bibliografia

- Brito Aranha. *A imprensa em Portugal nos séculos xv e xvi. As Ordenações d'el-Rei D. Manuel*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
- Maria José Mexia Bigotte Chorão. *Os Forais de D. Manuel 1496-1520*. AN/TT, Série Estudos, Lisboa, 1990.
- Leitura Nova de Dom Manuel I*. Lisboa. Edições Inapa, 1997. ISBN: 9728387148 / 972-8387-14-8, EAN: 9789728387143.
- Viterbo, Sousa (1846-1910). *O movimento tipográfico em Portugal no século xvi: apontamentos para a sua história*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1924.

Pode consultar esta obra online em <http://purl.pt/t88>

Jorge Borges de Macedo. *Livros impressos em Portugal no século XVI: interesses e formas de mentalidade.*

Arquivos do Centro Cultural Português. IX: 183-221. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

Buescu, Ana Isabel. *Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI.* Algumas notas Ana Isabel Buescu, da Universidade Nova de Lisboa. eHumaništa: Volume 8, 2007



Apontamentos para a Prototipografia em Espanha (1)

Introdução

Refere Ana Isabel Buescu que é «em todo o caso útil lembrar que, no quadro da fulgurante difusão europeia da Tipografia desde os seus primórdios, o caso português é pouco expressivo, situando-se indiscutivelmente nas “franjas” do movimento. Para termos uma noção exacta das ordens de grandeza em jogo quanto ao movimento tipográfico na Europa na segunda metade do século XV, chegaram até nós de 30.000 a 35.000 impressões diferentes, que correspondem a um número de 10.000 a 15.000 obras distintas e a um total de cerca de 20 milhões de exemplares impressos antes de 1500, número impressionante, sobretudo se tivermos em conta que a Europa contava com uma população de cerca de 70 milhões de habitantes, dos quais uma minoria alfabetizada (Febvre e Martin ...). No que respeita a Portugal, o número de incunábulo conhecidos é de trinta (Anselmo ...) o que, mesmo tendo em conta as espécies desaparecidas, confirma o estatuto periférico de Portugal no mapa relativo à implantação da imprensa...»

De este resumo deduz-se que não vale a pena estudar a Prototipografia portuguesa se não a compararmos à bem mais impressionante actividade tipográfica nas cidades de Espanha. Como primeira orientação, começo a publicar neste Caderno uma compilação de informações sobre a Prototipografia espanhola, que será continuada nos próximos Cadernos. *P. Heitlinger.*

⊗ primeiro incunábulo espanhol

Durante muito tempo, os (poucos) especialistas portugueses da História do Livro consideraram que a primeira obra em português impressa pelo processo inventado por Gutenberg tivesse sido o *Tratado da Confissom* – um livro de preceitos eclesiásticos e moral católica. De este modo,

não nos irá surpreender que em Espanha o primeiro incunábulo tenha sido um livro de semelhante índole.

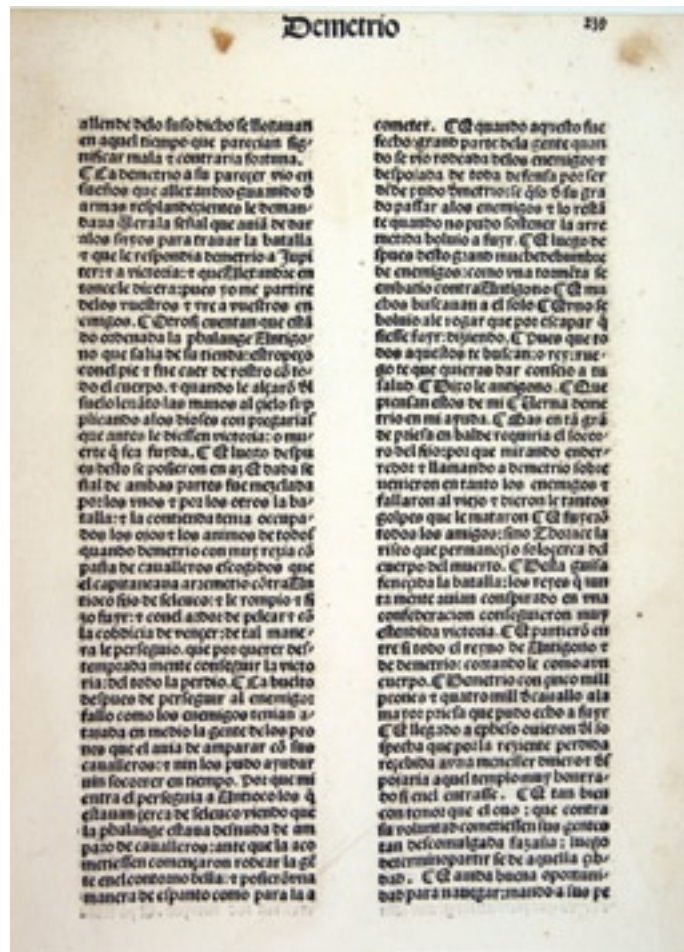
De facto, admite-se que a primeira obra impressa em Espanha foi o *Sinodal de Aguilafuente*, impresso por Juan Parix de Heidelberg, em Segóvia, no ano de 1472. Contudo, existe uma importante diferença: o *Tratado da Confissom* foi publicado em Chaves em Agosto de 1489, ou seja: 17 anos depois do cimélio espanhol. Este hiato caracteriza todo o avanço assinalável na Protoimprensa espanhola, tanto em termos de quantidade de livros impressos, com em termos da sua qualidade tipográfica e estética.

O *Sinodal de Aguilafuente*, hoje conservado na Catedral de Segóvia, contem as constituições aprovadas por um sínodo celebrado na igreja de Santa Maria de Aguilafuente em Segóvia, para recordar aos clérigos as suas obrigações e deveres – e para evitar que se imiscuissem em contendas civis. É um impresso relativamente pequeno: 48 páginas, em quarto, sem colofão.

Um tal Juan Parix (ou Johann Paris) viveu algum tempo em Segóvia, lugar onde montou uma oficina na qual se imprimiram pelo menos oito obras – a maioria das quais se conservam nesta cidade. Parix terá chegado a Espanha a convite do bispo Juan Arias de Avila, que havia permitido estabelecer (sob a superintendência do bispado), estudos de carácter universitário: Gramática, Lógica e Filosofia; parece lógico que quisesse completá-los com uma oficina de tipografia.

Embora o reino de Aragão estivesse mais próximo e mais bem relacionado com a Itália, Segóvia vivia então uma época de esplendor, já que o rei lhe havia concedido primado sobre as demais cidades do seu reino. Aqui ocorriam numerosas actividades, Segóvia era o centro da vida política e aqui foi proclamada rainha Isabel la Católica, em 1474.

As características tipográficas e de impressão do *Sinodal* relacionam-no com um grupo de sete livros, em cinco dos quais aparece no fim, destacado do texto, o nome do impressor: Magister Ihoannes Parix de Heidelberg, que terá permanecido na cidade até 1475, data em que partiria para Toulouse. Depois da sua curta estadia em Segóvia, Parix publicou em Toulouse, no ano de 1480, a obra do segoviano Rodrigo Sánchez Arévalo, *Speculum vitae humanae*, reproduzindo a edição que em 1468 haviam impresso Sweynheym e Pannartz, discípulos de Gutenberg. Resta acrescentar que a oficina de Juan de Parix foi a única que laborou em Segóvia durante o século xv.



Sevilla, impressão dos Compañeros Alemanes, de 1491.

Sevilha

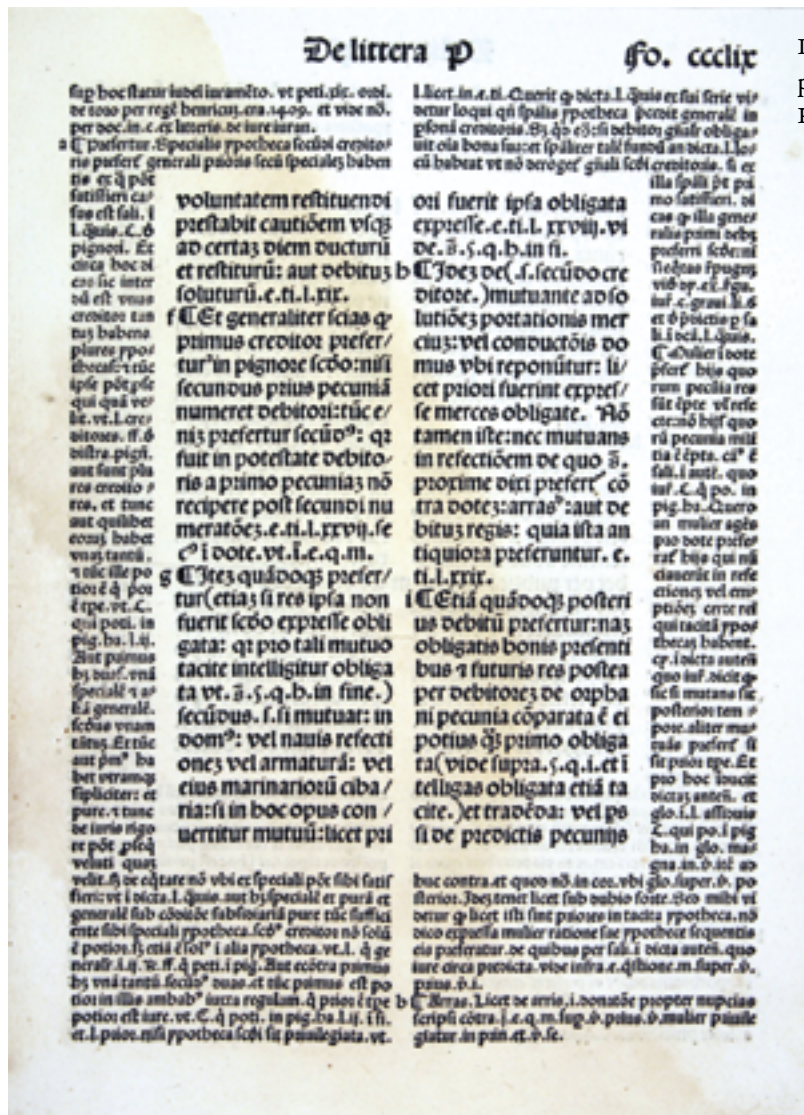
Em Sevilha, na época dos incunábulo a mais importante cidade de Espanha, a Imprensa foi introduzida por impressores nativos. Datados de 1477, conhecemos dois livros impressos em Sevilha: um *Sacramental* de Sánchez Vercial e um *Repertorium* de Díaz de Montalvo, onde se pode ler no colofão: «*Si deseas saber quiénes fueron los primeros impresores que en otro tiempo vio Sevilha, sabios e experimentados en sua arte, mostrando-se su próprio ingenio, fueron tres hombres llamados Antonio Martínez, Alfonso do Puerto e Bartolomé Segura, 1477.*»

Estes prototipógrafos formaram sociedades entre si para realizar algumas impressões. Assim, Bartolomé Segura e Alfonso do Puerto imprimiram o primeiro livro ilustrado impresso em Espanha: o *Fasciculum Temporum*, de Werner Rolewinck, uma obra muita editada na Alemanha do século xv, e de qual não tardaram a executar outra impressão, ilustrando-a com gravados

iguais. (Também editaram obras em solitário: Alfonso do Puerto imprimiu em 1482 a *Crónica de Espanha*, de Diego de Valera, e em 1483, *Constituciones Sinodales do Obispado de Jaén*. Antonio Martínez imprimiu em 1486 *El espejo de la Cruz*, de Dominico Calvaca.)

Da obra *Fasciculum Temporum* figuram como tipógrafos os mencionados Bartolomé Segura e Alfonso do Puerto. Impresso em Sevilha em 1480, este livro é um compêndio de história universal desde a «criação do mundo» e ilustrado com vistas de várias cidades — Roma, Siracusa, Catania... — e referências a personagens cujas cronologias se inserem em círculos.

Editado primeiro na Alemanha, teve varias edições pela Europa fora. Em Espanha, as edições alemãs eram vendidas especialmente pelo livreiro Teodorico Alemán. B. Segura e A. do Puerto copiaram a disposição gráfica das edições alemãs e reproduziram os mesmos gravados, com escassas variações. O volume consta de 79 folhas em



Impressão em Sevilha, realizada por Meinard Ungut e Stanislaw Polonus, em 1498

fólio numeradas com algarismos árabes. A letra é uma Gótica Rotunda, dos mesmos tipos que os utilizados para o *Sacramental*.

Quatro Compañeros Alemanes

Pablo de Colônia, Juan Pegnitzer, Magnus Herbst e Thomas Glokner imprimiram em Sevilha, no ano de 1490, um *Vocabulario universal* em Latim e em romance, em dois volumes, obra do cronista Alonso de Palencia, por ordem da rainha Isabel la Católica.

Os *Reyes Católicos*, e especialmente a Rainha Isabel, reconheceram a importância cultural da Imprensa e favoreciam a impressão de algumas obras, como o citado *Vocabulario universal*. No Argumento desta obra manifesta-se o desejo da rainha de «ayudar a los varones que habiendo elegido la región, no podían entender bien los textos latinos sin la ayuda de la lengua materna, el castellano». No

ano de 1482, os *Reyes Católicos* declaram o comércio de livros isento de impostos, e facilitaram o estabelecimento de oficinas tipográficas, como a sevilhana dos *Quatro Compañeros Alemanes*.

Esta famosa sociedade de impressores imprimiu mais de 40 obras até 1503, com um leque temático variado: Literatura, Linguística, Ciência, Teologia, Filosofia, Direito e Música.

Destacam-se as *Siete Partidas*, de Alfonso X, o Sábio, impressas em 1491. Trata-se do código alfonsino, uma compilação de leis medievais; tem o nome de *Siete Partidas* por incluir sete partes. O monarca Alfonso X, o Sábio, projectou esta obra para fixar a legislação e terminar com a desordem e confusão que reinava nos tribunais. Uma impressão de 480 folhas em fólio, sem numeração, mas com identificação; composta, como era o

molde ibérico da época dos incunábulos, em duas colunas com Gótica rotunda de dois corpos, a preto e rubro. A regularidade da composição e a perfeição das iniciais posicionam esta impressão entre as melhores obras feitas em Espanha, no século xv.

Outras obras publicadas pelos Compañeros: *Lux Bella*, de Marcos Durán (1492); *Cárcel do amor*, de Diego de San Pedro (1492); as *Ordenanzas Reales* (1495) e *Bucolica et Georgica*, de Virgilio (1498).

Meinardus Ungut e Stanislaus Polonus

Estes dois prototipógrafos chegaram a Sevilha, vindos de Nápoles. Nesta florescente cidade espanhola iniciaram em 1491 uma actividade que durou até 1499, ano em que faleceu Meinard Ungut. Durante este período são prolíficos; imprimiram mais de 70 obras! Uma forte contraste com a relativamente pequena produção de Valentim Fernandes em Lisboa.

Usaram como marca tipográfica uma árvore de cujo tronco nascem dois ramos, de cada um deles pende um escudete com as iniciais M (Meinardus) e P (Polonus). Algumas das suas edições caracterizam-se por belas folhas de rosto xilográficas, como a da *Cayda de príncipes*, de Boccaccio, obra traduzida por Pero López de Ayala, Alfonso García e Juan Alfonso de Zamora, publicada em 1495. (Veja também, a este respeito, as folhas de rosto xilográficas de Valentim Fernandes.)

Stanislao Polonus (=polaco) esteve em Sevilha até 1502, após o que se mudou para Alcalá de Henares. Em 1502, os *Reyes Católicos* imitam o procedimento dos monarcas portugueses, mandando-lhe imprimir a tradução castelhana da obra de Ludolphus de Saxónia *Vita Christi Cartuxano romançado por fray Ambrosio [Montesino]*. Reza o colofão: Impressa em Alcalá de Henares, por Stanislao Polonus; a coŝta de García de Rueda, 22 nov. 1502; 24 sept. 1503; 13 sept. 1503.



Cayda de príncipes, de Boccaccio, traduzida por Pero López de Ayala, Alfonso García e Juan Alfonso de Zamora, impressa por Ungut e Polonus em 1495.

Jacobo e Juan Cromberger

Jacome Cromberger (ou Corenberger, Kronberger, Kroneberger, Chronberger) fundou uma família de tipógrafos alemães que trabalhou em Sevilha na primeira metade do século xvi. Entre 1502 e 1528, Jacobo Cromberger imprimiu alguns dos mais belos livros em Espanha. Nunca deixou de trabalhar em Sevilha, embora tenha viajado várias vezes a Portugal.

Em Portugal, a pessoa de Jacobo Cromberger, *alemam imprimidor de lyuros*, está confirmada em carta (8 de Fevereiro de 1508) de Manuel I, passada em Santarém. Nesse ano, Manuel I concedeu-lhe privilégio real para imprimir em Portugal. Jacobo imprimiu em Évora e em Lisboa, cidade onde viria a falecer em 1528. São empregados seus que, com material tipográfico da oficina sevilhana, realizam impressões em Portugal.

Cromberger imprimiu em 1521 uma versão revista das *Ordenações Manuelinas*. (A pri-

meira edição tinha sido produzida por Valentim Fernandes.) De acordo com os colofões das *Ordenações*, o primeiro e o quarto tomos foram impressos em Évora, e o segundo, o terceiro e o quinto volumes foram executados em Lisboa.

No início da sua actividade, Jacobo Cromberger fez sociedade, em 1503, com o mencionado Stanislau Polono. Jacobo e Polono imprimem em 1503 o *Livro de Marco Polo*, numa tradução de Fernández de Santella, a *Logica* de Pedro Hispano, a *Opera de Aulio Persio Flaco* e o *Traçtado de la immortalidad dela ánima*, de Fernández de Santaella.

Mas em 1504, Cromberger já trabalha sozinho depois de ter adquirido o material gráfico de Polono. Em 1504, Cromberger imprime *Carmen Pascale* de Celio Sedulio.

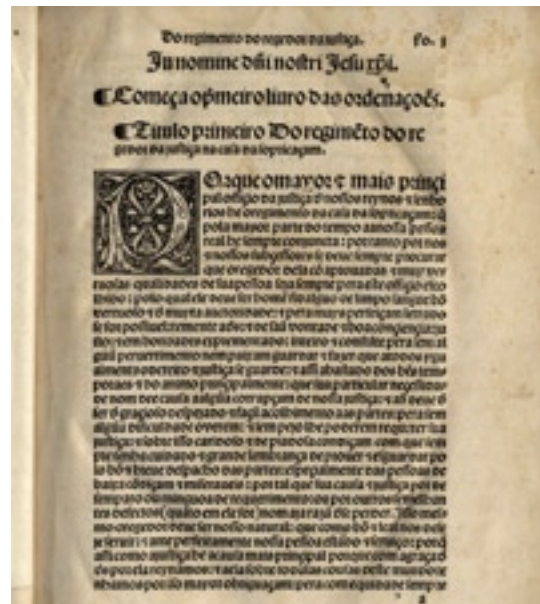
Imprimiu um *Vocabularium* em 1506, *Missale hispalense* em 1507, as *Ordenanzas de Alfonso de Montalvo*, em 1508, *Cárcel de amor* de Diego de San Pedro, *Coplas de Mingo Revulgo* em 1510, *Las CCC de Juan de Mena* e *Historia de los amantes* de Eneas Silvio Piccolomini, ambas impressas em 1512, *Crónica de España* de Diego de Valera, em 1517, *Suma de geographica* de Martín Fernández de Enciso, em 1519.

Em 1521, imprime o *Livro del sabio e clarissimo fabulador Ysopo historiado e anotado* (Fábulas de Esopo), obra ilustrada com 192 xilografuras, iniciais e ornamentações xilográficas nas margens. Em 1523, imprime o *Livro llamado Fiameta*, de Boccaccio.

Jacobo Cromberger casou-se com Cominina de Blanques, viúva do impressor Meinard Ungut. Teve três filhos: Francisco, que faleceu jovem, Juan, a quem cedeu o negócio através de uma doação inter vivos, e Catalina. Em 1525 transfere a sua oficina para Juan, embora continue a imprimir, umas vezes só, outras acompanhado do filho, pelo menos até ao ano de 1528. A colaboração entre pai e filho está patente na impressão do *Amadis de Gaula*, em 1526.

Juan, o segundo tipógrafo do clã Cromberger, trabalhou sozinho a partir de 1528. Imprimiu diversas obras, de qualidade tipográfica idêntica à do pai, tendo utilizado algum material tipográfico novo.

De Alfonso de la Torre, *Visión delectable dela philosophia et artes liberales*. Sevilha: Jacobo e



O primeiro [-quinto] liuro das Ordenações. - Euora. - Lisboa: Iacobo Cronberger alemam, 11 Março 1521. - 5 v. em um t.; 2º (30 cm). - Primeira impressão da segunda compilação.



Amadis de Gaula. Los quatro libros de Amadis de gaula nueuamente impressos & hystoriados en Seuilla. En Seuilla: por Iacobo Cromberger Alleman & Iuan cromberger, 1526. - CCC f.: il.; 4º (27 cm), BN RES. 454 V.

Juan Cromberger, 1526. Alfonso de la Torre escreveu esta obra alegórica sobre a natureza da sabedoria e da educação liberal nos anos 1440s; a primeira impressão foi em Barcelona em 1484. Impressão de Jacobo Cromberger e do seu filho Juan, ilustrada com 118 xilogravuras.

Em 1530 imprimiu *Los Proverbios*, de Iñigo López de Mendoza, e a *Suma de geographia*, de Martín Fernández de Enciso; *Relox de príncipes*, de Antonio de Guevara, em 1531; *Historia general de las 37 Indias*, de Gonzalo Fernández de Oviedo, em 1535; *Cancionero general* em 1540, de Hernando do Castillo, que se julga ter sido o seu último trabalho.

A imprensa no México

Juan Cromberger, correspondendo ao pedido de Fray Juan Zumárraga, bispo do México e do vice-rei do Conselho das Índias, fundou uma sucursal no México.

Em 12 de Junho de 1539 partiu do porto de Sevilha um barco que transportava um prelo para imprimir, algumas gravuras xilográficas, tipos móveis de madeira e metal, e todos os demais utensílios necessários à impressão, para além de uma apreciável quantidade de papel. A tipografia a implantar no México iria ser dirigida pelo bresciano Giovanni Paoli (Juan Pablos).

Juan Cromberger foi casado com Brígida Maldonado, de quem teve nove filhos. Faleceu em Sevilha em 1540, mas a sua mulher Brígida continuou com o negócio, embora o seu nome nunca conste dos impressos então feitos, os quais ostentam a menção de terem sido executados *en la imprenta de Juan Cromberger que sancta gloria aya*.

A partir de 1546, Jacobo ou Jácome Cromberger II exerceu também em Sevilha a tipografia — até ao ano de 1553.

Alonso Fernández de Córdoba

É o primeiro tipógrafo espanhol de nome conhecido; Alonso Fernández de Córdoba é o perfeito exemplo do impressor itinerante que marcou a Prototipografia ibérica. Em 1477 publicou em Valencia a sua primeira



Mexia, Ferando. *Nobiliario perfetamente copilado*. Impresso em Sevilha pelos tipógrafos Peter Brun e Juan Gentil, a 30 de Junho de 1492. GW M23111. Typ.1:94/95G, Typ.2:90G. O aspecto gráfico e os tipos utilizados – góticos rotundos – são típicos para os primeiros decénios da Imprensa em Espanha e Portugal. Imagem: NDL, Japão.



Tripartito do christianissimo e consolatorio / doctor Juan Gerson de doctrina christiana a qualquiera muy provechosa, publicado em México por don Fray Juan de Zumarraga, e impresso em casa de Juan Cromberger, 1544.— Edição facsimilar, Ediciones «Libros de México» 1949. [34] h. ; 4º (20 cm).

obra conhecida, o *Confessionale* de San Antonio de Florencia.

Depois, Fernández de Córdoba produziu, com Lamberto Palmat, em 1478, a *Bíblia* de Bonifacio Ferrer; obra impressa a duas colunas com letras góticas de dois corpos. No dia 2 de Maio de 1498 a *Bíblia* de Ferrer foi condenada pela Inquisição — muito provavelmente o motivo pelo qual só lhe é conhecida a última folha, que se conserva na Hispania Society of America.

Não temos mais notícias de Fernández de Córdoba até 1483, na cidade de Murcia, onde se estabelece como ourives de prata e mestre impressor. Regressa a Valencia em 1484 e imprime as obras do bispo Jaime Pérez. Alonso Fernández de Córdoba, procedente de Castilla, fez viagens e percorreu itinerários eventualmente relacionados com a sua precária condição de judeu converso. A sua presença em Híjar entre 1485 e 1490, relaciona-se com Eliezer ben Alantansi (Eliezir Toledano, em Lisboa), impressor com tipografia hebaica (Cadernos de Tipografia 12).

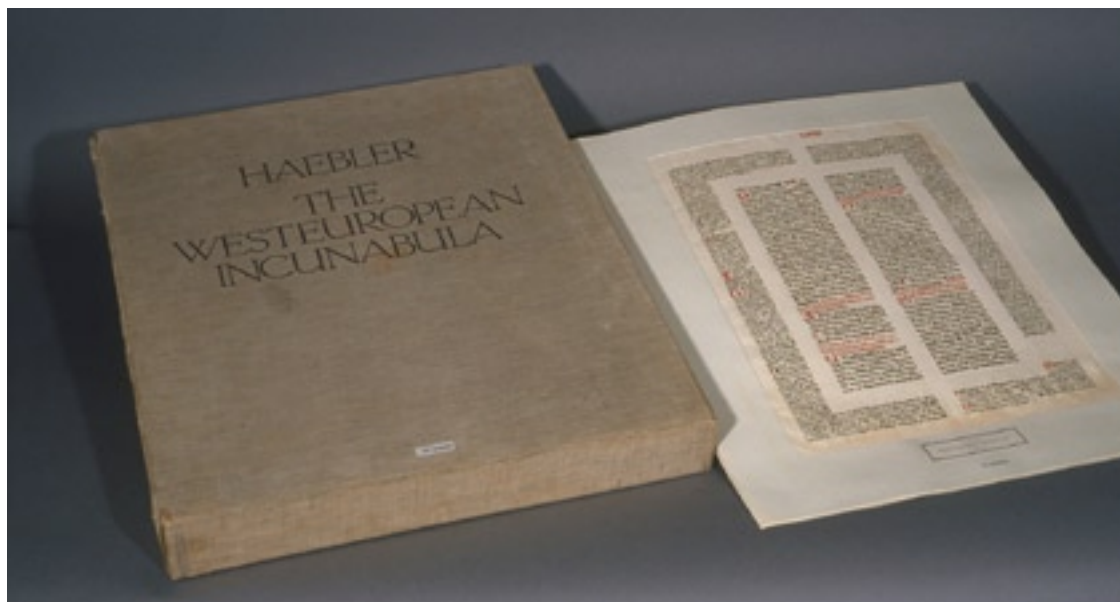
Continuação

Estes apontamentos serão continuados na próxima edição dos Cadernos de Tipografia e Design.

Bibliografia

- Escolar Sobrino, Hipólito (dir). *Historia ilustrada del libro español. De los incunábulos al siglo XVIII*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.
- Infantes, Víctor; François López; Jean-François Botrel (dir.), *Historia de la edición y de la lectura en España, 1472-1914*, Madrid. Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2003.
- García Craviotto, ed. (1989-90), *Catálogo general de incunábulos en bibliotecas españolas. Catálogo colectivo de obras impresas en los siglos XVI al XVIII existentes en las bibliotecas españolas: Siglo XVI*, Madrid: Biblioteca Nacional, 1972-1984.
- Goff. *Incunabula in American Libraries. A Third Census of Fifteenth-century Books Recorded in North American Collections*. 1964.
- Kurz. *Handbuch der iberischen Bilddrucke des XV Jahrhunderts*. 1931.

- Norton, F. J. A. (1978), *A Descriptive Catalogue of Printing in Spain and Portugal 1501-1520*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- Penney. Printed Books 1468-1700 in The Hispanic Society of America, 1965.
- Vindel (1945-51), *El arte tipográfico en España durante el siglo XV*.
- Lavoura, Maria Emília Bailio (org.), *Tipografia espanhola do século XVI: a coleção da Biblioteca Nacional*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.



Copyright (C) 2004 National Diet Library, Japan.

Diferenciando os tipos metálicos, catalogando os incunábulos

Grande parte do que sabemos sobre a tecnologia da Prototipografia ibérica deve-se ao hispanista Konrad Haebler (1857 — 1946). Haebler foi um bibliófilo, bibliotecário e investigador alemão. Estudou a história e a cultura dos países ibéricos, especializando-se na produção tipográfica espanhola e portuguesa dos séculos xv e xvi, tendo publicado as mais importantes obras sobre esta matéria.

Estudou Linguística na Universidade de Leipzig, onde se doutorou em 1882. A partir 1879, trabalhou como assistente de investigação na Real Biblioteca Pública de Dresden, onde se começou a afirmar como perito na História e Literatura da Espanha. A sua afinidade com a cultura ibérica aumentou durante as viagens que fez à Península Ibérica. Manteve extensa correspondência com intelectuais espanhóis e portugueses.

Na sequência da investigação que realizou sobre a economia de Espanha no século xvi passou a interessar-se pela Prototipografia na Península Ibérica, matéria em que se tornaria o maior especialista.

Em 1901, o bibliotecário Karl Franz Otto Dziatzko (1842-1903) apresentou o projecto dum *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, *GW*, *Catálogo dos Incunábulos*, e em 1904, foi instalada uma comissão editorial para concretizar este projecto.

Para concretizar o GW, a partir de 1906, sob a coordenação de Konrad Haebler, foram compilados durante onze anos dados de 145.000 incunábulos em 676 organizações alemãs. O primeiro volume do *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* foi publicado em Leipzig, em 1925.

Até 1940, foram publicados sete volumes e o primeiro fascículo do volume 8; a edição foi interrompida pela II Guerra Mundial. O volume 8 foi concluído muito mais tarde, em 1978; os volumes 9 e 10 foram publicados, respectivamente, em 1991 e 2000; e, a partir de então, o volume 11 retomou a publicação em fascículos.

Desde 2003, uma versão digital do *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* é oferecida para consulta online: <http://www.gesamtkatalogderwiegendrucke.de/>.

O método de descrição adoptado no *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* foi delineado pelo bibliógrafo norte-americano Henry Stevens, no último quartel do século XIX, sob o nome de *fotobibliografia* (1878), ou descrição didascálica, porque reproduz textualmente a folha de rosto como fonte principal de informação. (Henry Stevens, 1819-1886, bibliógrafo norte-americano, dedicou a sua vida à captação da Coleção da Library of Congress, do British Museum e de várias bibliotecas americanas, públicas e privadas).

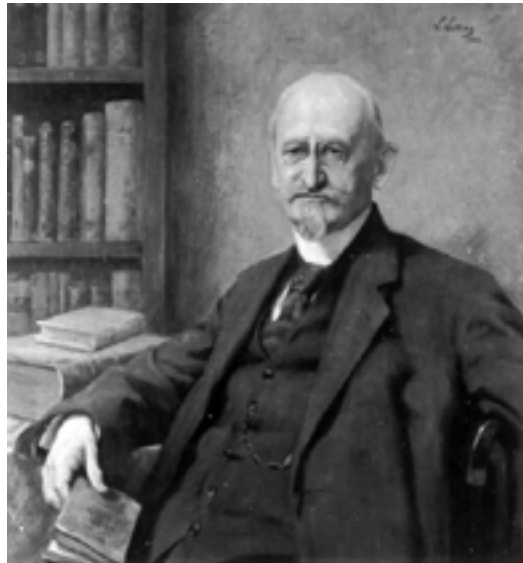
A partir de 1898, Haebler foi responsável pela catalogação dos incunábulo existentes nas bibliotecas de Dresden, cargo que aproveitou para estudar minuciosamente os caracteres e os estilos de impressão. Publicou em 1905 o *Typenrepertorium der Wiegendrucke*.

A partir de 1907, Haebler passou a trabalhar na Königliche Staatsbibliothek zu Berlin, onde, a partir de 1914, foi responsável pelo Departamento de Manuscritos.

Após a sua reforma, dedicou-se à investigação, entre outros temas, das técnicas de encadernação da Renascença.

Principais obras:

- Die wirtschaftliche Blüte Spaniens im 16. Jahrhundert und ihr Verfall* (1888).
The early printers of Spain and Portugal (1897).
Geschichte Spaniens unter den Habsburgern (1907).
Handbuch der Inkunabelkunde (1925)
 Impresores primitivos de España y Portugal. Madrid. Ollero y Ramos, 2005.
 Introducción al estudio de los incunables. Madrid. Ollero y Ramos, 1995.
 Haebler, Konrad, *Bibliografía ibérica do siglo XV. Enumeración de todos los libros impresos en España e Portugal hasta el año de 1500.* (1903-17).
Handbuch der Inkunabelkunde. Stuttgart: Hiersemann, 1966, 1979, Nachdr. d. Ausg. von 1925, Unveränd. Abdr. d. Aufl. Leipzig 1925. Photomechan. Nachdr.
Spanische und portugiesische Bücherzeichen des 15. u. 16. Jahrhunderts. Naarden: van Bekhoven, 1969, [Nachdr. d. Ausg.] Strassburg, 1898
Rollen- und Plattenstempel des XVI. Jahrhunderts. Nendeln/Liechtenstein : Kraus, 1968, [Nachdr. d. Ausg.] Leipzig 1928 und 1929.
 Texte zur Typographie des 15. Jahrhunderts. Haebler, Konrad; Wendland, Henning, 1990
 Die Drucke der Briefsammlungen des Aeneas Silvius, 1939
 Wie ich Inkunabelforscher wurde. 1931



Konrad Haebler. Retrato de Walther Günther Julian Witting.

- Die Erfindung der Druckkunst und ihre erste Ausbreitung in den Ländern Europas*, 1930.
Der westeuropäische Wiegendruck in Original-Typenbeispielen. [Bearb.], 1928
Die italienischen Fragmente vom Leiden Christi, 1927
Aus der Geschichte des italienischen Frühdrucks, 1926
Schriftguss und Schriftenhandel in der Frühdruckzeit, 1925
Die deutschen Buchdrucker des XV. Jahrhunderts im Auslande, 1924
Geschichte Amerikas. Haebler, Konrad; Hohlfeld, Johannes [Bearb.], 1923
Deutsche Bibliophilen des 16. Jahrhunderts, 1923.

Übersichtstafel der M-Formen.

M 1	M 2	M 3	M 4	M 5	M 6	M 7	M 8
M 9	M 10	M 11	M 12	M 13	M 14	M 15	M 16
M 17	M 18	M 19	M 20	M 21	M 22	M 23	M 24
M 25	M 26	M 27	M 28	M 29	M 30	M 31	M 32
M 33	M 34	M 35	M 36	M 37	M 38	M 39	M 40
M 41	M 42	M 43	M 44	M 45	M 46	M 47	M 48
M 49	M 50	M 51	M 52	M 53	M 54	M 55	M 56
M 57	M 57 ^b	M 58	M 59	M 60	M 61	M 62	M 63
M 64	M 65	M 66	M 67	M 68	M 69	M 70	M 71
M 72	M 73	M 74	M 75	M 76	M 77	M 78	M 79
M 80	M 81	M 82	M 83	M 84	M 85	M 86	M 87
M 88	M 89	M 90	M 91	M 92	M 93	M 94	M 95
	M 96	M 97	M 98	M 99	M 100	M 101	

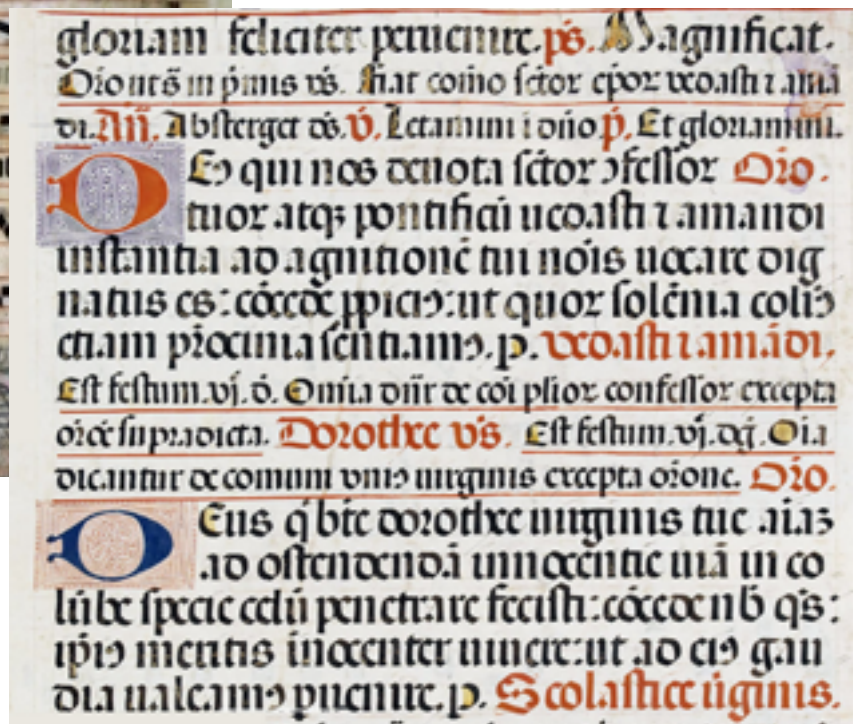
Konrad Haebler (1857-1946), um investigador alemão, fez esforços exaustivos para identificar e compilar uma lista dos tipos metálicos usados pelos protoimpressores. Para facilitar a identificação dos tipos, retratou as formas do «M» em 101 grupos e 258 classes. Estes resultados foram publicados no Typenrepertorium der Wiegendrucke (1905-24). Para mais detalhe, veja: http://www.ndl.go.jp/incunabula/e/chapter2/chapter2_01_02.html



Antifonário do século XVI.
Torre do Tombo, Lisboa.

Prima Pars Summe
Alberti Magni
De Quatuor Loqueuis
vna cum secunda
eius que est De homine.

Impressão de
Simmon de
Lure



Antifonário. Manuscrito castelhano, do século XVI.

A importância da Gótica Rotunda

Mais do que apenas «uma das variantes» da letra gótica medieval, a Gótica Rotunda é um verdadeiro «Leitmotiv» tipográfico dos primeiros 60 anos da Imprensa na Península Ibérica. Para além desta destacada posição no meio tipográfico, a Gótica Rotunda foi, em Portugal, o símbolo gráfico de toda a era manuelina. Aparece desenhada em mapas náuticos, em forais, em livros de culto religioso (antifonários, por exemplo) e nos mais variados documentos. Atendendo a este protagonismo, é de admirar que este modelo de Gótica tenha chamado a atenção de bem poucos typeface designers. Que eu saiba, o único português

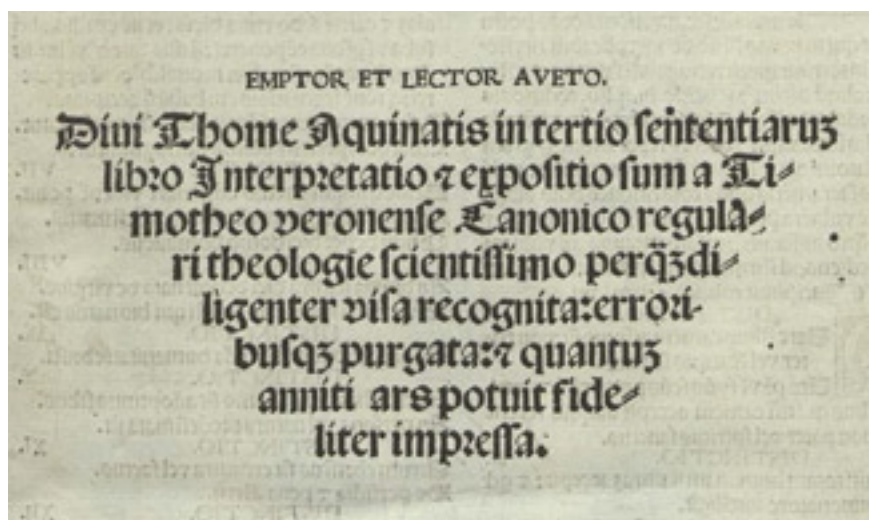
que empreendeu desenhar uma Gótica Rotunda digital, foi Manuel Silva, recentemente falecido. Para preencher a lacuna que até hoje perdura, coleccionei dezenas de imagens de documentos, para realizar fontes digitais. A «peça» mais importante foi designada «Valentim Fernandes». Na intenção de aprofundar o meu conhecimento das letras góticas, também me ocupei com a Textura e com a Fraktur, o que me levou a projectos colaterais: a digitalização dos tipos usados por Johannes Gutenberg na famosa Bíblia de 42 linhas, e a digitalização de uma Fraktur desenhada por Albrecht Dürer.

Paulo Heitlinger



A expressão consumada da Gótica Rotunda tipográfica, uma impressão datada de 1518, feita em Veneza. Note a composição com três corpos diferentes de Gótica e versais capitulares romanas, ornamentadas. Em contraste com os incunábulo espanhol e portugueses, esta composição é mais regular e luminosa, os tipos de metal mais nítidos, e o layout geral já dá mostras melhor «bom gosto» e refinamento. Na portada deste livro (imagem em baixo), a Gótica aparece em companhia de versais romanas...

Emptor et lector aueto. Diui Thome Aquinatis in tertio sententiaru[m] libro interpretatio [et] expositio sum a Timotheo veronense ... visa cognita: erroribusq[ue] purgata: [et] quantu[m] anniti ars potuit fideliter impressa. - [Venetiis]: impresa heredum quondam Domini Octaviani Scoti Modoetientis: ac sociorum, 11 Octobris 1518]. - 158 f.; 2º (31 cm). Obra digitalizada pela Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.





Dois belos exemplos de impressões revelam com clareza as típicas formas arredondadas da Gótica Rotunda, usada em vários países. Primeiro exemplo, a cor: impressão do holandês Jacobus de Breda. Segundo exemplo: Impressão de Esopo.

Esopus moralizatus cū bono commēto.

A Rotunda pertence aos estilos caligráficos surgidos no século XIII, integrada no grande grupo das Góticas. Poucos tipos de caligrafia desenvolveram tantas variedades como a letra gótica; numa primeira divisão elementar, distinguem-se os subgrupos Gótica Librária (*textualis formata*) e Gótica Documental (ou documentária).

A Gótica Librária (*textualis*) foi utilizada em edições de livros, sobretudo livros de luxo. Mais tarde, também se lhe deu o nome de «formada» (*formata*) porque os primeiros impressores usaram esta letra, copiada ao estilo (à forma) dos manuscritos da época.

Entre os elementos da Gótica Librária, sobressaem os estilos Textura (alta, esguia, muito compacta, fracturada), Redonda ou Rotunda, e Fraktur (letra quebrada). A Textura, vulgar na Alemanha, foi utilizada por Gutenberg na edição da sua famosa B-42; a Fraktur desenvolveu-se como um estilo de cunho protestante e alemão.

A *Textura prescissa*, ou *textualis prescissa*, é uma caligrafia librária muito formal, na qual as bases das letras eram cortadas rectas, paralelas às linhas de marcação. Este estilo ficou reservado a livros de execução muito formal, na qual a caligrafia era muito esmerada. Também foi designada por *textura prescissa sine pedibus*, para realçar a falta dos «pés». Esta característica foi passada a algumas versões da Gótica rotunda impressa. A *Textura Quadrata* tem formas já próximas da letra no centro da nossa atenção: a Gótica Rotunda.

A Rotunda é essencialmente de forma redonda, com um traçado que ainda hoje nos favorece a leitura, já que os glifos não são muito compactados (pelos menos, quando comparados com a Textura). Terá afinidades remotas com a bastante mais antiga letra Carolina, mas as formas mostram muita mais angulosidade e traços mais grossos, menos fluídos. Daí que uma Rotunda mos-

tre sempre maior peso visual que uma Carolina.

As Rotundas (redondas), que surgiram na Itália, foram a expressão da resistência contra as Texturas, as esguias letras fracturadas que se escreviam mais a norte na Europa. Quando vingou a «arte negra», as oficinas tipográficas estavam equipada com góticas fundidas em metal. No caso de Gutenberg, estava equipada com uma Textura.

A Rotunda localizou-se nos países católicos. Surgiu em Itália no século XIII, para contrariar os estilos góticos angulosos populares no Norte da Europa. Mas embora nascesse em Itália, a sua mais rápida imposição sucede em França e sobretudo, com o tardio advento da Imprensa, na Península Ibérica, de gosto marcadamente tardio-medieval. Através da expansão colonial espanhola, chegou cedo ao continente americano, onde o espanhol Juan Cromberger instalou um prelo no México.

Como variante das letras quebradas, a Rotunda começou por ser escrita em Itália, particularmente nos manuscritos jurídicos da Universidade de Bologna (daí *littera bologniensis*). A Norte dos Alpes, onde a Textura dominava nos impressos, a Rotunda tipográfica só começou a ter um uso frequente a partir de 1485.

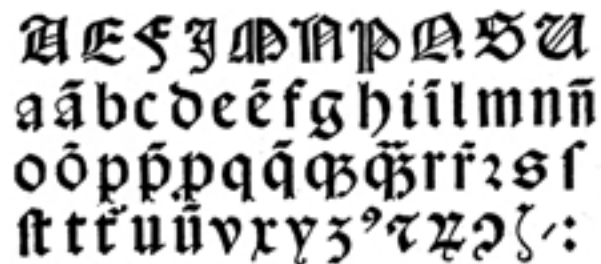
As características mais distintivas da velha Rotunda italiana, usada em manuscritos dos séculos XIII e XIV, são o seu traçado marcadamente vertical, combinado com um ductus largo. Os quebrados típicos das góticas aparecem aqui suavizados, os traços finos faltam quase todos.

A letra que permite a identificação fácil deste estilo é o **a** minúsculo da Rotunda, equipado com dois «andares», com um bojo inferior particularmente diminuto e um pescoço pronunciadamente alto e esguio, que termina com uma linha fina na sua curva para a esquerda, fechando completamente a parte superior, e deste modo, produzindo dois bojos. Fácil de reconhecer é também a forma peculiar do **g** minúsculo, com dois



No manuscrito «Plimpton MS 296», da *Rare Book and Manuscript Library* da Universidade de Columbia (parte do Digital Scriptorium, online), encontramos modelos de muitas letras vigentes em princípios do século XVI: Gótica, Uncial, Uncial alongada, Rotunda, Aldo, etc.

Este pergaminho, uma referência para copistas e calígrafos, terá sido supostamente elaborado em Espanha; contudo, a legendagem em português e espanhol aponta para uma origem mista. Este mostruário de letras é datável para entre 1500 e 1515. Eventualmente, terá sido elaborado mais tarde. © Digital Scriptorium, scriptorium.columbia.edu. A Rotunda é aqui designada «letra de punto».



Uma Gótica Rotunda, impressa. Tipo móvel usado em Augsburg por Erhard Ratdolt. Typ.11:230G GfT603. Imagem: Diet Library, Japan.

bojos, igualmente. Formas típicas também se observam no **r** (r minúsculo) e no **d** (d minúsculo, curto e curvo).

O estilo gótico rotundo foi incluído em praticamente todos os manuais de Caligrafia impressos (ou caligrafados) durante o Renascimento. Basta olhar para os manuais dos grandes calígrafos e tratadistas italianos Tagliente, Cresci, Arrighi e Palatino; em Espanha, veja-se o mostroário do famoso Juan de Yciar.

Em Portugal, apareceu um estudo da Gótica Rotunda no famoso manual de caligrafia de Manuel de Andrade de Figueiredo (1670 - 1735). Parece que Andrade quis interpretar a expressão «Gótica Redonda» literalmente, pois decidiu colocar as suas letras numa grelha construída com um quadrado e um círculo, dando assim ao seu estudo caligráfico uma impressionante regularidade.

Aqui, pouco interessa o facto que Andrade não reproduziu em todas as letras gótico rotundas as suas formas características; importante é que conseguiu reproduzir e acentuar a modularidade e rítmica destas letras. As suas maiúsculas são pouco típicas, pelo que prescindi de digitalizá-las, concentrando-me nas minúsculas.

Sob a influência da Rotunda escrita, os puncionistas do século xv criaram tipos móveis deste estilo. São notáveis os caracteres produzidos pelos protoimpressores Wendelin Speyer e Nicolas Jenson, em Veneza, já por volta de 1462, passados apenas poucos anos depois do primeiro livro impresso em Mainz, a B-42.

No ano de 1500, quando termina a época dos incunábulos, a Rotunda é uma letra de gosto marcadamente medieval, que persiste numa Europa que já está em plena transição para o Humanismo (e para a letra Romana). A Rotunda alcançou a sua maior e mais duradoura popularidade nos países católicos, conservadores, mas – de certa maneira, parece contraditório –, também floresceu no centro mais moderno da Tipografia: em Veneza. Erhard Ratdolt foi um dos mestres impressores que a usou abundantemente;



O traçado típico das Rotundas caligráficas aparece na famosa *Arte Subtilissima* do mestre calígrafo Juan de Yciar. O mestre catalão designa este estilo de «Letras de libros», que será, eventualmente, uma referência ao facto desta letra surgir na maioria dos livros impressos.

este impressor alemão, que trabalhou em Veneza e em Augsburg, usou uma Gótica rotunda muito regular e equilibrada. Um exemplo «clássico» da forma italiana da Rotunda Rotunda é a editio princeps dos

a b c d e f g h i
j k l m n o p q r
s t u v x y



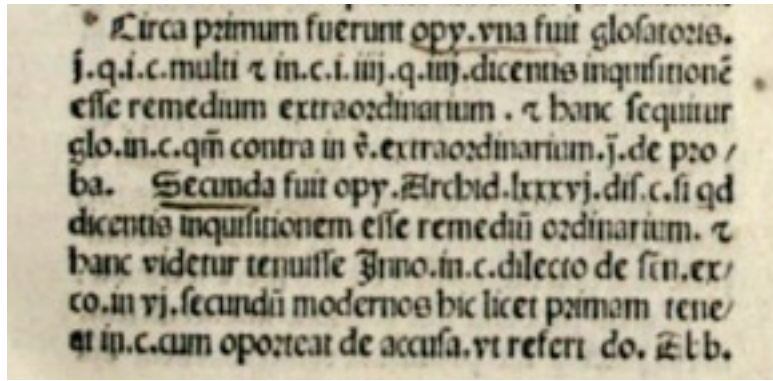
Em Portugal, apareceu, já numa etapa tardia, um estudo da Gótica Rotunda no famoso manual de caligrafia de Manuel de Andrade de Figueiredo (1670 - 1735), no reinado de João V. Este manual, a *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar*, possibilitou-me a digitalização de uma versão caligráfica da Rotunda, podendo assim aprofundar o conhecimento da rítmica específica desta letra, assim como os seus traçados, quando realizados com um pena de aparo largo. Parece que Andrade quis interpretar a «Gótica Redonda» literalmente, pois decidiu colocar as suas letras numa grelha construída com um quadrado e um círculo, dando assim ao seu estudo caligráfico uma grande regularidade. Em cima: a digitalização das minúsculas da versão da Gótica Rotunda caligráfica, aproximadamente como Andrade a publicou no seu famoso manual. A letra v não aparece; o x e o z têm formas pouco características, pelo que foram substituídas nesta digitalização, por letras dos alfabetos mais adiante discutidos. Ao lado: uma página do Manual, do site da Biblioteca Nacional em Lisboa.

Elementa geometrica de Euclido, impressa em 1482, em Veneza, com impressos a ouro, iniciais floreadas e perto de 200 diagramas geométricos exactíssimos - uma obra-prima da oficina de Erhard Ratdolt. Os mais perfeitos livros litúrgicos compostos com a Rotunda e elaborados entre 1490 e 1500, vieram da oficina veneziana de Johann Emeric, tipógrafo que dispunha dum repertório de 18 diferentes tipos rotundos, desenhados segundo originais de Spira, Nicolas Jenson e Erhardt Ratdolt.

Konrad Haebler, o famoso erudito alemão que estudou minuciosamente os tipos móveis dos incunábulos, ainda hoje a autoridade máxima nesta matéria, tira na sua obra de referência *Typenrepertorium der Wiegendrucke* a seguinte conclusão: «... we can say roughly that in the age of incunabula, about

1,100 printers used 4,600 type founts to print 27,000 titles of books and documents. Gothic type accounts for 79% of all types used, while Roman types represents around 19%. Besides these two major founts, Greek, Hebrew ... were created... Some 1,200 Gothic type founts were used in both Italy and Germany, and some 700 Gothic type founts in France. Most of Roman types were used by Italian printers, while only a small number of German, French and Spanish printers used Roman type. Printers in England and the Netherlands seldom or never used Roman type.»

A Rotunda tipográfica chegou a Lyon, vinda de Itália, em 1482, e de aí passou ao sul do país e logo a Espanha e Portugal. Em Portugal, a Rotunda converte-se no único tipo usado nos incunábulos; também em



Exemplo de impressão com Gótica Rotunda. Accoltis, Franciscus de. *Super secundo libro Decretalium*. 1481. Bologna: Ugo Rugerius para Antonius de Cistis e Henricus de Colonia, 20 Dec. 1481. Formato: fólio, Latim. Em baixo: um belo exemplo de um livro ilustrado som xilogravuras, composto com Gótica Rotunda.

Espanha é a letra dominante. É por isso que se encontra – quase exclusivamente – nas edições incunábulas e quinhentistas de Espanha e Portugal na época em que os prototipógrafos alemães dominavam a jovem «arte de ympressom».

Mais tarde, em outro países, identificava-se este tipo de letra com Espanha/Portugal. Plantin chamou a um dos seus tipos góticos *Castillane* e a outro, *Canon d’Espagne*.

No estilo de caligrafar com a Rotunda usavam-se muitas abreviaturas e contracções, prática que transitou para os livros compostos com tipos de metal gótico-rotundos. Glifos específicos são usados para assinalar essas abreviações e contracções. Por exemplo, o **¶** assinala o Et, o **û** assinala «um», o símbolo **°** o «ibus».

Apesar da Itália humanista ter introduzido e favorecido os caracteres humanísticos (a Romana), a Rotunda continuou a ser usada para caligrafar livros devocionais de luxo, produzidos para nobres e ricos comerciantes, até ao século XVII. E continuou a ser usada na impressão com caracteres metálicos, especialmente nos livros de devoção.

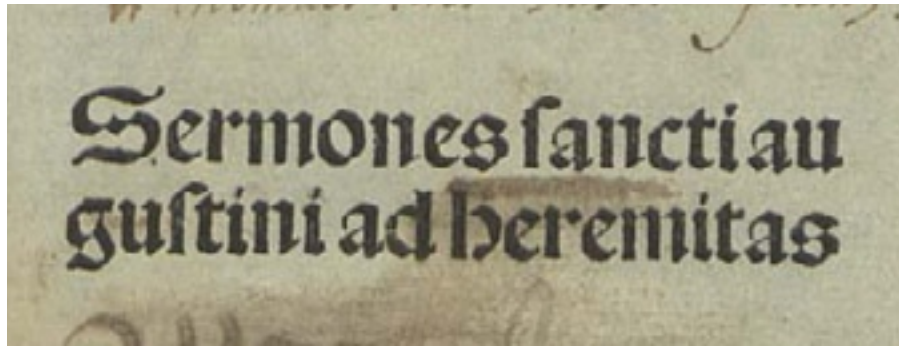
Quando a Romana já se tinha imposto como letra-chave do Humanismo, a Gótica Rotunda passa a «letra clerical». É quase óbvio que é esta letra que vai ser a preferida em Espanha e Portugal, definindo quase toda a produção de incunábulo e ficando vigente até 1540-1550.

Inúmeros outros incunábulo, impressos especialmente na Alemanha, mas também na Itália, atestam a alta qualidade de livros compostos e impressos com a Gótica Rotunda. Um exame detalhado revela que,

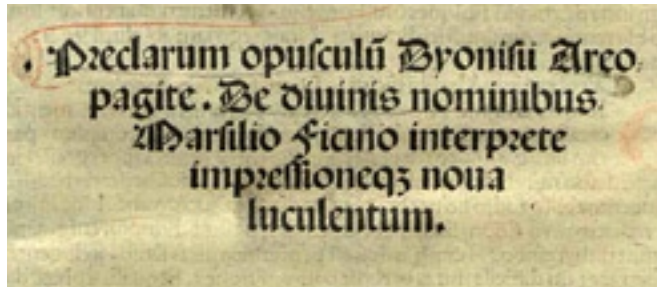


embora estes livros se integrem numa grande *unidade estilística* que se espalhou por toda a Europa, existem muitas (e belas) variantes, especialmente nos detalhes das formas das maiúsculas, ora mais quadradas, ora mais redondas; por vezes singelas, outras vezes carregadas de ornamentação.

Já o desenho das minúsculas é mais homogéneo e uniforme; as diferenças concentram-se no uso, ou não, do s longo, nas formas particulares do g, etc. Rapidamente compreendemos que é possível passar uma vida inteira a analisar e catalogar estes tipos, como de facto o fez o cientista Konrad Haebler. No seu *Typenrepertorium*, Haebler mostra-nos 101 variantes da letra maiúscula M, a letra que ele escolheu para classificar os incunábulo. Estas mais importantes variantes des-



Impressão com Gótica Rotundas, feita em Veneza: *Sermones sancti augustini ad heremitas. - Venetiis: per Symonem Papiensem dictum Biuilaqua, 4 nouembris 1495. - [112] f. ; 8° (16 cm).*



Prelarum opusculu[m] Dyonisii Areopagite. De diuinis nominibus Marsilio Ficino interprete impressioneque noua luculentum. - [Impressum Venetiis: Impensis Petri Liechtesteyn coloniensis. arte... Iacobi de Leucho, 1 aprilis 1501]. - 94 f. ; 4° (21 cm). Nesta obra, apenas a folha de rosto foi composta com Góticas Rotundas.

dobram-se por outras mais sub-variantes, para as quais Haebler desenvolveu uma notação especial.

No meio desta enorme «zoologia» de caracteres gótico-rotundos, quais foram precisamente os tipos usados por tipógrafos alemães, espanhóis e portugueses na Península Ibérica? Para responder a esta pergunta, concentrei-me na obra de Valentim Fernandes. Além destes alvos primários, fui estabelecendo comparações com os tipos usados por outros impressores, especialmente por Erhardt Ratdolt e Jenson.

Os livros de Valentim Fernandes

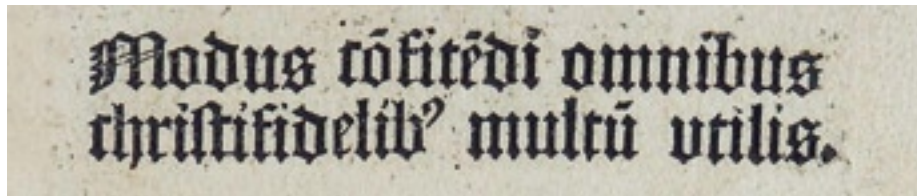
A *Vita Christi* é um dos mais importantes incunábulo de Portugal. Em quatro volumes in-fólio impressos em 1495, por ordem e a expensas de Dona Leonor, é o terceiro incunábulo português (depois do *Sacramental* e do *Tratado de Confissom* (Chaves, 1488 e 89), — e o primeiro livro ilustrado impresso em Portugal. A *Vita Christi* foi a primeira referência que usei na digitalização de uma Gótica Rotunda usada em prelos portugueses. Depois de me ser permitido fotografar algumas páginas das *Epiſtolas de Cataldo Sículo* na Biblioteca Municipal do Porto, pude melhorar substancialmente a fonte digital, agora já guiado por imagens de alta resolução.

O modelo tipográfico seguido e a imposição foi o dos livros que imprimiam os tipógrafos alemães em Sevilha, Burgos e por toda a Espanha: letra gótica redonda, pouco condensada, razoavelmente bem legível, distribuída por duas colunas, com partes do texto impressas em cor rubra — uma estética de livro profundamente enraizada na cultura tardo-medieval alemã, flamenga e holandesa, profundamente divergente da nova estética tipográfica do Renascimento que já brilhava em Veneza, fomentada nas oficinas tipográficas venezianas de Nicolas Jenson e Aldus Manutius.

Quando Fernandes misturava borduras e tarjas de desenho renascentista com capitulares góticas ornadas, produzia as mais fantásticas «saladas russas» de estilos antagónicos, misturas eclécticas, híbridos de péssimo gosto. Para obter um vistoso efeito nos frontispícios, usando letras altas e muito grandes, Valentim Fernandes recorreu várias vezes a enormes letras feitas de madeira, irregulares, de fraca execução artesanal e de pior qualidade estética.

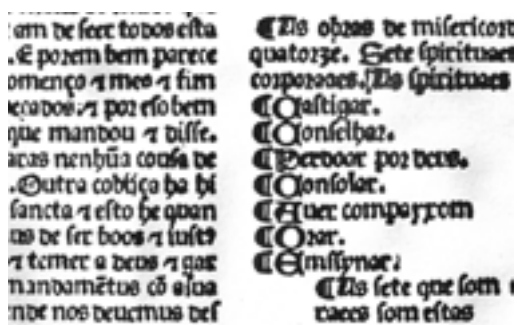
Duas fontes digitais

Em seguida, apresento uma versão digital as letras que Valentim Fernandes usou, tão características dos incunábulo feitos em Por-

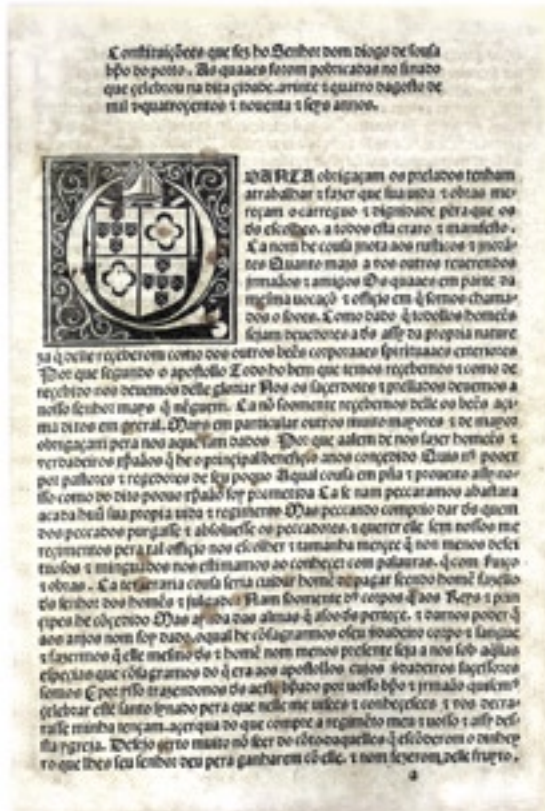


Incunábulo, impresso com Gótica Rotunda.
Andreas de Escobar - *Modus confitendi*. Impresso em Colónia por Heinrich Quentell, 1495.

tugal. Mas antes de apresentá-las, faltará justificar porque não usei para modelos, por exemplo as fontes góticas usadas no *Sacramental* ou no *Tratado de Confissom*, incunábulo impressos em Chaves. Ou os tipos das *Ordenações de Dom Diogo de Sousa*. A explicação é simples: os tipos de metal usados pelos prototipógrafos em Chaves estavam tão «estafados», tão desgastados e deformados, que não permitem uma digitalização com condições estéticas e técnicas. As obras impressas por João Gherlinc, em Braga, por exemplo o *Breviarium Bracarense*, apresentavam melhor qualidade, mas não me foi possível aceder a esse incunábulo. Também ainda não me foi possível aceder às *Constituições* do Bispo do Porto, falta que espero poder recuperar nas próximas semanas.



Detalhe dos caracteres gótico-rotundos usados no *Tratado da Confissom*. Mostram evidentes sinais de deterioração.



Primeira página das *Constituições sinoidais de Diogo de Sousa*. Dentro da letra capitular Q, uma uncial lombarda realizada por xilogravura, estão inseridas as armas de Sousa. A composição foi feita a uma coluna com 40 linhas; imposição em 3 cadernos. Uma obra com 32 fólhos, composta em tipo de tamanho único. O livro contém 60 constituições diocesanas, divulgadas no Sínodo de 1496 e um resumo final dos princípios e orações fundamentais da religião católica. Sem dúvida, a Igreja Católica tinha aprendido rapidamente a servir-se da nova tecnologia de impressão para a divulgação dos seus propósitos.

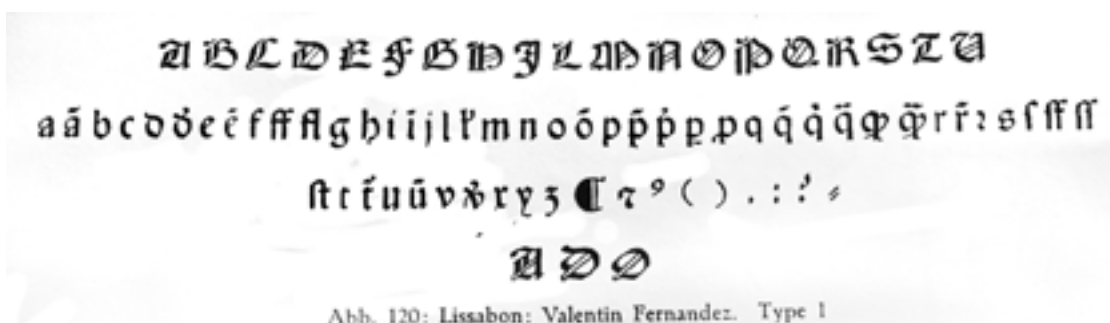
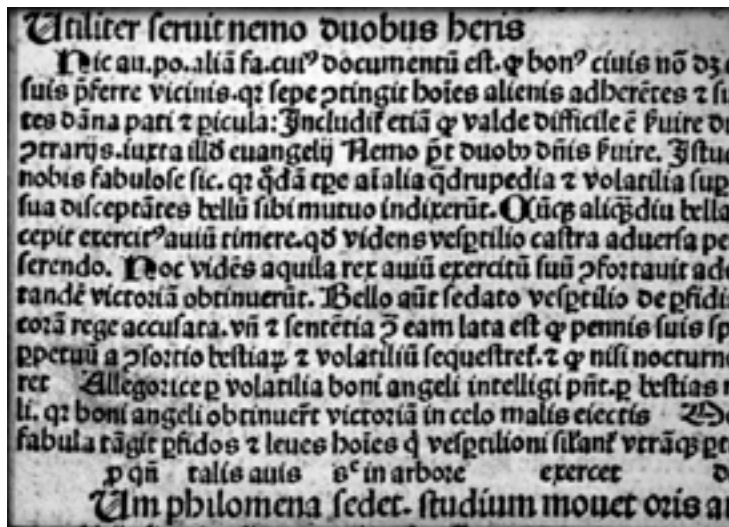


Abb. 120: Lissabon: Valentin Fernandez. Type 1

Os primeiros tipos usados por Valentim Fernandes, usados na *Vita Christi* e nas *Epistole* de Cataldo, conforme os reproduz Konrad Haebler no seu livro *Geschichte des spanischen Frühdrucks in Stammäbäumen*, de 1923.

Comparando Rotundas tipográficas



Do impressor Heinrich Quell, natural de Colónia e exercendo a profissão de tipógrafo nesta cidade, conhecemos várias impressões, todas efectuadas com a sua Gótica Rotunda.

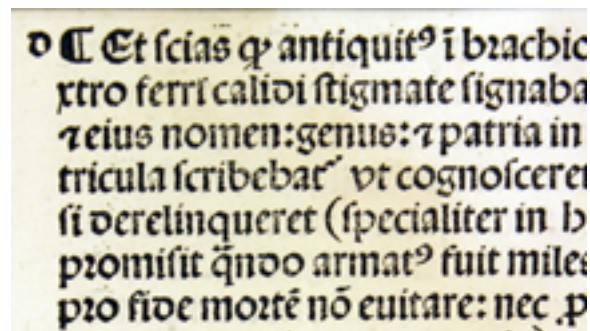
Um exemplo: *Alanus de Insulis.*

Doctrinale altum parabolarum mit Kommentar. Köln: Heinrich Quentell.

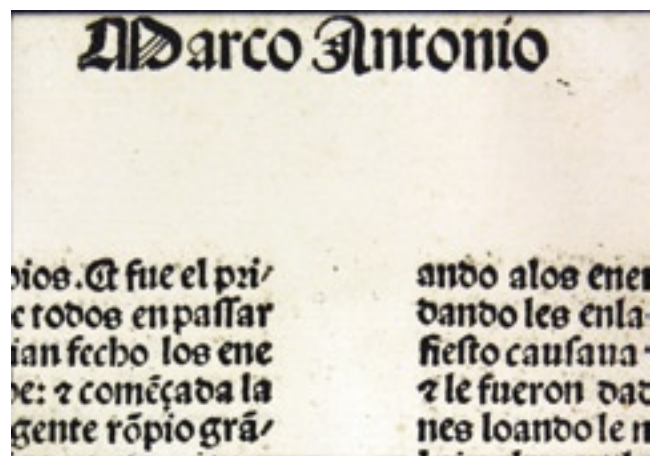
Note que na imagem mostrada em cima, o texto corrido, composto em letra pequena, mostra maiúsculas de formas simplificadas. As iniciais, no início de certos parágrafos, são diferentes da Gótica redonda: são unciais.



Tratado da sphaera com a Theorica do Sol i da Lua, tradução do matemático Pedro Nunes do primeiro livro da *Geographia* de Claudio Ptolomeo. Impresso pelo tipógrafo francês Germão Galharde em Lisboa, em 1537. Apesar deste livro ter sido composto «tradicionalmente» com tipos góticos rotundos, algumas letras faltaram e foram substituídas por tipos romanos. A última linha também foi composta com Romanas...



Meinard Ungut e N. Polonus, impressor alemão e polaco, estabelecidos em Espanha. Os E maiúsculas têm formas diferentes das letras usadas por Valentim Fernandes.



Tipos góticos usados pelos Compañeros Alemanes, em Sevilha, 1491.

concitado a los iudios. Et fue el primero Eltonio entre todos en passar el fossado que tenian fecho los enemigos muy grande: e comēçada la batalla el cō poca gente rōpio grādes compañías delos contrarios. Et quasi a todos pudo cortar las cabeças. e prendio al mesmo aristobolo iunta mēte cō su hijo. Despuēs desto rogando Ptolemeo a Sabinio que passasse el exercito en egypto

Sevilha, Compañeros Alemanes, 1491

De littera AN
 it^o i brachio de
 tate signabant
 : e patria in ma
 cognosceret: et
 cialiter in his q̄
 at^o fuit miles vt
 uitare: nec p do
 dom^o nisi ob ei^o p
 dato: seu iustitie p̄
 inde pign^o eo vel
 de vel clipeo ibi ex
 ei^o arma vel eq̄ si
 tur: s; nec equ^o sui
 uētis: nec h^o p̄text

Sevilha, Ungut e Polonus, 1498

Prologus
 ad intellectū librorū sequentiū: ut mihi vī: nū qz vnus
 alī frater oī die noster plogos biblic valde sufficient ex
 posuit: qd op^o habet cōter: e tō intēdē itez expōnē dī
 ctōz plogoz nō mihi neciuz videbat. Aliqz in libro
 rū plogos exposuit: sup q̄s scripsi anq̄ a libro gen. icho
 are. Postremo qz nō sū ita pīe in līgua hebraica vī la
 tīna qm in multū possiz deficē: tō p̄textoz q̄ nihil intēdo
 dicē assertiue seu dēmiatiue: nisi q̄tū ad ea q̄ manifeste
 dēmiata sūt p sacra scripturā vī ecclē auctoritatē cōtra
 vō oīa accipiat tāq̄ scholastice e p modū exercitiū dēa
 ppter qd oīa dēa e dīcēda suppono correctoi scē matri
 ecclē: ac cuiuslibet sapiētī: pīū lectorē e cbaritatiuū fla
 gitās correctorē. Clericū anq̄ dēscēdā ad expōnem līe
 p̄mitto. vj. regulas exponēdi sacra scripturā: q̄s tangit
 Jsa. j. libro de sūmo bono. ca. xx. e vocant līe regle ab
 aliq̄b^o clauca: qz p eas intellect^o scripture apīe in multū
 Prima ē de dno Jhu christo e c^o corpe mystico: qd est
 ecclia: qz pp p̄nacionē capīe ad corp^o sacra scriptura sō
 vno p̄textu q̄s sō eadē p̄sona aliq̄n loquit^o v̄ vtroqz: d
 vno trāsīto ad aliud: vbi grā Jsa. lxj. Induit me vesti
 menti salutē: e indumento iusticie circūdedit me: q̄s spō
 lralis simplr: scda tū q̄ ē de xpo: spūalis e mystica ē fm qd
 inq̄tū Salomō fuit figura xpi. Quarta regula ē de spē et
 genē: siue de pte ac toto: cū de vno trāsīt ad aliud e reuert
 so: sicut Jsa. xii. pmo loquit^o d̄ Babylonē spālīter cū dicit:
 Onus Babylonis rē. e trāsīt ad intelligēdō v̄bz de toto
 mundo gnālī: p hoc qd subdī: a sūmitate ecclē dno e vasa
 furoris ei^o: ut dūspdat oīm terrā. Postea reuertit ad loquē
 dū d̄ Babylonē spālīr cū dī: Ecce ego suscitabo super vos
 medos: q̄ argenti nō q̄rant rē. qz Dari^o medus cū Lyro ne
 pote suo cepit Babylonā: e int̄fecit Balthasar regē Baby
 lonis: aut habet Danic. v. Quinta regula ē de t̄pō: q̄ p̄tū
 git quadrupl̄. Uno mō p synodothen: qm ponit p̄t̄p̄s p
 toto: sicut in euāgēlio dī: Christus trib^o die^o iacuisse in se
 pulchro: e tū p̄ma die e tertia nō fuerūt int̄gre. Alio mō
 ppter minutias t̄pōs: q̄ aliq̄n in scriptura cōputant: e aliq̄n
 omittunt. Et fm hoc scriptura sacra loquēs de aliq̄ nume
 ro annorū in plū^o locis: aliq̄n in vno loco ponit plcs ānos
 minutias p̄dictas cōputādo: In alio vō loco ponit paucio
 res: dēas minutias omittēdo. Tertio mō p̄tūgit: eo qz com
 putatio annoz incipit in vno loco a p̄ori termino: in alio a
 postiori: sicut Sen. ry. dictū fuit Abrae: Semen tuū fu

O colofão desta impressão de grande qualidade identifica-a como obra dos sócios Nicolas Jenson e João de Colônia, trabalhando em Veneza, em 1481. **As Góticas Rotundas aqui usadas apresentam nítidas semelhanças com as de Valentim Fernandes**; não só as maiúsculas com o característico elemento decorativo, como também as outras. Eventualmente, terá sido este desenho de letra o que serviu de inspiração a Valentim Fernandes. *Biblia cum postillis Nicolai de Lyra. - [Venetijs ... : Impensaq[ue] ... Johannis de colonia Nicolai ienson: sociorumue ..., 31 Julho 1481]. - 2 vol. ; 2º (32 cm). -*

N princípio **N** princípio

Comparação do N maiúsculo de Valentim Fernandes (esquerda) com o de Nicolas Jenson (direita): embora dentro do mesmo estilo, são bem diferenciáveis.

Digitalizando incunábulos...

Num complicado *making of the Valentim Fernandes Typefaces* foi necessário reunir vários modos de observação e produção para conhecer e digitalizar a «letra típica» dos incunábulos portugueses, para obter uma Gótica Rotunda mais autêntica, mais similar aos originais que as quatro fontes já existentes no mercado, dos quais se destacam a San Marco (Linotype, Type before Gutenberg), e a Manuscript.

Os poucos scans disponíveis online não permitem isolar as letras, para fazer a sua digitalização directamente; as imagens são pouco contrastadas e não têm resolução suficiente; contudo, são muito importantes para obter uma ideia do fluxo e ritmo das palavras compostas.

A consulta da *Vita Christi* de V. Fernandes foi feita na Biblioteca Nacional em Lisboa, tendo que me socorrer de desenhos feitos à mão, já que na Secção de Reservados não se permite fotografar os impressos. Essa autorização consegui-a obter na Biblioteca Municipal do Porto, onde me foi permitido, a título excepcional, fotografar algumas páginas do exemplar das *Epístolas* de Cataldo aí guardado.

Com o detalhe e a nitidez assim adquiridos, foi possível melhorar substancialmente a fonte digital à qual dei o nome de «Valentim Fernandes». Já que não foi possível obter todas as maiúsculas do alfabeto (Valentim Fernandes não usava o W, Y e Z), a comparação com a Gótica Rotunda de Ratdolt foi um elemento decisivo para obter todos os glifos. A digitalização de letras individuais revelou-se relativamente difícil; a definição da altura e posição correctas, ainda mais, visto que estas letras mostram relações com a linha-base bem diferentes daquelas das Romanas. A solução apareceu, quando digitalizei algumas palavras completas, servindo estas de referência para os posicionamentos verticais e afastamentos horizontais (Métrica).

Bibliografia

- Haebler, Konrad. *Bibliografia Iberica del Siglo XV. 1903-1917*. Mansfield Centre, CT: Martino Publishing, 2000.
- Haebler, Konrad. *The Early printers of Spain and Portugal*. London, Bibliographical Society, 1897 (Reprint, 2002). In-octavo, (3) ff + 152 p. + 33 planches. Este livro, contendo 600 descrições, constitui uma vasta bibliografia dos incunábulos impressos na Península Ibérica.
- Haebler, Konrad. *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*. 1925. (veja o artigo seguinte).
- Haebler, Konrad. *Handbuch der Inkunabelkunde*. ISBN: 978-3-7772-7927-5, Paperback, 187 p. - 21 x 14 cm
- Brown, Michelle; Patricia Lovett, *The Historical Source Book for Scribes*, Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- Ernst Crous; Joachim Kirchner. *Die gotischen Schriftarten*. Leipzig, 1928
- Parkes, M. Scribes, Scripts and Readers. *Studies in the Communication, Presentation and Dissemination of Medieval Texts*. London, 1991.
- Overgaaauw, E., *Die Nomenklatur der gotischen Schriftarten bei der Katalogisierung von spaetmittelalterlichen Handschriften*, Codices Manuscripti 17 (1994)
- Kristian Jensen, ed., *Incunabula and their readers: printing, selling and using books in the Fifteenth Century*. London. British Library, 2003.
- Judith Schallansky. *Fraktur mon Amour*. Verlag Hermann Schmidt Mainz.
- Hendlmeier, W. *Kunstwerke der Schrift*. 1993.
- Albert Kapr. *Fraktur*. 1993

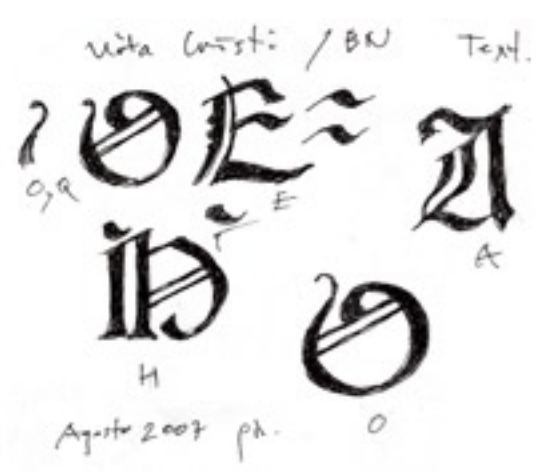
ículo optíma gñí
ículo optíma gñí

Digitalização de sílabas e palavras completas (rubro), para referência dos posicionamentos verticais e afastamentos horizontais (Métrica da fonte digital)



Cmas ainda tam sobejamente se agrava ha natureza que nom sinte sy ser ferida nem emferma. isto porque aparecem bõas ourinas boõas au goas. bõas digestiões. empero ho enfermo vay a caminõ da morte. e por tanto muytos medicos que em os enfermos soamente esguardam as ourinas superficialmente falam. q̄ lygeyramente sam emganados.

Prova de composição com a fonte digital Valentim, usando um trecho do livro *Regimento proueytoso contra ha pestenença*, impresso por Valentim Fernandes em 1496. Ao lado: diversos estudos de formas de letras.



Fonte Valentim Fernandes: Tabela de glifos

A B C D E F G H I J K L
M N O P Q R S T U V X Y Z.
a b c d e f g h i j k l m n ñ o p q
r s t u v x y z æ, ø ʒ ʔ

Ligaduras: Discretionary

Ligatures, feature OpenType

ff fi fl ff fl

ã â á à ä, é è ê ë, ì í î ï, ó ô õ ö ò ö, ú û ü ü, ý ÿ, ˆ, ˜, ...

A B C D E F G H I J K L M N
O P Q R S T U V X Y Z.
a b c ç d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x y z æ

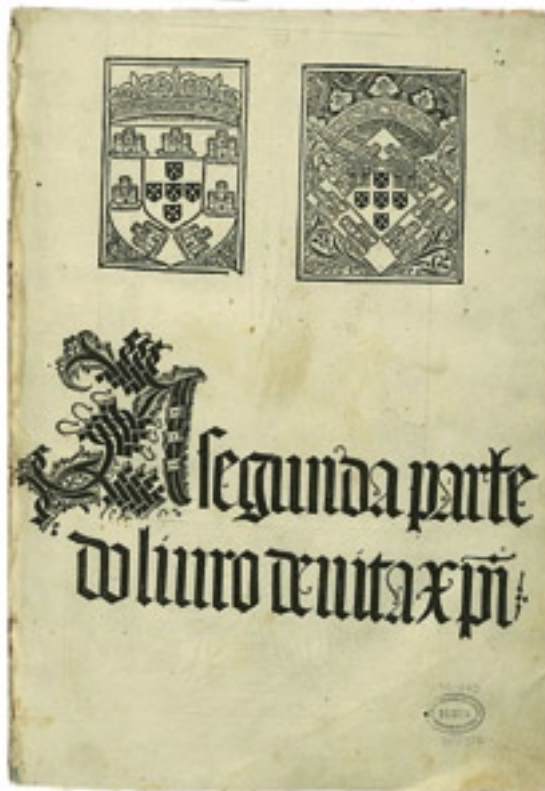
Enquanto a primeira versão digital (em cima) segue fielmente o padrão histórico, a segunda versão representa uma fonte com letras mais regularizadas, mais adequadas para a composição moderna.

O acabamento em «vírgula deitada» é um dos pormenores distintivos das maiúsculas usadas por Valentim Fernandes, diferentes das Góticas Rotundas usadas pelos seus colegas alemães a trabalhar em Espanha. As duas versões da fonte estão disponíveis em www.tipografos.net/fonts

M N O P Q R S T U



Nos incunábulos ibéricos, e também em alguns franceses, aparece uma forma sui-generis da Gótica: uma forma alta, esguia e condensada, quase uma caricatura das bojudas Rotundas. Este desenho de portada de livro foi usado por Valentim Fernandes. Estas letras não eram impressas com caracteres de metal, mas sim com xilogravuras. Para cada página de rosto, Valentim Fernandes fazia, ou mandava confeccionar letras à medida. O xilogravador, provavelmente um artista sem «feeling» tipográfico, produzia letras pouco regulares, muitas vezes com formas diferentes, mesmo as aparecendo na mesma linha. Estas formas toscas representam uma letra pobre; ao mesmo tempo são uma solução graficamente apelativa, de grande impacto. Na imagem: Título xilográfico das *Epistoles et Orationes* de Cataldo Sículo, impressas em Lisboa, por Valentim Fernandes, em 1500. Em baixo, outros exemplos.



Título xilográfico da segunda parte do livro Vita Christi, impressas em Lisboa, por Valentim Fernandes, com semelhantes letras altas e esguias.



Hermão de Campos imprimiu em 1516 o *Cancioneiro geral: cum preuilegio* / [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Reesende fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do principe]. Título em caracteres xilográficos.

Fonte **Incunábulo**, um set de minúsculas

abcçdefghijklmnoópqr
stuvwúvuxz ſtæff ſiſl ſiſſl, r.
gramatica pastrane
valentim fernandes
Epistole Ordenações



As letras xilogravadas usadas por Valentim Fernandes para as páginas de rosto das suas impressões são semelhantes, mas, nos detalhes, sempre diferentes. Para realizar a fonte digital «Incunábulo», foram escolhidas, entre as disponíveis em imagem de suficiente definição, as mais sugestivas, preservando algumas irregularidades que definem a «personalidade» desta forma tosca de letra alta e condensada. Das maiúsculas, sempre diferentes e complexamente elaboradas, foram reproduzidas apenas três letras, veja a página seguinte.

Fonte **Incunábulo**, com três maiúsculas ornamentais



¶ A epístola de santiago apostollo.
¶ As duas epístolas de sam Pedro apostollo.
¶ As tres epístolas de sam Jobam apsto e euāgelista.
¶ A epístola de sam judas apostollo.

A página de rosto da obra *Auto dos Apóstolos*, impressa por Valentim Fernandes.

OS AUTOS
DOS APOSTOS

Reprodução da página de rosto da obra *Auto dos Apóstolos*, impressa por Valentim Fernandes, usando a fonte «Incunábulo».



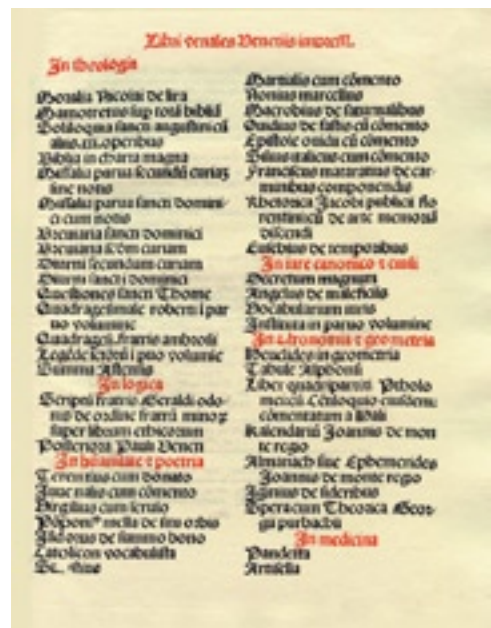
Em 1501, em 10 de Abril, Valentim Fernandes terminou a execução da obra *Glosa famosissima sobre las Coplas de don Jorge Marriq*, de Alonso de Cervantes; obra impressa em língua espanhola. (Acabose la presente obra corregida y emendada por el mismo autor. E emprimida en la muy noble çybdad de Lisboa reyno de Portugal por Ualentyn fernandez dela prouincia de Morauia Año del naçimiento de nuestro señor Jhesu christo de myl y quinientos y vno año. A diez dias del mes de Abril. (f. 20v^a).

Glosas

Fonte **Ratdolt**: set de glifos

A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
abccçdefghijklmnopqrstuvwxyz,
1234567890/âãäå,óòôõ,êëê,ü,ú
ûû,çfi do fl it i^e 9 † ‡ ... - - : ; , / . ⁂ ¶ § ! }

spt / 10pt. Erhard Ratdolt (1442 in Augsburg; † 1528) deutscher Drucker und Verleger. Er arbeitete in Venedig (1476/1485), danach in Augsburg (1486/1522). Ratdolt verliess Augsburg 1474 und gründete 1476 in Venedig eine Druckerei, zunächst gemeinsam mit Bernhart Daler (Pictor) aus Augsburg und Peter Loslein aus Langenzenn. Ausweislich der Kolophone ihrer Druckwerke schied Loslein aber schon vor 1478, Daler 1478 aus der Werkstatt aus, die danach von Ratdolt allein weitergeführt wurde. Ein Verkaufsverzeichnis von 1484 listet 46 lieferbare Titel auf, darunter eine grossformatige Bibel, Messbücher und Breviere, Werke des Augustinus und des Thomas von Aquin, Ausgaben von Terenz, Juvenal, Vergil, Martial, Sallust und Ovid sowie etwa ein Dutzend juristische, astronomische, mathematische und medizinische Werke. Anfang 1486 kehrte Ratdolt nach Augsburg zurück; ein vom 1. April 1486 datiertes Schriftmusterblatt, mit dem er sich seiner Kundschaft empfahl, bezeugt die Gründung einer neuen Druckerei in seiner Heimatstadt, die in der Folgezeit prachtvolle liturgische Bücher herstellte, insgesamt etwa 50 bis 60. Nach 1522 sind keine Druckerzeugnisse aus seiner Werkstatt mehr bekannt.



Prospecto de Ratdolt, anunciando os livros por ele impressos.

Fonte Ratdoldt: prova de composição

Tabule directionū profectio- nū q' famosissimi viri Ma- gistri Joannis Bermani de Regiomonte in natiuitatibus multum vtilis ed. Johannes Angelus. Augsburg: Erhard Ratdolt, 1490.



A regularidade e a exactidão da composição do mestre de Augsburg definem os mais altos padrões tipográficos dos incunábulos tardios. Comprove nesta folha de Boethius, Anicius Manlius Torquatus Severinus. *De institutione arithmetica*. Augsburg: Erhard Ratdolt, 1488. Quarto. 48 folhas. Scan: Waseda University Library, Japão.

Fontes Góticas: comparação das maiúsculas

A B C D E F G H I J K L M

B42

A B C D E F G H I J K L M N

Valentim Fernandes

A B C D E F G H I J K L M N

Ratdolt

A B C D E F G H I J K L M

Duerer Fraktur

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

B42

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Valentim Fernandes

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Ratdolt

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Duerer Fraktur

Esta comparação põe em evidência as grandes semelhanças estilísticas existentes entre os três grandes grupos das Góticas tipográficas tardo-medievais: a B42, uma representante da Textura, a Valentim Fernandes e a Ratdolt, exemplos de Gótica Rotunda, e a Duerer Fraktur, exemplo de uma Fraktur alemã.

A totalidade destas fontes estará disponível em www.tipografos.net/fonts, a partir de Janeiro de 2009.

Typeface Design, 1: Iniciação ao desenho de tipos

Workshops em 2009

Das noções elementares sobre a forma das letras até ao desenho de tipos digitais: este workshop integra todas as componentes para iniciar os participantes ao typeface design, oferecendo os seguintes módulos:

- Estrutura e anatomia das letras. Proporções e relações mútuas. Semelhanças e diferenças.
- Dos tipos de metal às fontes digitais: evolução tecnológica.
- Caligrafia e geometria.
- Como alcançar legibilidade?
- As particularidades do OpenType e os seus features: versaletes, algarismos antigos, Swash, ligaduras, etc.
- Desenhando letras com papel e lápis.
- Exercícios práticos.
- Tipografia digital: fontes, formatos, pesos, cortes, estilos (compressed, extended).
- Primeiros exercícios com pixel fonts digitais, realizados com o software online FontStruct.
- Domínio da ferramenta de typeface design FontLab da FontStudio. Desenho vectorial.
- O Tracing de scans. Depois da digitalização, preparação e posicionamento de gráficos vectoriais. Domínio das curvas Bézier.
- Teste de fontes.
- Tracking, Hinting, Métrica e Kerning.
- Do esboço ao produto final: Produção de uma fonte digital simples (1 peso, 1 corte).

Workshop dirigido a estudantes e profissionais de Design de Comunicação, este curso introdutório mostra a importância da tipografia através da estrutura dos tipos, a comparação de fontes clássicas e contemporâneas, assim como introduz os participantes ao desenho de letras.

São realizados esboços com técnicas tradicionais, logo transferidos para a produção de fontes com software *state of the art*.

Os participantes estudam as bases, Caligrafia e Geometria, levando os dois aspectos à síntese de uma fonte original, apta a ser usada em programas de texto e de paginação.

Os conteúdos do curso foram desenvolvidos como complemento à formação académica e à auto-aprendizagem, contemplando os temas e as necessidades da prática profissional.

As didácticas aplicadas são compostas por abordagens teóricas e muitas actividades práticas, *hands on* no computador.

Este workshop realiza-se nas instalações do docente ou, alternativamente, em espaço de trabalho adequado.

Software: Fontlab do FontStudio.

Número de participantes: Mínimo: 4. Máximo: 8.

Duração: 2 x 8 horas ou 4 x 4 horas.

Custo: 200 Euros/participante.

Desconto a grupos.

Docente: Dr. Paulo Heitlinger

Mais informações, sobre datas e inscrições:

Paulo Heitlinger, 91 899 11 05, 289 366 106, pheitlinger@gmail.com

Paginação profissional com InDesign CS

Workshops: Janeiro / Fevereiro 2009

Das noções elementares até ao layout profissional: este workshop integra todas as componentes para desempenhar profissionalmente as tarefas do design editorial contemporâneo, oferecendo os seguintes blocos:

- Tipografia digital: fontes, formatos, cortes, estilos. Seleção de tipos adequados.
- Espaçamentos e justificações. Grelhas. Domínio do InDesign e Illustrator.
- Layouts para cartazes, prospectos, rótulos, brochuras e livros. Newsletters e periódicos (jornais, revistas).
- Os passos para um Branding e/ou Corporate Design coerentes.
- Boas Práticas Tipográficas: onde observar as regras, onde ultrapassá-las. Como visualizar hierarquias de conteúdos.
- Digitalização, preparação e posicionamento de imagens e gráficos vectoriais.
- *Colour management* desde a imagem até ao documento final. Separação de cores correcta. CMYK e Pantones.
- Pré-impressão e arte final: os segredos do “bom acabamento”. Fotólitos e CPT.
- As virtudes do novo formato PDF/X.

Quais são as diferenças entre o desenho editorial para impressos e o chamado *on-screen design*? Dos milhares de *typefaces* digitais hoje disponíveis, quais são os mais adequados para dada tarefa? Que importância se deve dar à legibilidade, à hierarquia visual, aos *trends* e modas actuais? Como usar racionalmente grelhas, com defini-las? Como obter do *InDesign* a sua melhor performance?

Porquê preferir uma fonte OTF a uma TTF? Para que servem os SC, Swash, ligaduras, OSF e Titlings?

O curso é leccionado pelo Dr. Paulo Heitlinger, profissional com vasta experiência internacional no campo do Design editorial profissional, da Tipografia e do Typeface Design. É o autor da obra de referência «Tipografia, Formas e Uso das Letras».

Todos os pormenores apresentados no curso são sempre postos em prática através de exercícios feitos no PC.

Duração: 3 dias x 6 horas = 18 horas

ou: 2 dias x 8 horas = 16 horas

Computadores: Mac ou PC-Windows

Software: Adobe InDesign

Mínimo: 4. Máximo: 8.

Custo: 220 Euros/participante.

Mais informações, sobre datas e inscrições:

Paulo Heitlinger, 91 899 11 05, 289 366 106, pheitlinger@gmail.com

Baixe este prospecto em www.tipografos.net/workshops